UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

ESCOLA DE ENFERMAGEM

Barbara Felix Fragazi da Silva

**Egressas japonesas da Escola de Enfermagem da
USP: memória histórica da década de 1970**

São Paulo

2013

Barbara Felix Fragazi da Silva

**Egressas japonesas da Escola de Enfermagem da
USP: memória histórica da década de 1970**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em
Gerenciamento em Enfermagem (PPGEEn), da Escola de
Enfermagem da USP

Área de concentração: Fundamentos e Práticas do Gerenciamento
em Enfermagem e em Saúde

Orientador: Prof. Dr. Genival Fernandes de Freitas

São Paulo

2013

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Assinatura: _____

Data: ____/____/____

Catálogo na Publicação (CIP)

Biblioteca “Wanda de Aguiar Horta”

Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo

Silva, Barbara Felix Fragazi da

Egressas japonesas da Escola de Enfermagem da USP:
memória histórica da década de 70 / Barbara Felix Fragazi
da Silva. -- São Paulo, 2013.

213 p.

Dissertação (Mestrado) - Escola de Enfermagem da
Universidade de São Paulo.

Orientador: Prof. Dr. Genival Fernandes de Freitas

Área de concentração: Fundamentos e Práticas do
Gerenciamento em Enfermagem e em Saúde

1. História da Enfermagem 2. Mulheres 3. Cultura
4. Enfermagem I. Título.

Nome: Barbara Felix Fragazi da Silva

Título: Egressas japonesas da Escola de Enfermagem da USP: memória histórica da década de 1970

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Gerenciamento em Enfermagem da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Fundamentos e Práticas do Gerenciamento em Enfermagem e em Saúde.

Aprovado em: ____/____/____

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à minha família amada.

À minha mãe, Isabel, e ao meu pai de coração, Alexandre, por todo conhecimento, sabedoria, compreensão, amor e carinho demonstrados dia após dia durante a minha vida e em especial em minha trajetória científica. Suas leituras, palpites e correções foram essenciais na consolidação desta nova etapa. Obrigada!

Às minhas avós, Angelina e Odete, pelas rezas, torcida, pensamentos positivos e carinho, estando em São Paulo ou em Araraquara.

Aos meus avôs, Francisco e Milton, meus anjinhos da guarda, a saudade é imensa! Obrigada por olharem por mim daí de cima e tornarem mais essa conquista possível.

Aos meus lindos, Rafael e Breno, irmãozinhos queridos. Amo muito vocês!

À minha família espanhola, Soraya, D. Maria, Javi e ao pequenino que está a caminho. Mesmo tão longe, sei que sempre posso contar com vocês.

Ao meu pai, Marcus. Mesmo por um tempo estando distante, sei que nunca deixou de ser um grande torcedor e incentivador.

AGRADECIMENTOS

Ao meu melhor amigo, companheiro e maior amor, João Pedro. Por todo apoio, carinho e compreensão, principalmente nas minhas crises existenciais. Te amo muito!

Às minhas amigas queridas:

Carol e Camila, pelos mais de 20 anos de amizade, irmandade, conselhos e aventuras.

Às enfermeiras mais lindas, talentosas e especiais: Juliana, Bárbara, Natália, Marina, Marizilda, Taís, Raquel, Natany e Michelle. Passei ao lado de vocês os melhores anos da minha vida. Obrigada por estarem ao meu lado, nos bons e maus momentos, pelas brigas, puxões de orelha e também pelos elogios, apoio e conselhos. Vocês são demais!

Às veteranas Juliana Garrido e Natália Governatore, pelo acolhimento e amizade.

Aos melhores “minos das minas”, Renan, Felipe, Gabriel, Tuma e Gui.

À turma 64, a melhor turma de todos os tempos!

À minha segunda família, Maria Helena, Ludenor, João Paulo, Tia Amélia, Marcela e à toda família Sampaio Rocha e agregados, obrigada pelo carinho de sempre.

A toda família Aguiar, Felix e Cavalcanti.

Ao pessoal do Mendel, Natália, Paulinho, Fábio, Laís, Eduardo e Gustavo.
Mesmo sendo vítima de tantas brincadeiras, sei que vocês me amam!
Obrigada por estarem sempre presentes.

Aos que participaram e participam da minha trajetória profissional: equipe do Hospital Estadual de Francisco Morato, Dr. Alfredo Barros, equipe da Unidade de Convênios e Particulares e Diretoria Executiva do Instituto Central do HCFMUSP. Pude crescer profissionalmente nesses três anos e devo muito à sabedoria adquirida em cada uma dessas instituições.
Obrigada pelo aprendizado constante.

Aos membros do Grupo de Pesquisa História e Legislação da Enfermagem, pelas dicas e discussões e às colaboradoras dessa pesquisa pelo comprometimento, por confiar e partilhar comigo tantas lembranças especiais.

E, finalmente, mas não menos importante, ao querido Prof. Dr. Genival, que me acompanha há quase cinco anos e é um incrível e talentoso mentor. Obrigada pela orientação, empenho, paciência e por partilhar sua sabedoria. O senhor sempre será uma inspiração para mim.

Silva, B.F.F. Egressas japonesas da Escola de Enfermagem da USP: memória histórica da década de 1970 [dissertação]. São Paulo: Escola de Enfermagem, Universidade de São Paulo; 2013.

RESUMO

INTRODUÇÃO: Desde o início de suas atividades como instituição de ensino, o grande contingente de alunas orientais na Escola de Enfermagem da USP (EEUSP) é evidente, sendo ratificados pelos registros existentes no Serviço de Graduação da Escola, a presença expressiva de alunos dessa descendência, mais especificamente de japonesas. A década de 191970 caracterizou-se pelo maior número, além de ter sido um período de transição do sistema de internato para o sistema aberto, em que alunas e professoras deixaram de morar na Escola. O presente estudo teve como objeto o conhecimento sobre as experiências das ex-alunas japonesas (nikkeis e nisseis), egressas desta Escola, bem como suas vivências acadêmicas. **OBJETIVOS:** Descrever as vivências de alunas descendentes de japonesas egressas da Graduação na EEUSP na década de 191970; Conhecer como eram as normas estabelecidas pela Escola e pelos docentes e o dia a dia na Universidade, analisando essas questões sob a óptica do referencial teórico de Pierre Bourdieu. **REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO:** Trata-se de estudo descritivo, qualitativo, exploratório e de natureza histórico-social que utilizou a ferramenta da História Oral temática para a coleta dos dados. Optou-se pelo referencial teórico de Pierre Bourdieu para análise dos dados, o qual possibilita compreender e discutir a configuração e origem de diferentes espaços sociais, hierarquias, habitus, lutas simbólicas e capital cultural no campo acadêmico. Considerando-se o fato da década de 191970 apresentar o número mais expressivo de japonesas, selecionou-se uma colaboradora, inicialmente, como “*ponto zero*”, e a partir daí criou-se uma *rede*, com as indicações das próximas que seriam entrevistadas. Utilizou-se instrumento de coleta de dados para realização da entrevista semi-estruturada, com questões norteadoras que possibilitaram o desvelamento do fenômeno estudado, sendo realizadas dez entrevistas no conjunto. **RESULTADOS:** Levantou-se junto ao Serviço de Graduação da EEUSP a listagem dos nomes das alunas japonesas, desde a origem dessa Escola até 2010. Na década de 191970, aproximadamente 219

(30%) do total de alunas da Escola eram japonesas. Foram elaboradas nove categorias temáticas que emergiram dos discursos, a saber: origem e relação familiar; opção pela enfermagem; entendendo a expressiva presença japonesa na Escola; relação entre alunas e professores, relação entre alunas; festas, convivência social e atividades extracurriculares; disciplina na Escola, contexto histórico-político e fatos e lembranças marcantes. As falas permitiram retratar a memória dessas mulheres na EEUSP, contextualizando com o período histórico da Ditadura Militar, a transição entre o sistema de internato e o sistema atual (sem internato) e os fatos relevantes de suas experiências na Universidade. **CONCLUSÃO:** Os achados possibilitaram desvelar a interface de aspectos culturais com a escolha profissional das colaboradoras, bem como a formação pessoal e intelectual e o quanto as histórias dessas mulheres foi marcada pelas relações interpessoais com suas colegas e com o corpo docente. A escolha do referencial teórico mostrou-se adequado para a análise dos discursos, aproximando as falas aos conceitos de Bourdieu. Por fim, a pesquisa concedeu visibilidade e reconhecimento sobre acontecimentos vivenciados pelas alunas japonesas, evidenciando parte da identidade social da EEUSP.

PALAVRAS-CHAVE: História da Enfermagem; Mulheres; Japonesas; Cultura.

Silva, B.F.F. Grads Japanese students at University of Sao Paulo School of Nursing: historical memory of the 1970s [dissertation]. São Paulo: School of Nursing, University of Sao Paulo; 2013.

ABSTRACT

INTRODUCTION: Since the beginning of its activities as a teaching institution, the presence of a large numbers of eastern students in the School of Nursing of the University of Sao Paulo is evident, being ratified by the records in the Service Graduate, the significant presence of students of this descent, more specifically Japanese. The 191970s was characterized by the largest number of Japanese (Nikkei and Nissei), and this is a period of transition from internship to a open one. The present study had as its object the knowledge about the experiences of grads Japanese students, as well as their academic experiences during the graduation, linked to the political moment of the time. **OBJECTIVES:** To describe the experiences of Japanese descent students in the 191970s in EEUSP; to know how the standards were set by the School and the teachers and the routine in the University, analyzing these issues from the perspective of the theoretical framework of Pierre Bourdieu. **THEORETICAL-METHODOLOGICAL:** This is a descriptive, qualitative, exploratory and historical-social study,that used the tool of Oral History theme for the collection of data. We opted for the theoretical framework of Pierre Bourdieu to analyze the data, which allows us to understand and discuss the setting and origin of different social spaces, hierarchies, struggles symbolic and cultural capital in the academic field. Considering the fact the 1970 present the most significant number of Japanese, we selected a collaborator initially as "zero", and from there set up a network, with indications that the next would be interviewed. Instrument was used to collect data to perform the semi-structured interview, with guiding questions that enabled the unveiling of the phenomenon, being held in conjunction of ten interviews. **RESULTS:** In the 1970's, approximately 219 (30%) of total students from the school were Japanese. Were elaborated nine themes that emerged from the discourses, such as: home and family relationship; choice of nursing, the Japanese presence in school: understanding the significant presence; relationship between students and teachers, the relationship between students, parties, socializing and extracurricular activities, school discipline, historical and

political context and facts and remarkable memories. The speeches were rich in content, and can portray the memory of these women in EEUSP, contextualizing the historical period of military dictatorship, the transition between the internship and the current system (no internship) and the relevant facts of their experiences in University. **CONCLUSION:** The findings reveal the possible cultural interface with the professional choice of collaborators, as well as the personal and intellectual, and how the stories of these women was marked by interpersonal relationships with their peers and with faculty. The choice of theoretical framework was adequate for the analysis of discourse, the lines approaching the concepts of Pierre Bourdieu. Finally, research has given visibility and recognition of events experienced by Japanese students, showing part of the social identity of EEUSP.

KEYWORDS: History of Nursing; Women; Japanese; Culture.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Profa. Dra. Maria Rosa de Souza Pinheiro	60
Figura 2 – <i>Roof</i>	63
Figura 3 – Último uniforme da EEUSP	65
Figura 4 – Destaque da matéria publicada no Jornal Diário Popular	66
Figura 5 – Reportagem publicada no jornal A Gazeta	79
Figura 6 – Trecho de comunicado da diretora ao Reitor da USP	83
Figura 7 – Carta de repúdio do C.A. XXXI de Outubro	85
Figura 8 – Partitura do Coral da USP	86

LISTA DE GRÁFICOS E TABELAS

Tabela 1 – Número de alunas japonesas por década na EEUSP	50
Gráfico 1 – Número de japonesas formadas por década	50
Gráfico 2 – Cidades de origem das alunas que nasceram no Japão	51

LISTA DE SIGLAS

USP - Universidade de São Paulo

EEUSP- Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo

IAI – Instituto de Assuntos Internacionais

SESP – Serviço Especial de Saúde Pública

FAPESP – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo

DOPS – Departamento da Ordem Política e Social

TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

SUMÁRIO

1 – INTRODUÇÃO	17
1.1 Revisão integrativa	18
1.2 Objeto e problema de investigação	26
1.3 Justificativa	26
2 – OBJETIVOS	28
3 MÉTODO	30
3.1 Sujeitos da pesquisa.....	31
3.2 Local do estudo e justificativa do recorte temporal	31
3.3 Aspectos éticos.....	31
3.4 Estudo qualitativo	32
3.4.1 As ramificações da pesquisa qualitativa	37
3.4.2 História Oral Temática: coleta dos dados	38
3.5 Pierre Bourdieu: escolha do referencial teórico.....	40
4 – RESULTADOS	48
4.1 Perfil dos sujeitos participantes do estudo	49
4.2 Organização Temática das entrevistas	51
4.2.1 Categorização dos discursos	52

5 – DISCUSSÃO.....	75
6– CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	90
7– ANEXO E APÊNDICES.....	94
APÊNDICE 1: Questões Norteadoras	95
APÊNDICE 2: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	96
APÊNDICE 3: Entrevistas transcritas	98
ANEXO 1: Parecer do Comitê de Ética e Pesquisa	201
8 - REFERÊNCIAS.....	203

1. INTRODUÇÃO

1. INTRODUÇÃO

1.1 REVISÃO INTEGRATIVA

A Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo

Os primeiros hospitais criados no Brasil foram as Santas Casas e, no século XIX, estabeleceram-se aqui as primeiras Escolas de Medicina, já que eram raros os brasileiros que tinham condições de estudar tal prática na Europa (Sanna, 2002).

Nas primeiras escolas médicas, os cursos foram instalados pelo idealismo de grupos que visavam o desenvolvimento do Serviço da saúde. Em São Paulo, no início do século XX, a sociedade necessitava de enfermeiras de saúde pública, mas o governo do Estado alegava não ter condições para criar instituições de ensino que formassem tais profissionais (Oguisso, 2005).

O pioneirismo na formação de enfermeiras no Estado de São Paulo foi do Hospital Samaritano. Em 1896, este hospital foi o primeiro a adotar o sistema Nightingaleano¹, acolhendo alunas que sabiam falar inglês para morarem no hospital e ingressarem como praticantes na instituição, sob a supervisão da *matron* - palavra de origem inglesa que corresponde à gerente de enfermagem (Oguisso, 2005).

Desde a construção da Faculdade de Medicina da USP, em 1912, foi criado vínculo do governo de São Paulo com a Fundação Rockefeller. Tal Fundação, criada em 1913 nos Estados Unidos, autodominava-se como benemérita e era uma instituição de caráter filantrópico, religioso e científico, com uma organização de cunho

¹Sistema de ensino da enfermagem liderado por enfermeiros que dividia a educação das alunas em classes (alunas burguesas, *ladies nurses*, realizavam o trabalho intelectual, administrativo e de supervisão; as alunas pobres foram denominadas *nurses* e não pagavam os estudos, faziam o trabalho manual direto e primário) e preconizava a institucionalização da educação através do sistema de internato que caracterizava um forte vínculo no âmbito hospitalar.

paramilitar que tem como missão promover no exterior, por meio da pesquisa, o estímulo a melhorias nas questões de saúde pública, filantropia e ensino. (Kruse, 2006).

A Fundação estabeleceu acordos com outras unidades da Universidade de São Paulo, como a construção da Escola de Enfermagem, segundo os moldes da Escola Anna Nery, do Rio de Janeiro. Tal acordo só foi consolidado com a vinda ao Brasil de Mary Elizabeth Tennant, chefe da Seção de Enfermagem da Fundação Rockefeller e da então conhecida como Missão Parsons. Em 1942, durante o Estado Novo, foi assinado o decreto 13.040/42, que criou a Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo. Em 2 de janeiro de 1943, a Escola iniciou suas atividades, utilizando o regime de internato, sob a direção de Edith Magalhães Fraenkel, que ocupava na ocasião o cargo de Chefe do Serviço de Enfermagem do Hospital das Clínicas. Dentre os pontos fundamentais discutidos pela administração da Fundação Rockefeller e por *Miss* Tennant, estavam os princípios que orientavam o funcionamento da nova entidade: doando livros e equipando laboratórios, contribuindo com o orçamento, finanças, administração em geral e residências adequadas para as estudantes (Carvalho, 1980).

O ano de 1950 foi caracterizado pelo retorno de Getúlio Vargas à Presidência que, com apoio popular, criou empresas estatais e monopolistas para atuar na área de infraestrutura como petróleo, eletricidade e siderurgia (Ministério da Saúde, 1974).

Em 1954, a intervenção do Estado na economia passou a gerar fortes reações de alguns grupos contra o presidente. Tal oposição não conseguiu derrubá-lo do poder, mas após o atentado sofrido por Carlos Lacerda, um de seus maiores opositores, Vargas teve seu cargo abolido e preferiu o suicídio à renúncia (Fausto, 2000).

No ano seguinte, Juscelino Kubitschek foi eleito presidente e pautou seu governo em um Plano de Metas no qual estavam identificados os pontos críticos a serem superados com urgência no

País e definidas as prioridades, como a construção de uma nova capital na região central. Em 1960, na eleição presidencial, Jânio Quadros foi vitorioso. O presidente assumiu a imagem de “intérprete da vontade do povo”, prometendo a moralização e o combate à corrupção do país sem, no entanto, indicar o meio de fazê-lo. Seu governo foi marcado pelo crescimento da dívida externa e da inflação e pela diminuição de sua popularidade, o que culminou em sua súbita renúncia, em 1961 (Fausto, 2000).

João Goulart, sucessor de Jânio, assumiu o poder mesmo sem o apoio das Forças Armadas, que o associava a Serviços de esquerda e a comunistas. Devido a esse embate de interesses, o Congresso decidiu implementar o Parlamentarismo no país. Em 1963, com o retorno do Presidencialismo, Jango estabeleceu o Plano Trienal, visando recuperar a economia brasileira e as reformas de base, objetivando a distribuição igualitária de renda. Suas medidas populistas ameaçaram a elite e as Forças Armadas de tal forma que os fez acelerar uma conspiração para derrubá-lo do poder. O Golpe Militar de 1964 contava com o chefe do Estado-Maior do Exército, Castelo Branco, e com o apoio tácito do governo norteamericano (Fausto, 2000).

Neste contexto, a mesma elite que usou o populismo como um instrumento benéfico na época de Jânio, promoveu o desmantelamento do Velho Estado Populista – e de seu arcabouço jurídico-político – e a criação de um novo Estado que voltasse a atender seus interesses.

Em abril de 1964, o Regime Militar culminou com o cerceamento das liberdades individuais e a imposição da ideologia da “segurança nacional”. Durante o Período Militar, o movimento sindical e a classe intelectual sofreram forte rechaço, inclusive no âmbito da Universidade de São Paulo, em que alguns professores e alunos foram perseguidos, presos e até exilados, devido

principalmente às acusações de participação em manifestações contra o Regime (Schmidt, 1999). Essa situação perdurou até a década de 80, quando Tancredo Neves foi eleito, indiretamente, presidente da República Federativa do Brasil, voltando, assim, a prática do voto democrático, ou seja, a redemocratização gradativa do país (Fausto, 2000).

A cultura japonesa: apontamentos históricos

Além das circunstâncias histórico-sociais brasileiras, vale pontuar, tendo em vista que esse estudo trata das vivências de alunas descendentes de famílias japonesas, o entendimento sobre profissão e cultura, contextualizada em seu país de origem (ou de origem de seus pais ou avós) e o fenômeno imigratório que trouxe as famílias para o Brasil.

Historicamente, o Japão criou uma identidade cultural e social² ao longo dos anos. Essa identidade, dentre muitos fatores, contribuiu para mudanças sociais que levaram, efetivamente, a movimentos migratórios.

Segundo Oda (2011), durante o período Edo (1603-1868), o poder político era exercido através das relações entre o imperador e o *shogun*, o líder militar. No período Meiji (1868-1912), a figura do *shogun* é eliminada, mas o imperador permanece sem efetivos poderes políticos, uma vez que as novas elites conferiram a ele um novo papel simbólico. Esta visão menosprezada do poder imperial mudou através de uma poderosa política oficial que atuou nos meios de comunicação e nos currículos escolares, passando a difundir a

²A identidade cultural é um sistema de representações dinâmico das relações entre os indivíduos e grupos, envolvendo o compartilhamento de patrimônios comuns como a língua, artes, religião, trabalho etc; a identidade social pode ser uma faceta da cultural, caracterizada pela forma como o indivíduo compartilha as ideias e ideais de um determinado grupo, formando sua personalidade, mas também recebendo influências do meio onde realiza sua interação social. (Serra, 2005).

crença de que a instituição imperial deveria ser cultuada como expressão máxima do espírito japonês (Gluck, 1985; Yoshimi, 2000).

As elites japonesas começaram a implantar, através de modelos políticos e econômicos de países ocidentais desenvolvidos, a ideia de um Estado centralizado, pautado no avanço da economia industrial – iniciando, assim, o ciclo capitalista – e o sistema colonial em regiões asiáticas (como Okinawa, Hokkaido, Coreia, Taiwan e Manchúria), políticas essas legitimadas em nome do imperador, símbolo da tradição do país.

Foi no período Meiji que o serviço militar tornou-se obrigatório e ocorreram modificações sobre a lei tributária de terras. No âmbito da educação, intensificaram-se as ações voltadas para a alfabetização do povo, a publicação de jornais, revistas, livros e os estudos sobre as religiões, ideologias, ciências e literaturas, bem como as artes em geral tiveram considerável progresso. Essas ações visavam à construção de um Japão igualitário e democrático, bem como rico e respeitado (Oda, 2011).

A primeira consequência da derrota do Japão na Segunda Guerra Mundial foi a reorganização da sua constituição geográfica: inúmeros territórios asiáticos foram removidos do "Grande Império Japonês", diminuindo drasticamente a esfera da autoridade política japonesa, o que implicou em uma enorme onda migratória. Japoneses que até então viviam nesses territórios viram-se diante da necessidade de abandoná-los. De outro lado, milhares de asiáticos, principalmente coreanos e chineses, tiveram que retornar a seus países de origem. Essa crise fez com que muitos revissem o conceito ideológico de louvor à cultura japonesa construída anteriormente à derrota, colocando-a em uma posição de dependência e mesmo de inferioridade (Oda, 2011).

Além disso, no pós-guerra, os Estados Unidos ocuparam o Japão, intervindo diretamente nos assuntos de governo, acusando o país de realizar crimes de guerra e outras atrocidades. Uma vez que

a colonização japonesa na Ásia tinha chegado ao fim, não havia mais a necessidade de enfatizar ideais de miscigenação ou de pan-asianismo³. É justamente a partir dessa época que se solidifica a imagem do Japão como um país fechado e da população japonesa como uma nação etnicamente homogênea (Cardoso, 1998).

Ainda segundo Oda (2011), o processo-chave nessas mudanças foi o crescimento econômico que o Japão passou a mostrar após 1945. As empresas japonesas apresentavam grande aumento tanto de produção como de desenvolvimento tecnológico, e isso era impulsionado pela sociedade cada vez mais direcionada para o consumo. Essa importante produtividade das empresas japonesas era atribuída, por exemplo, à suposta ética japonesa de fidelidade e sacrifício herdada dos samurais ou então à atitude de conformismo derivada de princípios confucionistas ou, ainda, à rigorosa estrutura hierárquica própria da família tradicional.

Esse pensamento sugeria que o Japão teria não só alcançado, mas ultrapassado o próprio Ocidente, tornando-se mais moderno e avançado do que a Europa e os Estados Unidos graças ao caráter único de sua cultura. Surgia novamente o ideal triunfalista e, a partir das décadas de 50 e 60, a cultura japonesa voltou a ser vista como motivo de orgulho, pois não rejeitava as ideias capitalistas ocidentais, mas as incorporava e aperfeiçoava (Oda, 2011).

Na área da Saúde, o Japão iniciou a consolidação do sistema no século XX, quando o governo optou pela política de ocidentalização rápida em toda a sociedade, conseguindo mudar a Medicina exercida até então, baseada na prática médica chinesa. Marcado pela redução de taxas de mortalidade infantil e pelo aumento da expectativa de vida ao nascer, atribuídos também à oferta de educação – eficiente, obrigatória e gratuita – o Serviço da

³Termo referente à união das nações asiáticas como forma de criar uma identidade continental.

Saúde do Japão é, hoje, um dos mais bem sucedidos do mundo (The Lancet, 2011).

O complexo sistema denominado *Cobertura de Saúde Universal do Japão* completou 50 anos de existência em 2011. Foi criado em 1961, com resultados expressivos, graças às ações preventivas primárias e secundárias – e uso de tecnologias avançadas – para redução da mortalidade de adultos, principalmente ligada às doenças não transmissíveis. Dentre outras iniciativas, foram realizadas campanhas para a redução da ingestão de sal, contra o tabagismo, riscos cardiovasculares e prevenção de suicídios (The Lancet, 2011).

Com isso houve redução das desigualdades de saúde entre a população. Mesmo os cidadãos que não podem contribuir financeiramente têm os mesmos direitos à assistência médica garantida pela constituição do país (The Lancet, 2011).

A imigração japonesa

O desenvolvimento japonês era crescente, mas concentrado nas mãos de uma pequena aristocracia que acumulava riquezas vindas de atividades industriais e financeiras. A maioria da população, que vivia majoritariamente no ambiente rural, era submetida à cobrança de altos impostos e via-se em situação de extrema pobreza. Entre enfrentar a fome e a pobreza ou tentar trabalho e uma melhor condição de vida em outra pátria, os japoneses preferiram a segunda opção, procurando alternativas fora da ilha (Cardoso, 1998).

Em 1897, formaram-se cooperativas de emigração em dezoito províncias do Japão. Quando os países que tinham recebido os imigrantes japoneses começaram a limitar sua entrada, tornou-se

necessário encontrar novas regiões para canalizar o excesso populacional. Assim começou a fase da política migratória nipônica para a América do Sul (Hirano, 2009).

Os primeiros japoneses chegaram ao Brasil em 1908, logo após a abolição da escravidão, então era necessária mão de obra para substituir os escravos na agricultura, uma das principais atividades econômicas do país na época (Hirano, 2009).

Uma parcela da população brasileira deplorava os imigrantes japoneses “por pertencerem a uma sociedade considerada primitiva e racialmente inferior”, outra parcela defendia, com o argumento de que o Japão era a nação oriental em que os modernos padrões europeus haviam sido melhores assimilados, sinal de que a raça japonesa poderia influir positivamente sobre o Brasil (Lesser, 1999; Ramos, 1996; Seyferth, 1996).

A imigração continuou intensificando-se, principalmente entre meados da década de 20 e fins da década seguinte. Durante a Segunda Guerra Mundial, porém, quando o Japão foi declarado país inimigo, a política brasileira tendenciou para o lado mais hostil do debate. Foi quando ganharam força discursos sobre a barbárie da cultura japonesa e o "perigo amarelo" representado tanto pelo Japão como pelos imigrantes japoneses (Takeuchi, 2002).

Depois da guerra, a partir da década de 60, ocorreu uma guinada em sentido contrário. As opiniões negativas passaram a se ser minoritárias e, à vista dos brasileiros, o Japão tornou-se gradativamente símbolo de modernidade, desenvolvimento e progresso, um país que, por ter se tornado uma das maiores potências econômicas mundiais, deveria ser visto como modelo para o Brasil rumo ao primeiro mundo (Takeuchi, 2002).

A ascensão social de vários imigrantes japoneses na sociedade brasileira fortalecia tais ideais (Cardoso, 1998). A partir da década de 60, a imagem positiva deles e de seus descendentes é

consolidada, são tidos como trabalhadores e aplicados nos estudos, traços culturais vistos como *supostamente japoneses* (Lesser, 2007).

Nesta época ocorreu também a transição dos primeiros imigrantes orientais que trabalhavam na lavoura, como trabalhadores assalariados, para a condição de pequenos proprietários autônomos, que adentrariam na nova classe média de profissionais liberais (Handa, 1987).

1.2. OBJETO E PROBLEMA DE INVESTIGAÇÃO

A partir do conhecimento sobre a implementação da EEUSP e do desenvolvimento da Enfermagem no Brasil - principalmente dentro da Universidade de São Paulo - esse estudo problematizou as experiências das ex-alunas japonesas egressas, procurando descrever as circunstâncias em que se inseriram na Graduação e nas vivências acadêmicas na referida Escola na década de 1970.

1.3. JUSTIFICATIVA

A motivação originária dessa dissertação veio do interesse pessoal da pesquisadora pelo conhecimento adquirido em história da enfermagem, desde a graduação, quando desenvolveu trabalho de Iniciação Científica realizado com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), bem como o Trabalho de Conclusão de Curso em Enfermagem, com a temática das alunas japonesas da EEUSP, no período de internato, de 1953 até a década de 1970. Ademais, o despertar do interesse pela temática das alunas japonesas deu-se em 2008, ano em que Brasil comemorou o Centenário da Imigração Japonesa como parte dos eventos comemorativos nacionalmente. Além disso, na Universidade

de São Paulo há parcela importante do corpo discente e docente composta por japoneses.

Entretanto, a pesquisa atual aprofundou a temática estudada, preenchendo lacunas a partir dos discursos das ex-alunas egressas da EEUSP de origem japonesa.

Da EEUSP emergiram mulheres que muito contribuíram para a consolidação profissional da enfermagem no Brasil. O elevado número daquelas de origem japonesa apresentou-se como indagação inicial, justificando-se a pretensão de analisar essa expressiva presença durante a Graduação e, por que, atualmente, muitas ocupam cargos de extrema importância dentro ou fora da EEUSP.

Nessa perspectiva, ao descrever como era o dia a dia das ex-alunas na EEUSP, optou-se pelo referencial teórico de Pierre Bourdieu para análise dos discursos, que, por estudar a configuração e origem de diferentes espaços sociais, hierarquias e lutas simbólicas, certamente proporcionou discussão melhor embasada e consistente.

A partir do registro de depoimentos orais de sujeitos que têm preservado em suas memórias informações sobre a Graduação, objetivou-se tornar o resultado da pesquisa acessível por meio de fontes documentais produzidas com base na metodologia da história oral.

2. OBJETIVOS

2. OBJETIVOS

Os objetivos do trabalho consistem em:

- Descrever as vivências de alunas descendentes de japonesas (nikkeis e nisseis) egressas da Graduação na EEUSP, na década de 1970;
- Conhecer como eram as normas estabelecidas pela Escola e pelos docentes e o dia a dia na Universidade, analisando essas questões sob a óptica do referencial teórico de Pierre Bourdieu.

3. MÉTODO

3. MÉTODO

3.1 SUJEITOS DA PESQUISA

Os sujeitos em questão foram ex-alunas japonesas (nikkeis ou nisseis) que estudaram na EEUSP na década de 1970. Como critério de inclusão dos sujeitos para levantamento de dados quantitativos foi utilizada a identificação por sobrenome, foto e nacionalidade relatadas pelas alunas em sua ficha de dados pessoais, arquivadas no Serviço de Graduação da EEUSP, sendo incluídas ascendentes diretos ou gerações subsequentes. Cabe pontuar que o critério para a eleição das colaboradoras considerou as ex-alunas que se graduaram ou iniciaram a graduação na década de 1970.

3.2 LOCAL DO ESTUDO E JUSTIFICATIVA DO RECORTE TEMPORAL

O estudo, de natureza qualitativa, está embasado em entrevistas orais com ex-alunas de origem japonesa que estudaram na EEUSP na década de 1970. Década em que, segundo dados colhidos no Serviço de Graduação da Escola, a presença de alunas japonesas foi mais significativa, representando aproximadamente 30% dos estudantes. Para efeitos de mais clareza vale destacar que, em décadas posteriores, o maior contingente era de 20%.

3.3 ASPECTOS ÉTICOS

Como trata-se de uma pesquisa com seres humanos, a mesma atendeu à Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP), sendo elaborado um termo de consentimento

livre e esclarecido, submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa da EEUSP.

Após levantamento dos nomes de alunas japonesas no Serviço de Graduação da Escola de Enfermagem da USP, realizou-se o primeiro contato com possíveis colaboradoras, a fim de explanar sobre os objetivos da pesquisa e verificar a possibilidade e o interesse de estarem contribuindo através de depoimentos gravados.

Após a confirmação do interesse, a pesquisadora apresentou o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), elucidando quaisquer dúvidas das colaboradoras que foram entrevistadas em locais por elas escolhidos.

A entrevista somente foi disponibilizada para consulta ou publicação após o entrevistado ter conferido a transcrição e assinado o Termo de Cessão de Uso dos documentos gerados (gravação e transcrição).

3.4 ESTUDO QUALITATIVO

O núcleo básico de um trabalho qualitativo é a pretensão de lidar com o significado atribuído pelos sujeitos aos fatos, relações, práticas e fenômenos sociais, ou seja, “interpretar tanto as interpretações e práticas quanto as interpretações das práticas” (Praça, 2003). Há necessidade de esclarecer quais conceitos e teorias servirão de alicerce às articulações interpretativas.

Neves (1996) afirma que a pesquisa social tem sido marcada por estudos que valorizam o emprego de métodos quantitativos para descrever e explicar fenômenos. Contudo, pode-se identificar outra forma de abordagem que se tem firmado promissora como possibilidade de investigação: a abordagem interpretativa e qualitativa. Inicialmente aplicada nas áreas da antropologia e sociologia, nos últimos trinta anos esse tipo de pesquisa ganhou

espaço nas áreas da Saúde, Educação e Administração de Empresas.

O autor coloca, ainda, que enquanto os estudos quantitativos geralmente procuram seguir com rigor um plano previamente estabelecido (baseado em hipóteses claramente indicadas e variáveis que são objetos de definição operacional), a pesquisa interpretativa e qualitativa costuma ser direcionada, ao longo de seu desenvolvimento, não objetivando enumerar ou medir eventos e, geralmente, não emprega instrumental estatístico para análise dos dados.

Salgado (2009) destaca que a pesquisa em Ciências Sociais possui três correntes de pensamento contemporâneo: o Positivismo, a Fenomenologia e o Marxismo. O Positivismo surgiu na França, no início do século XIX, tendo como premissa a defesa de que o conhecimento científico é a única forma de conhecimento verdadeiro, e somente pode-se afirmar que uma teoria é correta se ela foi comprovada através de métodos científicos válidos.

Os positivistas não consideram os conhecimentos ligados às crenças, superstição ou qualquer outro que não possa ser comprovado cientificamente, através da observação e demonstração. De acordo com Triviños (1992), o Positivismo teve predomínio incontestável até a década de 1970, perdendo importância, pois a prática da investigação buscava resultados essencialmente estatísticos, amarrando o investigado ao dado, estabelecendo “relações estatisticamente significativas entre os fenômenos”.

A Fenomenologia busca compreender o significado que os acontecimentos têm para os indivíduos, em situações particulares, enfatizando-se a importância da interação simbólica e da cultura para a compreensão do todo. Baptista, Merighi e Freitas (2011) enfatizam que o pesquisador vai a campo objetivando captar o fenômeno a partir da perspectiva das pessoas nele envolvidas.

Já o Marxismo é mais amplo, observa as relações entre os indivíduos, considerando a forma que a tradição no emprego da análise marxista da realidade, fundada na filosofia do materialismo histórico e da luta de classes em nosso meio, e a complexidade do método dialético, pode levantar sólidas barreiras diante dos pesquisadores (Salgado, 2005).

A pesquisa qualitativa não se preocupa com representatividade numérica, e sim com o aprofundamento da compreensão a partir de um grupo social. Os pesquisadores, baseados em métodos qualitativos, recusam o modelo positivista aplicado ao estudo da vida social, uma vez que o pesquisador não pode fazer julgamentos nem permitir que seus preconceitos e crenças contaminem a pesquisa (Goldenberg, 1999).

Segundo Minayo (1994), a pesquisa qualitativa é caracterizada por não se preocupar com a realidade que não pode ser quantificada e por aprofundar-se em um “mundo dos significados das ações e relações humanas”. Proporciona, ao pesquisador, conhecer a dinâmica e estrutura do estudo focalizado através do ponto de vista de quem o vivencia em sua totalidade, considerando os sentimentos, valores e atitudes (Praça, 2003).

Este método procura informações de maneira sistemática, sem qualquer limitação ou controle imposto ao pesquisador (Moreira, 2004). As abordagens qualitativas envolvem, em sua totalidade, seres humanos, tratando-os como únicos e atribuindo significados às suas experiências provenientes do contexto da vida, podendo, assim, pensar e reagir livremente frente às questões. Seu material principal é a “palavra que expressa a fala cotidiana” (Minayo; Sanches, 1993).

Turato (2005) reafirma os pensamentos de Minayo (1993) e afirma que a pesquisa qualitativa deve trabalhar com valores, crenças, representações, hábitos, atitudes e opiniões. Não tem qualquer utilidade na mensuração de fenômenos em grandes

grupos, sendo basicamente úteis para quem busca entender o contexto no qual algum fenômeno ocorre. Em vez da medição, seu objetivo é conseguir um entendimento mais profundo e, se necessário, subjetivo do objeto de estudo, sem preocupar-se com medidas numéricas e análises estatísticas.

Em relação aos métodos e técnicas de pesquisa, os estudos qualitativos apresentam semelhanças e apontam para existência de uma infinidade de tradições de caráter teórico e filosófico em seu escopo. Na pesquisa, devem ser adotados referenciais teóricos e metodológicos que norteiam todas as fases do estudo e a escolha de tais referenciais deve ser feita de maneira que estes sanem a busca das necessidades do pesquisador pelo seu objeto.

Alencar (1999) ressalta que o pesquisador inicia o trabalho de campo com pressuposições sobre o problema da pesquisa, originadas do paradigma teórico que orienta o estudo. Tais pressuposições guiam a coleta inicial de informações obtidas por observações, anotadas no caderno de campo e gravadas e, após isso, analisa os dados obtidos e reelabora o roteiro de entrevistas para retornar ao campo. Dessa forma, as pressuposições iniciais do pesquisador, ou até mesmo o problema da pesquisa, são passíveis de modificação no decorrer do processo de investigação, seguindo os pressupostos da abordagem interpretativa e concentrando-se em nível micro da vida social, ou seja, nos modos pelos quais os indivíduos são capazes de interagirem uns com os outros.

Para Portela (2004), além da consciência do papel do pesquisador frente às exigências do projeto, deve-se buscar o controle da subjetividade, levando os sujeitos a expressarem livremente suas opiniões, respeitando os valores e responsabilidades do pesquisador para consigo e para com a sua profissão, fazendo interpretações através de um esquema conceitual, respeitando a expressão de opiniões, crenças, atitudes e preconceitos, etc.

A pesquisa qualitativa, logo, é um termo genérico que abrange múltiplos suportes filosóficos, éticos e métodos de pesquisa. Segundo Triviños (1992), o pesquisador tem total liberdade teórico-metodológica ao realizar seu estudo, sendo que o limite de sua iniciativa particular está na exigência de um trabalho científico. Eisner (2001), afirma que o pesquisador deve obedecer quatro qualidades (sensibilidade, ideia, imaginação e habilidade técnica) e a ausência de qualquer uma destas implica no prejuízo dos resultados da pesquisa. Ressalta, também, que o pesquisador deve dedicar-se à formulação de novas teorias e conceitos a partir dos dados coletados, sem deter-se à teoria adotada.

Segundo Minayo e Sanches (1993, p. 246):

“A análise qualitativa completa a que interpreta o conteúdo dos discursos ou a fala cotidiana dentro de um quadro de referência, onde a ação/e a ação objetivada nas instituições permitem ultrapassar a mensagem manifesta e atingir os significados latentes”.

Existem alguns rigores que devem ser obedecidos durante a pesquisa. O rigor ético apresenta alguns princípios que devem ser observados, como o consentimento livre e esclarecido dos informantes, a confidencialidade dos dados, a concordância em participar da pesquisa, a privacidade do pesquisado, a não intervenção na vida do pesquisado em função das abordagens do estudo e, finalmente, o compromisso com a divulgação dos dados obtidos.

Lincoln e Guba (1985) sugerem os seguintes critérios para construção da validade e legitimidade da pesquisa qualitativa: credibilidade, transferibilidade, consistência e confirmabilidade. Como procedimentos relativos à credibilidade, por exemplo, são indicados a permanência prolongada no campo, a checagem pelos participantes, o questionamento por pares, a triangulação e a análise de hipóteses rivais e de casos negativos. Estes são alguns dos

rigores que, quando respeitados, garantem um estudo conciso, coerente e consistente.

3.4.1 As ramificações da pesquisa qualitativa

Dois autores podem auxiliar na compreensão da “subclassificação” de uma pesquisa qualitativa. Creswell (1998) vê cinco “tradições” na investigação qualitativa: a biografia (ou estudo biográfico), o estudo fenomenológico, a *grounded theory* ou teoria fundamentada, a etnografia e o estudo de caso. Já Moustakas (1994) cita, de forma complementar, a hermenêutica e a heurística.

Essa pesquisa tem caráter biográfico que, segundo Creswell (1998), é o estudo de um indivíduo e de suas experiências, seja através de depoimentos, seja a partir de documentos e/ou material arquivado. Trata-se da descrição de momentos significativos da vida de um indivíduo, através de documentos vitais, incluindo histórias de vida e histórias orais temáticas.

Holanda (2006) diz que o estudo biográfico é um tipo de trabalho que se alicerça em diferentes disciplinas e é encontrado principalmente na literatura, na história, na antropologia, na sociologia e na psicologia. Representa uma pesquisa com “documentos de vida”.

Estruturalmente, ainda segundo o último autor referido, o estudo biográfico subdivide-se em quatro tipos: (a) estudo biográfico propriamente dito, em que a história individual é escrita por algum pesquisador, a partir de documentos e registros; a (b) autobiografia, em que a história é escrita pela própria pessoa; (c) história de vida, que consiste no relato de vida de um indivíduo, correlacionando-o com temas culturais, sociais e institucionais, através de uma coleta primária de entrevistas e conversas com o sujeito; e a (d) História

Oral, que é a reunião de lembranças de eventos, suas causas e efeitos, a partir de um ou de mais indivíduos.

3.4.2 História Oral Temática: coleta dos dados

O estudo, ora apresentado, é de natureza qualitativa, pois se valerá da metodologia da história oral, entendida como:

“um recurso moderno usado para elaboração de documentos, arquivamento, e estudos referentes à experiência social de pessoas e de grupos. Ela é sempre uma história do tempo presente e é reconhecido como ‘história viva’” (Bom Meihy, 2005, p. 92).

A História Oral divide-se em vários gêneros (vida, temática e tradição oral). Para este estudo será adotada a história oral temática que tem como principal objetivo o esclarecimento sobre um evento definido e tem objetividade direta.

Segundo Neves (1996), na pesquisa qualitativa existe um conjunto de diferentes técnicas interpretativas (entrevista não estruturada, entrevista semiestruturada, observação participante, observação estruturada, grupo focal) que visam descrever e decodificar os componentes de um sistema complexo de significados.

Logo, mesmo tratando-se de um assunto direto, viu-se necessário registrar a história pessoal de cada entrevistada a partir de um roteiro semiestruturado que contempla sua origem, relação com os pais e amigos, a escola e a religião, pois tais elementos podem contribuir para a compreensão das questões principais do projeto. Assim, as entrevistas contém um primeiro bloco de perguntas focadas na história de vida das entrevistadas.

O trabalho teve início a partir de um ponto zero, uma entrevista central, cujo entrevistado conhece a história do grupo, indica outros

entrevistados e serve como um guia capaz de orientar o andamento das entrevistas seguintes (Bom Meihy, 2005).

Após o término de seleção das entrevistadas, teve início o processo das entrevistas, realizadas com agendamento prévio, estruturadas, sendo utilizado gravador como suporte, além de um caderno de campo, que funcionou como diário em que foram registradas as condições e as impressões das entrevistas. A duração da coleta de dados ficou condicionada à disponibilidade e possível cansaço da narradora. A gravação constituiu-se como um documento que integrou o acervo de fontes orais do Centro Histórico Cultural da Enfermagem Ibero-Americana, da EEUSP.

Depois da coleta de dados, iniciou-se o processo de transcrição e transcrição dos depoimentos. Segundo Bom Meihy (2005), a mudança no discurso da língua falada para a escrita é muitas vezes inevitável e a transcrição é a forma mais viável para a tradução de uma língua para outra.

Este processo é dividido em três fases:

1. Transcrição absoluta: colocam-se as palavras da forma como foram ditas, em estado bruto; perguntas e respostas são mantidas, assim como erros e palavras sem peso semântico.
2. Textualização: eliminam-se as perguntas e erros gramaticais, procurando obter um texto claro e liso.
3. Transcrição: produto trabalhado, após passar pelas etapas anteriores. Quando aprovado pelo colaborador, é a prova da qualidade do texto final.

De acordo com Freitas *et al.* (2011), o número de sujeitos em uma pesquisa qualitativa não é estabelecido previamente, mas sim definido em razão do conteúdo e abrangência dos dados que vão sendo obtidos. Segundo esses autores, o encerramento de inclusão de novos sujeitos é decidido com base no conjunto dos dados coletados que evidenciará tanto a riqueza quanto a abrangência de significados contidos nos depoimentos. Nesse sentido, as

entrevistas trabalhadas são consideradas suficientes para desvendar o fenômeno estudado. No momento em que o conteúdo e os resultados tornam-se repetitivos, é hora de encerrar a coleta.

Entre as várias possibilidades de análise dos dados obtidos, optou-se pela análise de conteúdo proposta por Bardin (1977). A organização dos dados dar-se-á da seguinte forma:

1. Pré-análise:

- Leitura: após a transcrição na íntegra das entrevistas e releitura do texto a fim de captar as primeiras impressões;

2. Exploração do material:

- Elaboração das categorias, ou seja, classificação de elementos constitutivos de um conjunto (no caso, as entrevistas) por diferenciação e por reagrupamento segundo uma analogia e de acordo com critérios previamente definidos nos objetivos da pesquisa;
- Codificação: processo pelo qual os dados agregados em unidades permitem a descrição exata das características pertinentes ao conteúdo;

3. Interpretação dos conteúdos:

- Análise de conteúdos com a discussão das categorias que foram previamente escolhidas, correlacionando os discursos com a literatura e o referencial teórico sobre o assunto, transformando esses conteúdos em dados significativos e válidos.

Assim, foi possível estudar os dados obtidos de maneira mais igualitária, podendo categorizá-los e agrupá-los de forma a interpretá-los.

3.5 PIERRE BOURDIEU: ESCOLHA DO REFERENCIAL TEÓRICO

Por se tratar de um estudo que visa investigar como era ser estudante japonesa na EEUSP, levando em consideração aspectos

culturais, familiares, grupos de amizade, relacionamento com os professores e vivências durante a formação acadêmica, acreditou ser pertinente usar conceitos bourdieusianos como referencial teórico.

Pierre Bourdieu foi um dos grandes sociólogos do século XX, reconhecido internacionalmente. Elaborou um sistema completo de leitura das relações sociais, procurando desvendar o que se passa "por trás do pano" das sociedades, aplicando suas teorias principalmente no meio escolar. Quanto à sua formação, obteve o diploma de Filosofia na Escola Normal Superior, instituição de grande prestígio na França, na qual estudaram nomes como Jean Paul Sartre⁴, Simone de Beauvoir⁵, Albert Camus⁶ entre outros intelectuais. Foi professor de renomadas Universidades nos Estados Unidos e Europa. Fundou o Centro de Sociologia da Educação e da Cultura e o periódico *Actes de La Recherche en Sciences Sociales*, sendo premiado também por várias honrarias. O curioso é que, em relação a suas origens, seus genitores eram provenientes do meio rural e puderam ter discreta ascensão social – seu pai foi funcionário público (carteiro) e sua mãe pertencia a uma família de agricultores com nível social um pouco mais elevado - Bourdieu era de origem humilde e pode ser visto como uma exceção de seu próprio conceito de transmissão do capital cultural (Bonnewitz, 2003).

Seus pensamentos situam-se entre Marx, Durkheim e Weber. Em relação ao marxismo, as teorias relacionam-se no sentido de Bourdieu e Marx pensam a ordem social através da dominação, do antagonismo de classes: a realidade social seria um conjunto de relações de forças entre classes em luta umas com as outras. Diferentemente, no entanto, Marx considera que em relação as

⁴Filósofo, escritor e crítico francês, conhecido como representante do existencialismo.

⁵Escritora, filósofa existencialista e feminista francesa. Escreveu romances, monografias sobre filosofia, política, sociedade, ensaios, biografias e uma autobiografia.

⁶Escritor, romancista, ensaísta e dramaturgo francês nascido na Argélia.

classes sociais, a explicação de mecanismos de dominação está restrita ao campo econômico (Bonnewitz, 2003).

Quanto a Max Weber, Bourdieu aplicou os conceitos de representações na análise sociológica e o de legitimidade. Weber funda a sociologia compreensiva, na qual a atividade humana se orienta de acordo com um sentido que se deve compreender, tornando-se inteligível. Define, assim, a sociologia como “uma ciência que se propõe a compreender por interpretações a atividade social e com isso explicar casualmente o seu desenrolar e seus efeitos”, considerando a dimensão simbólica dos fenômenos sociais. A legitimidade é a qualidade do que é aceito e reconhecido pelos membros da sociedade, pode ser classificada como tradicional, carismática ou legal-racional. Assim, Bourdieu procura entender os mecanismos que fazem os dominados aceitarem a dominação, mostrando como os atores sociais produzem a legitimidade (Bonnewitz, 2003).

Bourdieu adota um estado de espírito e uma concepção da sociologia referenciada no pensamento de Émile Durkheim, definida como um estudo de fatos sociais, que se pauta no princípio da “maneira de fazer, fixada ou não, que exerce sobre o indivíduo uma coação externa”. Para Durkheim, faz-se necessário estudar os fatos sociais a partir de fora, como um observador exterior, por meio de uma abordagem positivista. Esse estudo exterior leva a uma ruptura do mundo objetivo (fatos) e o subjetivo (consciência, intuição). Durkheim propõe, também, um método comparativo, que estuda as correlações estatísticas entre variáveis para formular leis preditivas relativas ao fenômeno observado (procedimento objetivista). Contudo, Bourdieu procura evitar conceitos positivistas absolutos e universalismos atemporais quando detecta essas regularidades (Bonnewitz, 2003).

No campo político, Pierre Bourdieu realizou intervenções contra o neoliberalismo e em defesa do movimento social europeu. É possível dizer que criou uma sociologia incômoda, inervante, que desmistificou ilusões sociais coletivas, pois via como responsabilidade desta ciência fornecer meios para compreender os mecanismos sociais, desvelando o oculto e ajudando a “conhecer-te a ti mesmo”, fornecendo, assim, reflexibilidade aos indivíduos (Nogueira, 2009).

Bourdieu cumpriu serviço militar em plena guerra da Argélia (1954-1972), onde pôde exercer o professorado e lá realizar diversos trabalhos motivados pela situação da agricultura do país, que sofria uma passagem do sistema tradicional para o capitalismo moderno (Pereira, 2011).

Em um desses trabalhos, Bourdieu desenvolveu um dos conceitos-chave que inicialmente será contextualizado a seguir. O *habitus* é um conjunto de disposições para ações na vida de um indivíduo, a história incorporada ao corpo, cérebro, gestos, fala etc que dita modos adequados de viver e conviver, socialmente aceitos e que fazem sentido para o indivíduo ou grupo. Influencia seu modo de pensar, sentir e agir, podendo ser aplicado a estilos de vida, julgamentos políticos, morais, estéticos (Bonnewitz, 2003 e Barreira 2010).

O *habitus* articula o individual e o coletivo, através de uma incorporação do funcionamento da realidade social em um processo de interiorização que obedece à especificidade do lugar/posição de classe dos agentes (obedecendo a uma produção social dos agentes e lógica de ação). Tudo que somos é fruto de uma estrutura social herdada e de escolhas indiretas, cognitivas e do cotidiano, tornando-nos um ser social (Bonnewitz, 2003).

É possível dizer que o *habitus* é intrínseco, pois automaticamente julgamos quais são as ações consideradas “certas”, por exemplo. São, portanto, disposições incorporadas, o

impulso de fazer coisas de determinada forma, para perceber determinados comportamentos como adequados e aceitáveis de forma a conduzir a vida de certa maneira (está em um nível pré-consciente, herdado de família, do grupo de origem e aprendido por processos de socialização). As pessoas não existem sem ele e, conforme participam de diferentes grupos sociais, incorporam diferentes *habitus*. Logo, é um fator de reprodução social, sensível a mudanças que se reestrutura segundo trajetórias sociais do agente de forma constante através de experiências de vida e interiorizada ascensão, estagnação ou declínio social (Catani, 2011).

Segundo Bourdieu, 1980, p. 100:

“Os condicionamentos associados a uma classe particular de condições de existência produzem *habitus*, sistema de disposições duradouras e transponíveis, estruturas estruturadas dispostas a funcionar como estruturas estruturantes, isto é, como princípios geradores e organizadores de práticas e representações que podem ser objetivamente adaptadas ao seu objetivo sem supor a visada consciente de fins e o controle expresso das operações necessárias para atingi-los, objetivamente, “reguladas” e “regulares”, sem ser em nada o produto da obediência e regras e sendo tudo isso, coletivamente orquestradas sem ser o produto da ação organizadora de um maestro”.

Há dois elementos que compõem o *habitus*: o *ethos* (princípios, valores práticos inconscientes opostos à ética, que é a forma teórica, argumentada, explicitada e codificada da moral) e a *hexis* corporal (postura, disposição e relação do corpo). Para Bourdieu, as primeiras experiências dos agentes da família estruturam o *habitus* primário que determinará a percepção e apreciação de experiências posteriores. O *habitus* primário é mais duradouro e antigo, também chamado de socialização primária, é a educação ligada à posição social que a família ocupa. O *habitus* secundário refere-se ao aprendido, aos relacionamentos adquiridos com terceiros, em um convívio paralelo ao familiar. Logo, é possível dizer que os

indivíduos não são seres autônomos e autoconscientes, nem mecanicamente determinados pelas forças objetivas, eles são orientados pelos *habitus* (Bonnewitz,2003).

Quando Bourdieu retornou à França (depois de ter estado na guerra da Argélia), tornou-se assistente da Universidade de Lille e, junto a outros sociólogos, desenvolveu outros conceitos. Ele afirma que só é possível compreender uma obra, seu valor ou a crença que lhe é dada, após conhecer a história do campo no qual tal obra foi produzida (Bourdieu, 1989).

Para o autor mencionado, um *campo* é onde determinado tipo de bem é produzido, consumido e classificado e é aí que os indivíduos lutam pelo controle de produção através dessa rede/configuração de relações objetivas entre posições (difundidas objetivamente pelos agentes por distribuição de diferentes formas de capital e poder) que comandam o “jogo” e as posições de dominação e subordinação.

Os campos têm lógica própria e apresentam-se homólogos a outros (o campo cultural não é tão diferente do econômico, por exemplo, já que ambos possuem relações de força, capitais específicos, estratégias e interesses). Eles articulam-se entre si sem possuir fronteiras delimitadas.

Sendo assim, em cada *campo* existe uma luta que se dá entre o novo, que está entrando e tentando forçar seu direito de entrada, e o dominante, que tenta preservar seu monopólio e excluir a concorrência. Para que esta luta seja mantida é preciso que, além dos objetos de disputas, existam pessoas prontas a disput-los, isto é, dotadas de *habitus*, que pressupõe o conhecimento e o reconhecimento das normas ou leis imanentes do jogo, dos objetos de disputa (Bourdieu,1989).

A sociologia de Bourdieu é indissociável da cultura, pois é através dela que os dominantes garantem a dominação. É um sistema de significações hierarquizadas, que mantém a distância entre as classes sociais. A cultura pode ser antropológica (maneiras de fazer, sentir, pensar, próprios de uma coletividade humana, tudo que é adquirido e transmitido), no sentido corrente (conhecimentos científicos, artísticos, literários, opõe o culto do inculto) ou de sentido sociológico (conjunto de valores/normas/práticas adequadas e compartilhadas por uma pluralidade de pessoas). É um conjunto de esquemas de percepções e de formas de ver o mundo, capaz de criar crenças e teorias sociais nem sempre facilmente aceitas que levam a lutas simbólicas (Bonnewitz, 2003).

O capital social, por exemplo, corresponde à rede de relações interpessoais que cada um constrói, com os benefícios ou malefícios que ela pode gerar na competição entre os grupos humanos. O conceito de capital cultural é utilizado como outra explicação do capital econômico e do capital social (rede de relações sociais), mas bem como estes, constituídos por redes de relações de prestígio, se situam agentes em posições definidas no espaço social. O capital cultural é a qualificação intelectual produzida e habilidades transmitidas na família ou adquiridas na escola. Pode ser incorporado (forma de falar), em estado objetivo (bem cultural) ou institucionalizado (títulos acadêmicos), por ações sociais (conjunto de relações sociais) ou simbólico - conjuntos de rituais e boas maneiras (Bonnewitz, 2003).

Relacionado ao conceito de capital cultural,

“O interesse que um agente (ou uma classe de agentes) tem pelos estudos (o que é, juntamente com o capital cultural herdado, do qual ele se depende parcialmente, um dos fatores mais poderosos do sucesso escolar), depende não somente do seu êxito escolar atual ou pressentido (i.e, de suas chances de sucesso dado seu

capital cultural), mas também do grau em que seu êxito social depende de seu êxito escolar” (Bourdieu, 2004, p. 156).

Analisando os conceitos apresentados, faz-se a relação com a definição de violência simbólica associada a lutas simbólicas. Nessa direção, a violência simbólica é a inculcação de significações e legitimações das distinções sociais através da imposição de um arbitrário cultural como universal, privilegiando o privilegiado. A cultura aceita é a da classe dominante, que leva ao reconhecimento de uma superioridade e legitimidade (desvalorizando o saber e o saber fazer em favor dos saberes socialmente legitimados), fazendo com que os outros vejam como "natural" as representações ou ideias sociais dominantes. O que é “natural” para o dominante é a estranheza e o embaraço do dominado; familiarização sensível/precoce *versus* inculcação escolar tardia (Bonnewitz, 2003).

Desse modo, ao analisar a inserção das colaboradoras no campo institucional da EEUSP, pretendeu-se conhecer suas vivências nas relações e interações com docentes, direção da instituição e os próprios funcionários, levando em consideração a cultura japonesa e o capital cultural adquirido em suas formações pessoais e familiares determinantes de um *habitus*.

Nesse jogo de interesses e de forças ampliou-se o debate acerca de sua inserção, o quanto foi possível ou não lidar com estes jogos no âmbito da Escola e as estratégias que possivelmente foram utilizadas para lidar com esse campo da formação institucional da enfermeira.

4. RESULTADOS

4. RESULTADOS

O perfil apresentado sobre as alunas japonesas que estudaram na Escola de Enfermagem da USP é um dado relevante para o estudo, pois norteou a pesquisa de possíveis colaboradas e caracterizou quem eram essas mulheres, suas cidades de origem, seus dados pessoais e o reflexo deles nas vivências na academia.

4.1 PERFIL DAS ALUNAS JAPONESAS EGRESSAS DA EEUSP

Foi realizado levantamento, no Serviço de Graduação da EEUSP, das fichas de inscrição dos sujeitos da pesquisa.. Esta abordagem quantitativa possibilitou a mensuração de dados complementares sobre os sujeitos para posterior avaliação e inter-relação com os discursos.

Os nomes das ex-alunas foram levantados a partir da lista das turmas de acordo com o ano de conclusão do curso, constituindo-se tais documentos como fontes históricas primárias, que integram a presente investigação. Para facilitar a identificação da origem das egressas, observou-se cada fotografia nas fichas de matrícula das alunas como forma de complementar a identificação.

Foram levantados 527 nomes de alunas descendentes de famílias japonesas (de um total de 2924 estudantes no período de 191970 a 2010), o que corresponde a 18%.

Tabela 1: Número de alunas japonesas por década na EEUSP (191970 a 2010).

Década	Número total de alunos	Número de Japonesas	Porcentagem
1970	715	219	31%
80	723	153	21%
90	722	81	11%
2000	764	74	10%

Fonte: Serviço de Graduação, EEUSP. São Paulo, 2012.

Gráfico 1 : Número de alunas japonesas por década na EEUSP (191970 a 2010).

Fonte: Serviço de Graduação, EEUSP. São Paulo, 2012.

Isoladamente, na década de 1970, obteve-se 219 nomes, cerca de 30% do total de alunas. A média de idade no ano de formação foi de 23,5 anos. Somente 13 alunas nasceram no Japão, conforme especificação de localidades no gráfico abaixo. Cabe pontuar que na ficha de cada aluna observou-se que a anotação “Nda” era referente à não identificação da cidade de origem.

Gráfico 2 : Cidades de origem das alunas que nasceram no Japão (191970 a

Fonte: Serviço de Graduação, EEUSP. São Paulo, 2012.

As alunas japonesas da EEUSP, nascidas no Brasil, eram, em boa parte, provenientes de cidades do interior dos Estados, mormente em localidades voltadas para atividades agrícolas. Tal constatação se confirmou pelos dados do Censo de 2000 que mostrou que 9% dos municípios brasileiros contavam com a presença japonesa, em especial nos Estados de São Paulo e do Paraná (Werneck, 2009).

4.2 ORGANIZAÇÃO TEMÁTICA DAS ENTREVISTAS

Foram realizadas dez entrevistas, que passaram pelo processo de transcrição e transcrição, dos quais emergiram categorias que sintetizam os discursos de cada uma das colaboradoras do estudo. Assim, como síntese da sistematização dos achados, apresenta-se, a seguir, os discursos eleitos de cada categoria.

4.2.1 Categorização dos discursos

A fim de assegurar o anonimato dos sujeitos participantes, os mesmos foram identificados pela letra **C** seguida do número correspondente, de **1** a **10**.

Foram criadas nove categorias: origem e relação familiar; opção pela enfermagem; entendendo a expressiva presença japonesa na Escola; relacionamento entre alunas; relacionamento entre alunas e professoras; disciplina na Escola; festas, convivência social e atividades extracurriculares; contexto histórico político e fatos ou lembranças marcantes.

Categoria 1 - Origem e relação familiar

A categoria “Origens e relação familiar” retratou a convivência da colaboradora com sua família, atenta às diferenças culturais dessas e o quanto isso poderia ter influenciado nas escolhas futuras dessas profissionais, em especial no momento de decidirem pela carreira da enfermagem.

“Meus pais quiseram vir do interior para cá para a gente poder estudar, e eles sempre valorizaram muito o estudo (...) tinha uma cobrança muito grande que a gente se empenhasse bem (...). Eles eram muito rigorosos, sempre foram.” (C3)

“ Na raça japonesa os pais são pouco afetivos, têm uma relação um pouco mais fria, mais formal e em casa não fugia da regra. (...) Na adolescência meu pai me restringiu muito em termos de horário, de saída, mas, por exemplo, a gente tinha liberdade, essa coisa de restringir livros, (...) a gente lia escondido do meu avô, mas não dos meus pais.” (C4)

A leitura dos depoimentos revela que a educação dos japoneses se caracterizava pela forte disciplina. Falar a língua materna em casa, casar somente com descendentes de orientais, se alimentar conforme a culinária nipônica eram traços marcantes dessa cultura e demonstravam as principais exigências de muitas famílias.

“Essa coisa de não misturar, casamento, meus dois irmãos foram casar com brasileira, você não sabe o sofrimento que foi, minha mãe só chorava. No fim, foram as duas cunhadas minhas que mais deram apoio para eles quando eles ficaram doentes. Muda a visão.” (C6)

“Eles eram rigorosos em algumas questões, por exemplo, em relação ao casamento, mas de uma maneira geral eles acharam que eu era brasileira e devia ter um espaço dentro da sociedade brasileira e, justamente por isso, meus avós me deram a oportunidade de estudar. Minha avó não vê diferença entre homem e mulher. Mulher pode ter tanto quanto homem, ela dizia até que eu podia ser presidenta.” (C2)

As colaboradoras afirmaram ter problemas relacionados a casamentos com ocidentais. Contudo, observou-se nos depoimentos que depois de algum tempo, houve maior adaptação aos costumes brasileiros e a postura dos seus familiares também modificou.

“Eles não eram rígidos, eram diferentes, nós somos protestantes, meu pai é pastor protestante também, foi uma educação mais voltada para o protestantismo (...). Acho que rígido todo mundo naquela época era, se for comparar com o dia de hoje, (...) mas de resto eu conversei muito com eles, eu me lembro de conversar muito, tive uma relação extremamente diferenciada porque nas famílias orientais, antigamente, não agora, a filha caçula não abria a boca para falar nada. Eu sempre tinha alguma coisa, pediam opinião, eu sempre tive opinião própria, tanto é que a escolha de carreira foi por minha conta.” (C3)

“Meu pai tinha intenção de voltar para o Japão com a família. Ele, no início, tinha uma restrição em relação ao idioma. Nós tínhamos que falar mais o japonês do que o português. (...) Eu aprendi o português na escola primária, até então só falava japonês. Foi uma coisa difícil porque eu não estava entendendo o que a professora falava, eu me limitava a copiar o que estava no quadro.” (C2)

Por falar somente japonês em casa, C2 não entendia o que lhe diziam na escola primária, limitando-se a replicar o que lhe era ensinado. A língua se tornou uma barreira de comunicação, seu *habitus* primário, adquirido no âmbito familiar, correlacionado com a cultura japonesa, foi uma barreira para sua adaptação cultural em outro país.

Categoria 2 - Opção pela Enfermagem

Como já estavam estabelecidas no Brasil, após terem concluído o ensino médio, as colaboradoras tiveram que optar por uma profissão. Para tanto, observou-se diversas motivações para tal, dentre elas:

“No terceiro colegial, um professor nosso deu um trabalho para a gente fazer sobre as profissões. Eu me lembro que fui de um grupo sobre Enfermagem. (...) Eu fui ao Hospital Samaritano conhecer essa escola Job Lane e eu gostei muito e resolvi, ali, que eu ia fazer Enfermagem. Quando eu falei para minha mãe que eu ia fazer Enfermagem, ela me deu total apoio, ela me falava uma coisa que eu guardo até hoje: “Enfermagem é uma profissão para a vida, não é só uma profissão, é uma coisa que você aproveita para a vida”. E olha, é tão verdadeiro isso. (...) Te dá uma formação como pessoa muito boa, você entra em contato com esse lado humano, você deixa de lado muita frescura dessa vida porque você começa a ver as coisas mais na sua essência.” (C4)

“Eu fui fazer cursinho para Medicina, estava fazendo curso médio, no ano de 1970, fazendo cursinho e (...), um professor de

matemática disse assim “Pessoal, vocês ficam se batendo por Medicina, vocês tem outras opções, tem Enfermagem, eu tenho uma irmã que é enfermeira e ela está muito bem.” (C9)

Pela indicação de professores do cursinho ou por não ter conhecimento de outras opções na área da Saúde excluindo Medicina, algumas colaboradoras optaram pela Enfermagem, procurando conhecer o curso e a Escola de Enfermagem da USP, onde estudaram.

“Eu fui prestar vestibular, prestei para Medicina e, como não passei, um dia minha mãe falou assim para mim: “Vem cá ver essa reportagem!”, e tinha uma reportagem em um jornal japonês, um encarte muito extenso sobre a Escola de Enfermagem da USP dizendo que tinha residência e convidando as pessoas, as mulheres principalmente, para cursar. Aí um dia eu vim conhecer a Escola, fiquei encantada com a residência e decidi fazer Enfermagem por conta disso.” (C1)

“Meus pais eram amigos da família de uma ex-professora daqui da Escola, professora Euriko Kamirama e, como a professora Euriko ingressou e se tornou docente daqui, minha mãe sempre comentou dessa perspectiva, dessa possibilidade de eu ingressar nessa faculdade.” (C5)

“Eu não tinha muita ideia do que era Enfermagem (...) e era uma das poucas oportunidades que você tinha de fazer uma faculdade, e sem gastos, você tinha internato, (...) banho, roupa lavada, limpinha, alimentação etc. (...) E eu tinha uma colega que fazia Enfermagem.” (C2)

A busca por estudantes era intensa, e a Escola viu como forma de atraí-los publicar reportagens sobre a EEUSP e o internato em jornais de São Paulo, inclusive em jornais japoneses que eram distribuídos nesta comunidade. Conforme contextualizado na introdução deste estudo, a EEUSP surgiu para suprir a necessidade da formação de enfermeiros para atuar na área de Saúde Pública.

O fragmento abaixo ilustra bem tal situação:

“Acontece, pois, que ninguém pode gostar de uma profissão e desejar segui-la se não tem conhecimentos suficientes (...). Em relação com a enfermagem talvez seja isso que aconteça. Sabe-se que o Brasil precisa de milhares de enfermeiros. Entretanto são pouquíssimas candidatas que se enfrentam cada ano para os vestibulares. (...) Faltam elementos avante uma organização que visa satisfazer as necessidades da enfermagem no Brasil” (Jornal A Gazeta, ano de 1960).

No tocante à opção pela profissão da enfermagem, a fala seguinte retrata outras influências.

“Eu fui a uma festa e tinha... não sei se atendente ou auxiliar de Enfermagem da Santa Casa de Santos, e ela falou muito bem da Enfermagem e aquilo ficou na minha cabeça. (...) A mãe da minha mãe foi enfermeira no Japão, mas minha mãe não quis que eu fizesse, eu não conheci minha avó e eu não sei se ela falou alguma coisa contra, eu não sei, só sei que minha mãe não foi (...). Na escola todos os meus professores foram do contra, (...) a professora de inglês sabia que eu não gostava de guerra e eu lembro que ela falou: “Pensa bem, são os enfermeiros que quando estourar uma guerra são os primeiros que vão na frente de batalha”. Até hoje eu não me esqueço disso. E como todo mundo era do contra, e década de 1970 a gente era muito do contra, eu resolvi fazer Enfermagem.” (C4)

“No meu ponto de vista, eram poucas oportunidades que você tinha de fazer uma profissão e tal. (...) Mas na nossa época a Enfermagem não era muito bem vista, falavam que enfermeiro era coxão mole de médico.” (C2)

Algumas colaboradoras, contrariando, por vezes, a vontade de familiares e amigos, cursaram o Bacharelado em Enfermagem, outras viram na profissão uma das únicas oportunidades de emancipação e independência financeira na época.

Categoria 3 - Entendendo a expressiva presença japonesa na Escola

Ao tentar desvelar a expressiva presença japonesa na Escola, durante as entrevistas, um fato relevante observado nas falas diz respeito ao anseio que os pais tinham acerca de um futuro melhor para as filhas. A maioria teve pais que trabalharam nas lavouras, no interior de São Paulo ou em outros Estados.

“E a cultura era muito forte, lógico, eles queriam manter a cultura e voltar para o Japão. Só que explodiu a Segunda Guerra Mundial e eles ficaram, aliás, eles vieram por conta da explosão demográfica no Japão. E eles centralizaram na agricultura e aí, depois, não houve mais possibilidade de voltar, ficou muito complicado voltar e nós permanecemos aqui.” (C9)

“Como uma geração de transição entre o japonês nascido no Japão e a primeira geração depois dessa, para nós foi muito complicado isso, porque tivemos que deixar muita coisa da cultura japonesa e do jeito de ser japonês para vivenciar o contexto social diferente. Embora a gente esteja muito bem inserida, não tenha grandes dificuldades de ser aceita etc., a gente tem que se adequar ao jeito de ser, na carreira acadêmica, para galgar os postos acadêmicos.” (C4)

“Na época tinha muitos nisseis. Assim como tinha na Enfermagem, tinha na Medicina também. Deve ser alguma característica da época porque nossos pais foram aqueles que vieram do Japão, foram para a roça e que sonhavam com o melhor para os filhos, em trabalhar para os filhos. Vieram para São Paulo, para a Capital e permaneceram aqui, tiveram seus filhos e eles faziam questão que a gente estudasse para melhorar de vida.” (C1)

“Pode ser uma característica do assistencialismo, de querer servir, acho que isso motiva as pessoas a buscarem um curso que possibilite essa oportunidade.” (C2)

Para retornar à terra natal, era essencial que esta segunda geração de japoneses tivesse ensino superior, e as mulheres orientais escolheram a enfermagem como uma das carreiras possíveis, uma vez que a EEUSP oferecia facilidades como o internato. Aqui, tornava-se clara a relação com o capital cultural institucionalizado (Bonnewitz, 2003).

“Eu creio que a cultura japonesa valorizava o estudo como forma de superação, as famílias que vieram para cá não eram famílias ricas, eram famílias de classe média baixa. A maior parte proveniente da zona rural, e o estudo, ter um diploma, uma profissão que não aquela de ficar na roça, na agricultura, que não era tão mecanizada quanto hoje, era uma forma de ascensão pessoal e social, uma forma de ser reconhecido. Então se faziam muitos sacrifícios para os filhos entrarem na universidade.” (C3)

“Eu assustei bastante porque o mundo fechado e circuito bastante reduzido das inter-relações da família com o mundo de repente ficou muito grande para mim, eu fiquei muito assustada. Depois eu devo ter acostumado, tive dificuldade de conhecer outras pessoas, de conviver com pessoas tão diferentes umas das outras, mas foram aspectos positivos que me fizeram crescer como pessoa e serviram de base para a profissão.” (C5)

“Vejo que há muitos orientais na enfermagem porque, na época de 1960 até mais ou menos 1970, no meu ponto de vista, as mulheres japonesas são submissas ao sexo masculino e essa relação, ao analisar a relação médico e enfermeira, tem alguma analogia isso. (...) Hoje eu não vejo um peso tão grande quanto naquela época, de 60 até a década de 80, eu imagino que as famílias se integraram mais e perderam a identidade originalmente das famílias japonesas, quando as mulheres eram realmente submissas aos homens.” (C5)

A maioria das colaboradoras não percebeu maiores dificuldades de adaptação com a cultura brasileira, pois muitas já eram nascidas no Brasil e, mesmo tendo uma forte presença da cultura oriental em sua criação, quando chegaram à idade de

ingressar na faculdade, souberam lidar com as diferenças da cultura ocidental, chegando a incorporar essa cultura dos cuidados orientais na Academia.

Categoria 4 - Relacionamento entre alunas e professoras

Nesta categoria fica claro nas falas a presença de uma forte figura para as alunas na época: a diretora, Dona Maria Rosa de Sousa Pinheiro. Sua direção vigorou durante todo o regime de internato e ela tinha características peculiares em sua personalidade, como destacam as falas das ex-alunas.

Ao mesmo tempo em que era rigorosa – era conhecida como “Estado Maior” entre as estudantes – no que se refere à disciplina e à educação das alunas, Maria Rosa apresentava-se como uma figura sábia e responsável, que também tinha seus momentos de lazer (Secaf, 2008).

“E tem que lembrar que por muitos anos ela (Dona Maria Rosa) foi a única mulher do Conselho Universitário, ela contava que ficava de braço erguido, para poder falar, por horas, ninguém dava a palavra para ela, que coisa né? Nós podemos chegar nessa fase, hoje ainda a minoria é de mulheres, mas eu acho que a Dona Maria Rosa fez um belo trabalho.” (C3)

“A diretora chamava, era bronca. A diretora era muito sábia, ela chamava para tomar chá no apartamento, para ir ao teatro, ela era extremamente fina, uma pessoa quatrocentona.” (C1)

Figura 1 – Professora Dra. Maria Rosa Sousa Pinheiro.

Fonte: Amália Corrêa de Carvalho. Escola de Enfermagem da USP – Resumo Histórico, 1980.

Algumas falas remeteram a um perfil mais amigável das docentes, que procuravam se envolver com o corpo discente e até mesmo cuidar das alunas em momentos de enfermidades.

“A USP estava entrando naquele processo de credenciamento de doutores, (...) e nós ajudamos muito nesse processo, ajudamos na coleta de dados, na tabulação de dados, (...) então a gente tinha uma relação muito boa com as nossas professoras. Lógico, tinha aquelas que a gente tinha mais proximidade, aquelas que nós, como alunas, considerávamos muito mais superiores que a gente, mas de qualquer maneira a maioria das nossas professoras eram pessoas muito amigas mesmo. Eu tenho ótimas lembranças delas. Inclusive, depois, foi uma delas que me convidou para vir para a Escola.” (C4)

“As professoras moravam aqui, então elas conheciam bastante a gente. Quando a gente ficava doente, (...) as professoras vinham visitar a gente, porque afinal eram enfermeiras, elas iam visitar, cuidavam da gente.” (C1)

A memória das alunas evocou a convivência com as professoras, inclusive com aquelas que elas consideravam “mais rígidas”. Percebeu-se certa contradição nos discursos em relação a

essa postura autoritária de algumas docentes, pois algumas alunas sentiam-se prejudicadas, enquanto outras mostravam admiração, alegando que agregou valores na formação como profissional.

“As professoras eram muito distantes, bem terroristas. Eu lembro de uma que chama professora Aracy, gente de Deus! Foi o que eu me políciei na docência para não ser! (...) Claro que tinha suas exceções. (...) Eu lembro que o pessoal dormia em sala de aula (de Saúde Coletiva, com a Professora Dirce), a aula era chata demais. E o pessoal que era mais desaforado chegava a fazer tricô na aula dela. (...) Uma vez, uma das nossas colegas dormiu na aula, trabalhava e estudava, (...) e a professora Dirce ficou quieta, aquele silêncio total, a menina acordou incomodada com o silêncio mortal que ficou na sala de aula, aí ela falou assim: “Quem vier na minha aula para dormir, não venha, que eu não vou dar falta”. Obviamente, no dia seguinte, metade da sala faltou e ela deu falta e a gente teve que voltar a assistir aula.” (C4)

“Eu acho que tem umas professoras que eram mais rígidas em termos de disciplina, (...) eu acho que todas contribuíram bastante para o nosso crescimento e a qualidade da profissionalização. (...) A Dona Maria Rosa era um exemplo de fibra, muito responsável, muito competente, eu gostava muito dela.” (C2)

“Eu acho que é uma característica de japoneses, eu tinha muita admiração pelos professores, um respeito imenso com os professores. Eles eram o máximo para mim. Tanto que, quando eu ia falar com eles, eu me preparava, era bem essa postura mesmo, acho que uma característica nossa racial.” (C7)

Nas falas seguintes, pode-se observar certo preconceito em relação ao desempenho das alunas japonesas nos estágios. Ao contrário do que a professora em questão imaginava, ela se surpreendeu com o resultado final do grupo. Em contrapartida, ficava explícita a intensa cobrança que as estudantes sofriam em relação ao dia a dia na Escola e nos estágios, evidenciando a permanência de certa “padronização de pensamento e postura” esperada das futuras enfermeiras, sem abertura para contestações ou diálogos.

“Naquela época, passava uma fase assim que as professoras da área de administração não gostavam muito das japonesinhas, que as japonesinhas eram muito tímidas, não tinham liderança.” (C10)

“Mas a gente era rigidamente avaliado em relação, principalmente, à postura, vestimenta, ao conhecimento. (...) Mas assim, a gente tinha uma linha muito mais disciplinadora do que diálogo, as coisas vinham já formatadas de cima para baixo, você tinha que dizer amém e acabou. Você não tinha muita abertura para ficar questionando as coisas, não. Você não tinha abertura para colocar se estava bom ou se estava ruim, tinha que engolir e acabou. Era bem militar mesmo. Mas com alguns professores eu tive um pouquinho mais de intimidade, até porque às vezes o professor dava carona para a gente, então a gente acabava se abrindo um pouco mais.” (C10)

Categoria 5 - Relacionamento entre as alunas

A palavra que define a relação entre as estudantes é união. Em nenhuma fala foi observado qualquer situação de inimizade, brigas ou algum problema entre as internas. Elas se definiam como “uma grande família”, conviviam quase 24 horas por dia juntas e isso facilitava a criação de um forte vínculo entre elas.

“Desde que acordava até a hora que dormia, estávamos juntas. (...) Era uma proximidade muito maior do que é hoje (...).” (C4)

“À noite também a gente se reunia no quarto de uma, no quarto de outra, para contar as alegrias e as tristezas do dia, tinha professoras que pegavam no pé de uma aluna e a gente ficava consolando.” (C4)

Figura 2: Roof.

Fonte: Centro Histórico Cultural da Enfermagem Ibero-Americana. EEUSP, São Paulo, 1960.

“Realmente as panelas se formavam, mas porque a gente morava na Escola e as afinidades maiores eram de quem morava na Escola, né. (...) Algumas pessoas ocidentais, no final, elas acabaram entrando na panela, a japanela, panela das japonesas.” (C4).

“Eu nunca fui assim de ficar com o grupo de japonesas, eu fazia parte do grupo de todo mundo! (...) Na época, nós fazíamos muito teatro, declamações, pintava aqueles vidros da Escola de Enfermagem com motivos... Era festa de Primavera, festa de Natal, festa disso, festa daquilo, a gente tinha um grupo que pintava, outro grupo recitava, fazia teatro, tocava violão, piano também.” (C2)

Algumas turmas tinham como característica forte a participação nas atividades da EE, em festas, no Centro Acadêmico ou nos Departamentos que lá existiam (divididos em Social, Científico e de Esportes). Mas os discursos mostram, também, comportamentos opostos, principalmente nas falas de C7 e C9: a origem japonesa comum às duas não refletia no comportamento

tradicional, focado, tímido e até mesmo antissocial de uma e a extrema sociabilidade e arrojamento de outra.

“Entre os estudantes era também muito cuidadosa, (...) bem seletiva, eu me lembro de alunos e colegas com um perfil diferente, eu me afastava, e com um perfil semelhante eu me aproximava. Minha melhor amiga não era japonesa (...) eu acho que era mais o perfil comportamental que me fazia aproximar ou então me afastar de gente mais arrojada, inclusive com atitude mais questionadora. (...) O que me chamava atenção era um perfil de comportamento mais passivo, muito respeitoso, gosto ainda hoje dessa atitude respeitosa.” (C7)

“Eu me considero uma pessoa que entrou em todas as painéis, eu fui das ricas, poderosas, tinha um clã das meninas com mais poder aquisitivo, tinha as japonesas, eu percorri todas, entrei em todas as painéis, eu hoje conheço todas as colegas. Se eu encontrar, sei quem são e não só por conta da convivência, mas porque eu mexi muito com a reunião do pessoal, eu faço movimento com relação a se reunir.” (C9)

“Era um grupo muito forte de japonesas, e mesmo entre a gente (...) não se falava japonês, nada disso, era bem tranquilo. Eu não sei se é um problema agora falar, mas eu fui interna lá, clandestina. Eu morava na Penha e estudava lá, estudava muito, eu não tinha condição de comprar livros, meu pai sustentava passagem e comida, o lanche. Então eu não tinha mesmo condição e aí surgiu a oportunidade, eu aceitei.” (C9)

Categoria 6 - Disciplina na Escola

Foram citados alguns episódios em que as alunas fizeram movimentos dentro da EEUSP contra algumas restrições da diretora, mormente quando não conseguiam negociar, considerando a conduta mais autocrática do governo diretivo. Algumas chegaram a

fazer seu “enterro simbólico no jardim”, demonstrando ao mesmo tempo audácia e resistência.

“O que eu sei era que no refeitório não se podia ir, descer de calça comprida, era proibido usar pijama, por exemplo. Podia usar nos andares, mas ali calça comprida acho que era complicado. (...) Quando você chegava do estágio para almoçar, você tinha que tirar o avental, podia ir com a farda, era um vestido, você tirava e deixava onde o pessoal deixa os pertences, as bolsas.” (C8)

“Você tinha aquelas chamadas na diretoria, tinha colega que sistematicamente era. Eu nunca fui, não sei como era, eu era muito comportada!” (C8)

Figura 3: Último uniforme da EEUSP na década de 1970.

Fonte: Centro Histórico Cultural da Enfermagem Ibero-Americana. EEUSP. São Paulo, 2007.

“A gente morava aqui dentro, mas durante o dia você saía para ir para o estágio, depois você voltava, e nós tínhamos uma regra que na portaria existia um livro que se você saísse, tinha que assinar. O seu João e uma senhora que ficavam tomando conta

da portaria, mas isso era muito mais rigoroso. À noite, depois do jantar, tinha gente que ia namorar, elas saíam, o horário era até às 21 ou 22 horas. Se você precisasse ir em alguma festa, você tinha que pedir autorização, mas tinha que chegar até a meia noite, que era o horário que o porteiro ficava, depois a Escola fechava. (...). Agora, se por acaso você ultrapassasse esse horário, (...) tinha que apertar a campainha da diretora e ela ia... Agora o fato de nós morarmos aqui, o estágio, a presença, o comparecimento nos estágios era de 100%, mesmo em sala de aula.” (C8)

“Não podia entrar bebida alcoólica e é claro que entrava! Normalmente se usava muito poncho, sabe poncho? Colocava a bebida embaixo do poncho e entrava. Também tinha uma mochilinha do Centro Acadêmico, o pessoal saía com a mochilinha e trazia (...). Eu lembro um dia, nós estávamos jantando e a professora Evalda ia fazer uma blitz e aí foi um negócio. As residências eram divididas em Ala Sul, aquela que fica bem em frente ao corredor, e Ala Norte, que fica do outro lado. A Ala Norte, a varanda dá para a Atlética, a gente sabia que naquelas árvores o pessoal fazia uns amassos, mas como veio essa coisa que ia ter uma blitz, todo mundo pegou as garrafas, foi na Ala Norte e jogou na Atlética.” (C4)

“Eu lembro que a Janete, presidente do Centro Acadêmico, era muito contestadora, então a gente fazia protestos, no jardim. Eu lembro até que uma vez a gente fez um enterro simbólico da Dona Maria Rosa. Ai, coitada, ela sofreu...” (C6)

Maria Rosa de Souza Pinheiro passou quase 22 anos dirigindo a Escola e, mesmo sendo figura admirada por muitos, algumas colaboradoras demonstraram suas críticas em relação à conduta dela como diretora. Evidenciou-se a questão das lutas simbólicas pelo poder, por parte dos alunos que viam-se dominados na relação com a direção da Escola e professoras.

Um exemplo pode ilustrar melhor a manifestação de revolta de um grupo de alunas, tendo em vista a reprovação de 300 dos 330

estudantes por causa de uma greve contra o aumento do preço da refeição oferecida na Escola, como se percebe na figura seguinte:

Figura 4: Destaque da matéria do jornal Diário Popular, de 05/10/1978.

Fonte: Centro Histórico Cultural da Enfermagem Ibero-Americana. EEUSP. São Paulo, 1978.

Categoria 7 - Festas, convivência social e atividades extracurriculares

A Escola de Enfermagem tinha uma vida social bem intensa. Festas como a Festa Junina (que ainda é realizada) eram muito famosas entre os estudantes da USP e seus familiares e é sempre citada nos depoimentos. Nas horas de lazer, era comum que as alunas fossem ao cinema, geralmente na Avenida Paulista, e em bares próximos à faculdade.

“E a gente fazia uma atividade social muito intensa. A gente ia representando, recebia muito convite, convidava, eram umas

festas muito animadas, muito animadas! Dentro da Escola eu nunca observei nada contra a ética, moral, essas coisas... Fora a gente não sabe, mas vindo da Escola era muito legal.” (C2)

“Festa da Primavera, e tinha uma outra... Era muito mais cômica, você fazia palhaçada, teatro de humor, cantava paródias e a gente mesmo que criava.” (C2)

“E os bailes aqui, a Dona Maria Rosa, tinha aquela luz estroboscópica lá no refeitório, ela vinha e parava naquela escadinha ali, acendia tudo, aí ela virava e a gente apagava tudo.” (C6)

“Inclusive tinha aquela Abenibra, Associação Nipo-Brasileira, tinha uns professores da Medicina, alguns deles coordenavam atividades assistenciais no período das férias, então a gente fazia caravanas científicas sabe, pelo interior, trabalho assistencial e foi assim que conheci meu marido.” (C6)

Torneios de esportes entre faculdades e entre as alunas eram organizados pelas responsáveis do Departamento Esportivo⁷. Os treinos e jogos aconteciam em uma quadra, localizada onde hoje é o estacionamento dos estudantes da EEUSP.

“Vôlei, a gente fazia torneio com outras Escolas, mas a gente jogava sabe onde? Sabe o estacionamento dos alunos hoje? Tinha uma quadra lá, então a gente, nos sábados à tarde, jogava e fazia torneios. (...) E ia nos bailes de noite, com horário para voltar! Tinha um porteiro, seu João, a gente pagava uma caixinha para ele para ficar mais um pouco e esperar a gente. Mas olha, a gente fazia uma miséria disso aqui, era muito gostoso viu.” (C6)

“Uma vez eu lembro que a gente foi assistir a um jogo de vôlei na Poli contra a Medicina, e o vôlei da Medicina era super forte, tanto que a Poli achou que ia perder. Mas aí a Enfermagem

⁷A Associação Atlética Acadêmica da EEUSP (AAAEUSP) foi fundada em 1972 e contava com diversos departamentos, entre eles o Esportivo, que organizava os torneios e jogos inter classes e o Social, responsável pela organização de eventos e recepção de calouros (Fonte: Centro Histórico Cultural da Enfermagem Íbero Americana. EEUSP, São Paulo)

ganhou o feminino porque a gente ia jogar contra a Nutrição e o pessoal não apareceu, a gente ganhou por W.O. Ficamos lá para assistir o jogo da Medicina com a Poli. Aí não sei quem falou “Ah, vamos torcer para a Poli?”, “Vamos!”. A Enfermagem torceu para a Poli e eles ganharam.” (C4)

“Eu praticamente não tive essa atividade social, meus pais eram muito rígidos na questão de estudar. Inclusive nas férias nós tínhamos um período para recapitular tudo que se aprendeu no semestre anterior, tudo era muito disciplinado.” (C7)

Atividades extracurriculares, como a participação dos docentes em caravanas científicas ou em projetos governamentais, também eram bem vistas e incentivadas pela Escola.

“Tudo que era mutirão eu participava, era bem danada. No primeiro ano, por exemplo, a Dra. Nara fazia vacinação de adultos em escolas e ela perguntava quem ia. (...) Minha primeira intramuscular foi com ela na escola. Gente, foi terrível, mas eu procurava participar, então se aparecia um mutirão eu sempre ia.” (C9)

“Participei de três projetos Rondon. (...) Foi muito interessante, tinham uns voluntários e fomos em três, gostei muito de ter participado. Fez muita diferença na minha formação. Fui conhecer a realidade brasileira, você vai para esse sertão afora, menina, não tem noção. Todo mundo tem que ir conhecer essa realidade.” (C9)

Categoria 8 - Contexto histórico-político: a ditadura militar

O Golpe Militar de 1964 alterou inteiramente o quadro político da época e os movimentos estudantis reorganizaram-se como resistência ao regime e a universidade pública foi o seu baluarte. Iniciou-se assim um enfrentamento direto entre os estudantes e o Governo. Contudo, até mesmo docentes foram afastados de seus cargos, por serem considerados marxistas.

“Então, nas férias de julho do último ano da faculdade, eu e minha colega de turma (...) participamos do projeto Rondon, em Marabá, no Pará, e eu lembro que nós nos recusamos a participar do processo de vacinação da comunidade porque as vacinas eram todas vencidas e, para eles, importava computar o número de vacinas administradas. Eu e a Manuela mandamos uma carta para o coordenador e até hoje eu me lembro, nós criamos uma situação muito constrangedora lá porque não quisemos participar disso. (...) Era muito evidente que era uma propaganda política, uma propaganda do Governo mostrar as atividades assistenciais que ali eram feitas.” (C6)

“Tinham discussões, tudo escondido, e a Dona Maria Rosa, às vezes ela falava, fazia reuniões para alertar sobre o comunismo, sobre a subversão, sobre essas coisas, perigo, porque tinha uma colega que era líder mesmo, a Irene Cortim. A Katsuko e a Emiko Iwamamoto participavam mesmo dessas lideranças.” (C4)

“Teve uma vez que a Cavalaria parou aqui, na rampa, e a Dona Maria Rosa saiu, enfrentou os guardas falando que não precisavam ficar aqui, e ficaram fazendo a guarda porque muito provavelmente houve uma denúncia.” (C4)

Com a intervenção da diretora, Dona Maria Rosa, e da professora Wanda de Aguiar Horta, não houve nenhuma revista na Escola, evitando que alunas mais exaltadas nas suas posições políticas, face ao regime, fossem presas.

“Olha, foi uma época que teve muitas prisões, (...) a gente tinha muito material considerado subversivo na época: livros, apostilas. O pessoal rodava no mimeógrafo, o pessoal dos Centros Acadêmicos rodava e passava de um Centro Acadêmico para outro, então nós tínhamos algum material considerado subversivo que era guardado em um quarto pequenininho no *roof*. (...) E o Dops uma vez veio, e a Dona Maria Rosa, que era a diretora, ela conseguiu fazer com que os militares não fizessem vistoria na Escola, senão o pessoal que fazia parte do Centro Acadêmico ia ser preso, não todo mundo, mas pelo menos uma parte seria arrastada para o Dops. (...) Mas a gente deve isso para a Dona Maria Rosa.” (C2)

“Eu era muito medrosa. O pessoal saía para a passeata, mas eu dizia: “Não vou, vou ficar aqui! Eu fico aqui e, se vocês precisarem de alguma coisa da Escola, vocês avisem”. Eu era muito medrosa, eu não saía, meus pais eram muito rigorosos.” (C4)

“Aquele época de 1970 e poucos, nessa época, eu lembro que a gente ia muito ao Dops. (...) Tinha até facilidade, tinha gente lá dentro, delegados, que eram amigos de professores, a gente sempre dava um jeito de entrar. Mas hoje essas meninas que eu ainda mantenho relacionamento são excelentes donas de casa, deixaram a política de lado, estão cuidando dos papais e mamães que estão com Alzheimer. Foi uma época muito agitada, muito gostosa da gente viver. Eu acho que eu não era politizada, acho que eu ia mais por esse lado humanista.” (C3)

“Era época de AI-5. O Centro Acadêmico promovia debates, promovia discussões para que estudantes de enfermagem também pudessem integrar ao ambiente de mudança, ao que estava acontecendo no mundo. Havia um esforço de algumas líderes estudantis, aliadas à Faculdade de Medicina e às outras unidades da USP que traziam notícias e promoviam discussões e debates. Segundo avaliações de alguns líderes na época, nós éramos muito quietas e silenciosas e, aparentemente, segundo pessoas que nos viam de fora, éramos muito pacatas.” (C9)

A luta entre o movimento estudantil, em geral, e o Governo Militar chegou ao auge em 1968, e o Governo endureceu suas posições prendendo lideranças e cassando docentes, torturando e perseguindo esses indivíduos. Por mais de uma década, as universidades, consideradas focos de subversão, foram mantidas sob severa vigilância (Durham, 2003).

“Eu acho que foi uma época dura, da ditadura, tivemos uma colega de classe que sumiu, a Carmen, ninguém mais soube dela. Tinha um grupinho que a gente sabia que era revolucionário e, portanto, o Dops estava atrás. Eu lembro de aulas serem suspensas porque... A gente chama de terroristas... Os subversivos. A gente tinha aulas na Cidade Universitária, e na Cidade Universitária de repente largava uma Kombi com alto

falantes bem altos e panfletos. Aquilo era motivo para suspender aulas e ver a autoria daquele crime político...Foi a época que a gente acompanhou Chico Buarque, Gilberto Gil, Milton Nascimento, Geraldo Vandré, e aquela coisa de tortura ou não tortura...Foi uma época abominável, e aquela coisa dicotômica, ou você fica quieto ou vai preso. Era uma coisa mais assim... A mim não teve problema, eu fiquei bem nos bastidores e bem omissa, até de decisão partidária, não gostava da Ditadura, mas também não tinha forças para tomar a frente. Eu lembro de uma única passeata que eu fui, uma única.” (C7)

“Eu comecei a ter uma noção do movimento forte que a gente viveu depois. Eu não sei se porque politicamente eu não tinha muita instrução ou avaliação, durante essa época eu vivi normal. Eu via os movimentos na Maria Antônia, eu via todos esses movimentos, mas eu era uma pessoa que ficou bastante alheia, não me infiltrava.” (C9)

Categoria 9 - Fatos e lembranças marcantes

Quando indagadas por algum fato marcante durante a graduação, as respostas foram as mais diversas. Evocações de lembranças referentes a estágios, o quanto se sentiam privilegiadas por serem alunas de tais professoras e experiências extracurriculares puderam ser registradas.

“Uma lembrança marcante (...) é de ter sido aluna da Dra. Wanda Horta, (...) ficava toda cheia quando ela me dava a incumbência, ela me mandava bilhetinhos assim: “Amanhã eu não vou poder ir no começo do estágio, você divide a turma para mim?”. E me lembro até hoje quando ela cuidava junto dos pacientes com a gente, então tenho muitas boas lembranças mesmo.” (C6)

“A minha turma foi sempre agitadora e muito agitada também. Nós falávamos que éramos nata da Escola, olha como éramos arrogantes! Nós ganhamos o prêmio e recuperamos há pouco tempo o prêmio de um concurso de música da USP.” (C1)

“No último ano nosso, em agosto, setembro, os hospitais vinham na Escola motivar para ir trabalhar com eles. (...) Eles vinham atrás da gente. Eu não sei procurar emprego, sempre vieram atrás de mim, eu sou dessa geração, tinha muito emprego e poucos profissionais. Eu fui trabalhar em hospital e da minha turma, nós fomos em 20 trabalhar no HC.” (C4)

“Eu me sinto uma pessoa muito privilegiada, de todas as vivências, das colegas que eu tive durante a Graduação, na Pós-Graduação, das professoras que me acolheram, das colegas aqui. Trabalhar aqui é uma coisa muito estimulante, muito gratificante, que está sempre lhe promovendo uma melhoria, um crescimento, então eu me sinto muito privilegiada, de toda minha vida do jeito que ela foi.” (C6)

“Fatos ou lembranças marcantes, Eu acho que excelentes professores deixaram marcas, principalmente de postura, seriedade e de pensar pela enfermagem, coisa que hoje eu não vejo. Eu vejo que hoje, lógico que são outros tempos, a USP e a Capes estão abertas na questão de produção de conhecimento, mas eu acho que estava muito pobre nessa época. Era época de firmar a enfermagem como uma profissão autônoma liberal, capaz de revolucionar a saúde, eu acho que cada época com a suas particularidades e prioridades.” (C7)

“Outro fato marcante também foi a turma que não queria colar grau com beca, queria colar grau de uniforme e eu fazia parte dessa turma que queria colar grau com uniforme. Tinha a outra turma que colou com beca e nós que colamos grau sem beca. Porque a gente queria ser natural, hoje eu vejo o *glamour* que é, mas na época... E nós não colamos! Colamos grau na Secretaria, não participamos da formatura oficial.” (C9)

“Tem tantas outras coisas que eu não lembro agora, mas vivi intensamente meus quatro anos lá na Escola. Gostei muito de ter feito enfermagem. Em nenhum momento eu pensei em ter feito medicina, foi a escolha correta, sou feliz na minha profissão, me considero bem sucedida na profissão, gosto muito.” (C9)

Há consenso das ex-estudantes ao se referirem ao período de graduação sobre os seguintes aspectos: a riqueza da convivência, refletindo alegrias, companheirismo e união, pois nessa época muitas firmaram amizades que perduram até os dias atuais.

5. DISCUSSÃO

5. DISCUSSÃO

As colaboradoras são nikkeis e nisseis, contudo, há um ponto convergente referente a seus pais ou avós: eles vieram ao Brasil como imigrantes para trabalhar na lavoura, à procura de melhores condições de vida. Almejavam, também, um futuro profissional para seus filhos, a possibilidade de estudar que eles não tiveram e, portanto, exigiam deles disciplina quanto aos estudos. Apesar disso, muitos acharam que esta situação seria temporária e tinham a esperança de voltar para o Japão, mas depois que se estabeleceram em terras brasileiras, foram gradativamente adaptando-se aos costumes e à cultura, por vez tão diversa da japonesa.

A manutenção de alguns hábitos e costumes acarretou, conforme se observa nas falas, algumas dificuldades para as entrevistadas, como a barreira inicial com a língua para as pessoas que foram alfabetizadas em japonês. Explicita-se aqui a relação com o *habitus* primário herdado pela família e que o indivíduo incorpora em sua vida através de uma socialização primária (Bonnewitz, 2003).

Segundo Spector (2004) e Tripp-Reimer (1984), a maneira de compreender a cultura é através da linguagem, pois os seres humanos a recebem dos familiares que acompanham o processo de crescimento e a socialização do indivíduo. Assim, a linguagem é repassada aos filhos e, por conseguinte, a cultura é ensinada e passada para outras gerações por pessoas que interagem e compartilham características culturais comuns.

No que tange à escolha da profissão, algumas colaboradoras revelaram que, ao escolherem a carreira, tiveram indicações de colegas que já cursavam enfermagem, outras afirmaram ter vocação para a área da saúde ou não conseguiram ingressar no curso de medicina. Contudo, destaca-se o fato de uma parcela obter

conhecimento sobre a enfermagem através da mídia impressa. Tal fato pode ser comprovado pela reportagem abaixo, na qual são convocadas mulheres para a o curso de enfermagem, como uma das carreiras mais úteis, além da EEUSP como *lócus* de formação por excelência da enfermeira.

Figura 5 – Reportagem publicada no jornal A Gazeta, de 1º de novembro de 1960.

Fonte: Centro Histórico Cultural da Enfermagem Ibero-Americana da EEUSP. São Paulo, 1960.

Algumas colaboradoras, como C1 e C3, revelaram em seus discursos a ideia de que a educação era vista como algo primordial para os filhos desses imigrantes, pois como muitos tinham a ambição de voltar para o Japão, não queriam que seus descendentes tivessem um conhecimento defasado para não vivenciar situações embaraçosas.

Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), 28,9% dos integrantes da raça amarela, em que se insere o nikkei (japoneses nascidos fora do Japão) concluíram o

ensino superior, contra 10% dos brancos; 2,4% de pardos; 2,2% de índios e 2,1% de negros (IBGE, 2000).

O IDH (Índice do Desenvolvimento Humano) dos nikkeis é o maior entre as etnias citadas anteriormente. Tais dados demonstram que o nível de escolaridade na população oriental estudada era relativamente alto, já que raros eram os casos de progenitores analfabetos. Trazendo para o universo da USP, esse fato fica evidenciado em dados obtidos pela própria universidade, em que os nikkeis perfazem 15% do corpo discente e 4 a 5% do corpo docente (Hirano, 2009).

Pelo conjunto dos discursos, vê-se que a importância do conhecimento para a cultura japonesa explicitava a diferença de desempenho escolar, ligando o fracasso a “aptidões naturais” e avaliando como “bem sucedido”, “com vocação”, “gosto natural”, “talentoso” o indivíduo rico em capital cultural e social, retificando neste tipo de discurso as diferenças sociais (Bourdieu, 1997).

A postura das famílias em relação à escolha profissional das filhas era de apoio, pois valorizavam a aquisição deste capital cultural. Poucos eram contrários, estes julgavam que a profissão não era digna, ou considerada submissa à medicina. Indubitavelmente, o enfrentamento de situações como estas, de preconceito em relação à enfermagem já vinha sendo desenvolvido ao longo do processo histórico da profissionalização da enfermagem.

Por décadas a enfermagem representou, também, uma das únicas oportunidades para as mulheres se “emancipar com honra” e obter uma remuneração (Barreira, 1997). O curso de enfermagem poderia significar uma perspectiva de vida honesta para uma moça pobre e era quase a única oportunidade de acesso da mulher à educação, após curso normal (Sauthier, 1996).

O fato de existirem gratuidade do curso na EEUSP e outras condições (como alimentação e campo de prática ou estágios), também podem ter contribuído para despertar-lhes certo encantamento ou interesse pela carreira da enfermagem. A transição entre o sistema de internato e o regime comum (sem residência e alimentação gratuita) representou um divisor de águas importante, pois em um mesmo momento coexistiam turmas que tinham esse direito e outras, não. Tal situação gerava tanto um sentimento de insatisfação quanto de necessidade nas estudantes: algumas encabeçaram movimentos solicitando auxílio da Escola; outras, contavam com ajudas de colegas para usufruir dos benefícios do internato, pois não tinham condições financeiras favoráveis.

No que tange ao relacionamento entre as alunas, como já dito anteriormente, era refletida uma relação fraternal e de união. Seja para conversar sobre o dia, compartilhando sentimentos de alegrias, desafios ou mágoas ou fazendo brincadeiras, os dormitórios, corredores dos andares destes e o *roof* são cenários citados por muitas, onde elas frequentemente se reuniam. Como em toda relação entre jovens adultas, grupos eram formados entre as meninas. Alguns eram chamados de “japanela” porque envolvia somente as japonesas. Havia outros subgrupos mesclados, com alunas orientais e ocidentais. Todavia, mesmo interagindo nas “japanelas”, algumas colaboradoras retrataram que não havia nenhuma dificuldade maior de lidar com colegas ocidentais, justificando, também, que havia esses agrupamentos por afinidades.

A análise da temática sobre o relacionamento entre as discentes permitiu referenciar o próprio conceito bourdieusiano sobre *habitus secundário*, que engloba a junção entre os diversos esquemas de percepção, avaliação e ação (Bernardes *et. al*, 2005) do que foi adquirido na escola e com a família, através do convívio

com as instituições e agentes escolares, por exemplo, constituindo assim assimilações produzidas pela indústria cultural (Bonnewitz, 2003).

As colaboradoras recordavam de professoras com quem estabeleceram reais vínculos, especialmente porque muitas delas residiam na Escola e, dada a proximidade da convivência diária acrescente-se a isso o fato de serem mulheres menos introspectivas, e entendiam as dificuldades das alunas no internato (solidão, saudade da família, desilusões amorosas) e procuravam ajudá-las sempre que possível.

Por outro lado, havia professoras com quem a maioria tinha menos afinidade, conforme retrataram alguns discursos. Algumas colaboradoras se referiram a elas como “terroristas”, já que muitas eram extremamente exigentes e chegavam a julgar se as alunas eram aptas para serem enfermeiras ou não, desestimulando muitas delas. Ao mesmo tempo em que tal relação era vista com antipatia, podia ser entendida como postura natural dessas mulheres que visavam contribuir para o desenvolvimento e o futuro crescimento profissional. Estas últimas podem ser vistas como as alunas que se adequaram às imposições feitas pelos docentes através de um poder simbólico.

Florence Nightingale, através de sua visão e habilidade prática para a organização, possibilitou a constituição de valores, princípios e poderosos fundamentos técnicos e educacionais, além de elevada ética, impulsionando para a valorização e reconhecimento social da profissão da enfermagem (Oguisso, 2005). O “boletim moral”, já bem conhecido nas escolas que seguiam o modelo nightingaleano, invocava a disciplina, a obediência e o respeito à hierarquia, que se estabeleciam entre as professoras e as alunas, refletindo também nos comportamentos tanto na Escola

quanto nos cenários da prática assistencial e gerencial (Gastaldo, 1989).

Desde seus primórdios, fica claro que a formação da enfermeira era permeada de intensas cobranças em relação à disciplina e comportamento, talvez como forma de compensar a imagem que antigamente as mulheres que exerciam este ofício passavam: de moral duvidosa, imorais, bêbadas e analfabetas (Barreira, 1997). Algumas falas remeteram ao rigor nas avaliações e às exigências em campos de estágio. Ademais, o espaço social da própria Escola de Enfermagem da USP era visto como palco de múltiplos interesses, principalmente em relação ao corpo docente e às alunas.

Desse modo, conflitos consagram valores que se tornam aceitáveis pelo senso comum e as lutas no interior do campo resultam na distribuição desigual de diversos tipos de capital acumulado (social, cultural e econômico), criando hierarquias (Bourdieu, 1997).

A disciplina pode representar manifestação do poder institucional em relação às alunas. Assim, as vestimentas, controle de horários, pontualidade e assiduidade, dentre outros aspectos, representam formas e manifestações desse poder na EEUSP.

Nesse sentido, Oguisso (2005) e Siles (1999) entendem que a disciplina na enfermagem é um tema recorrente desde a época de Florence Nightingale, que impôs um boletim moral na formação das alunas da Escola de *Saint Thomas*, em Londres, no final do século XIX. Com essa postura, a formação da enfermeira transformou-se em um imbricado sistema de disciplina, controle ou adestramento de regras, condutas e observações a serem seguidas durante a graduação e após a mesma.

A disciplina é parte inerente à formação da enfermeira enquanto agente de controle e de supervisão. No jogo de interesses entre os indivíduos e as instituições, foram retratadas formas dominantes na cultura de um grupo hegemônico socialmente e que buscou manter sua posição privilegiada, apresentando seus bens culturais como naturalmente ou objetivamente superiores aos demais (Bourdieu, 1992). Nesse sentido, a imposição da disciplina na EEUSP foi projetada nos discursos como estratégia de dominação nas relações entre professoras e alunas.

Por conseguinte, em determinado campo, classes dominantes são dotadas de capital cultural e *habitus*, impondo seus valores como verdade aos demais. A é desenvolvida pelas instituições e pelos agentes que as integram sobre a qual se apóia o exercício da autoridade, não sendo diverso no campo escolar, em geral, em que há forte inculcação ideológica dos valores defendidos pelos mestres em relação aos seus discípulos, os alunos, por meio da disciplina, obediência e do respeito à hierarquia no jogo de poderes que se estabelece entre os diversos agentes (Barreira, 1997).

Por exemplo, no jogo institucional da EEUSP a diretora Maria Rosa de Souza Pinheiro escreveu ao Reitor da USP, discorrendo sobre a situação da greve dos alunos, as solicitações do Centro Acadêmico e a posição dos Conselhos dos Departamentos da EEUSP, irredutíveis quanto a não reprovação de quase 300 alunos que se organizaram contra o aumento da refeição fornecida pela Escola.

A figura abaixo reflete relações de poder, capital cultural e influência no *habitus*.

Figura 6: Trecho de comunicado da diretora para o Reitor da USP, de 10/5/1978.

6. no dia 2 do corrente fomos procurada por um grupo de alunas que traziam a seguinte proposta do corpo discente.

a) reconhecem que os alunos atualmente cursando o 8º semestre, cujas disciplinas são ministradas em oito semanas, perderam por falta uma disciplina, que é requisito e por isso pedem que a Escola, em vez de prosseguir na sua programação normal, recomece em outubro as disciplinas perdidas, que são requisito das seguintes; assim sendo, terminariam o "tronco profissional comum" do currículo em abril e começariam a "habilitação" em maio; b) solicitam reposição das aulas das disciplinas semestrais para aqueles alunos que, por faltas anteriores somadas às da greve, ultrapassaram o limite de 30%; c) insistem em que esta proposta é um todo e só é válida se for totalmente atendida. Informamos às alunas que nós, pessoalmente, nada podemos fazer e sugerimos que solicitem à Presidente da Comissão de Ensino a convocação de uma reunião extraordinária para estudo da proposta;

7. na reunião extraordinária da Comissão de Ensino, realizada em 3 do corrente, a representante discente apresenta o plano; é-lhe mostrado que pelo menos a primeira parte, referente ao início da "habilitação" em maio é impossível porque todas as disciplinas são semestrais. Depois de longos debates é aprovada, por unanimidade, a seguinte proposta de uma docente: "Considerando que já foram feitos vários estudos da situação, os quais se tornam inúteis porque a cada dia adicional de greve novos alunos ultrapassam o limite de faltas, proponho que nenhum estudo mais seja feito até que a situação de faltas seja definitiva, isto é, até que os alunos suspendam a greve".

Outrossim comunicamos a Vossa Magnificência que aproximadamente 10% dos alunos não aderiram à greve e continuam normalmente as atividades escolares.

Valemo-nos do ensejo para apresentar a Vossa Magnificência os protestos de elevada estima e distinta consideração.

Maria Rosa Sousa Pinheiro
Diretora

EXCELENTÍSSIMO SENHOR PROFESSOR DOUTOR WALDYR MUNIZ OLIVA
MAGNÍFICO REITOR DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Fonte: Centro Histórico Cultural da Enfermagem Ibero-Americana. EEUSP. São Paulo, 1978.

Nessa perspectiva, a teoria bourdieusiana possibilitou a compreensão de que a transmissão de uma dada cultura escolar é fruto da imposição por parte de um grupo social, ou seja, uma suposta classe dominante. Tal assertiva refletiu-se no presente

estudo a partir das temáticas evocadas nos discursos, que versaram sobre conteúdos das disciplinas/programas de aprendizagem, métodos de trabalho e de avaliação, relações pedagógicas, imposições comportamentais, práticas linguísticas e uso de uniformes, incorporados também à EEUSP (como exposto por C8).

Em contrapartida, cabe aos dominados exercerem a luta simbólica, na medida em que ampliam seus instrumentos de compreensão do mundo social, permitindo a esses agentes sociais lutar contra as formas de dominação. Desse modo, os conflitos impõem uma visão de mundo de acordo com os interesses dos agentes dominadores, tanto no que refere a determinada posição objetiva no mundo social, como no tocante às representações que esses agentes têm no mundo (Nogueira, 2004). Nessa direção, desvela-se, também, a violência simbólica exercida sobre as alunas, capaz de permitir a obtenção daquilo que equivale ao obtido pela “força física e econômica”.

Nessa direção, o documento a seguir é a “Carta de repúdio do C. A. XXXI de Outubro”, datada de 29/9/1978, e reflete bem essa luta simbólica dentro do campo da EEUSP e seus interesses de grupo.

Figura 7: Carta de repúdio do C.A. XXXI de Outubro, 29/9/1978.

Fonte: Centro Histórico Cultural da Enfermagem Ibero-Americana. EEUSP. São Paulo, 1978.

Como parte da formação técnico-científica, algumas colaboradoras destacaram a dimensão política do fazer e do ser ético como elementos fundantes da profissionalização preconizada pelas professoras às alunas, futuras enfermeiras, denotando forte preocupação com o robustecimento de seu capital cultural, incentivando-as à participação em atividades como música, literatura e projetos extracurriculares.

Um exemplo destas atividades é o Coral da USP. Por iniciativa dos estudantes da Escola Politécnica, na época em que esta nem se encontrava na Cidade Universitária, o Coral foi criado. Como precisavam de vozes femininas, foram procurar interessadas na EEUSP através do contato com uma estudante da casa. Dona Maria Rosa apoiou o projeto e os ensaios começaram a acontecer na Escola. Com o tempo, o Coral cresceu e se expandiu por todas as faculdades da USP, mas por muito tempo teve participação intensa das estudantes de Enfermagem.

Figura 8: Partitura do Coral da USP.

Fonte: Centro Histórico Cultural da Enfermagem Ibero-Americana. EEUSP.
São Paulo, 1977.

Diversos depoimentos evocaram o contexto histórico vivenciado na sociedade brasileira e na Escola, destacando-se a questão da Ditadura Militar e todas as influências daquela repressão na sociedade civil. Em especial a partir do Ato Institucional número 5 (AI-5), de 1968, quando recrudesceram as formas de truculência dos

agentes policiais na repressão aos professores, alunos ou outrem que nas instituições de ensino representassem “ameaça à ordem” imposta pelos generais. Assim, não se admitiram “motins” de professores e de alunos, ou de ambos, sob a alegação de perturbarem a ordem social vigente e ditada pela doutrina da Lei de Segurança Nacional, vigente na época do general Golbery do Couto e Silva, impondo a lei do silêncio não somente à elite pensante, os intelectuais, mas à classe trabalhadora que, nessa época, sofria amargamente os arrochos salariais e não conseguia manifestar, publicamente, suas insatisfações. Nesse contexto, alguns pensadores, que movimentavam ideais, foram considerados “revolucionários” e “perigosos” à ordem, por parte dos detentores do poder político, passando à perseguição, tortura e até assassinatos. A aplicação do AI-5 alcançou o auge da supressão das liberdades individuais, dos direitos básicos da cidadania, no que concerne ao direito de ir e vir, mas sobretudo afetando a expressão política que contrariasse os interesses dos mandatários estatais através do poder militar (Durham, 2003).

O Decreto-Lei do então Presidente Castelo Branco, de 1967, vetou “aos órgãos de representação estudantil qualquer ação, manifestação ou propaganda de caráter político-partidário, racial e religioso, bem como incitar, promover ou apoiar ausências coletivas aos trabalhos escolares”. O que deveria ser uma medida de contenção radicalizou alguns movimentos estudantis e fomentou mais ainda, no âmbito acadêmico, o surgimento de passeatas de repúdio ao Regime (Durham, 2003).

Evidencia-se, mais uma vez, as lutas (mais que) simbólicas entre a elite intelectual das Universidades e os governantes do país. Nessa perspectiva, as ideias bourdieusianas sobre violência, seus significados e abrangência, são elucidativas, pois:

“A violência simbólica é, para não falar tão simplesmente quanto possível, essa forma de violência que se exerce sobre um agente social com a sua cumplicidade. Para dizer isso mais rigorosamente, os agentes sociais são agentes cognoscentes que, mesmo quando submetidos a determinismos, contribuem para produzir a eficácia daquilo que os determina. E é quase sempre nos ajustes entre os determinantes e as categorias de percepção que os constituem como tais que o efeito de dominação surge... Chamo de desconhecimento o fato de reconhecer uma violência que se exerce precisamente na medida em que ela é desconhecida como violência; é o fato de aceitar esse conjunto de pressupostos fundamentais, pré-reflexivos, que os agentes sociais avalizam, pelo simples fato de tomar o mundo como óbvio, isto é, como ele é, e de achá-lo natural porque eles lhe aplicam as estruturas cognitivas que são originárias das próprias estruturas desse mundo”. (Bourdieu, 2004, p. 143).

No que tange às estudantes de enfermagem, estas tiveram participação e presença nos movimentos estudantis, em especial através de seus representantes junto ao Centro Acadêmico XXXI de Outubro. Certos depoimentos retrataram que algumas alunas foram a passeatas, tinham conhecimento, difundiam e produziam materiais considerados “subversivos” e até mesmo comunistas. Como consequência, provavelmente devido à denúncia, o Dops (Departamento de Ordem e Política Social) chegou a interrogar algumas alunas e houve um episódio em que a Cavalaria chegou a entrar na Escola, provavelmente a procura destes materiais “subversivos” que eram trocados entre os Centros Academicos da USP.

De acordo com as próprias colaboradoras desse estudo, parte expressiva das alunas não se envolvia nesses movimentos porque tinham medo de represália, o que era compreensível, sobretudo porque o momento político era de repressão a quaisquer manifestações estudantis que incomodassem o regime militar e os governantes naquela década de 1970. Segundo algumas

colaboradoras, como C4 e C9, as alunas japonesas não apresentavam como característica esse espírito de luta, revolta e exposição, pois poucas participaram na “linha de frente” em passeatas (reflexo de um *habitus* primário e secundário), defendendo aquilo que acreditavam que eram seus direitos em contexto histórico-político demarcado pela opressão e totalitarismo.

Em relação aos fatos marcantes durante a graduação, as colaboradoras evocaram o sentimento de saudosismo da época, segundo elas porque foi um importante momento das suas vidas, fomentando redes de relações sociais que se mantiveram até os dias atuais, como amizade e união. Algumas lembraram que conheceram seus maridos na faculdade, casaram-se e construíram suas famílias. Outras realizaram encontros com colegas de turma, com certa periodicidade, assegurando os contatos e as trocas afetivas. No tocante às vivências envolvendo professoras fora da sala de aula, algumas ganharam certo destaque, em especial no caso da professora Wanda de Aguiar Horta e a própria Maria Rosa de Souza Pinheiro, que foram citadas inúmeras vezes, mostrando-se marcantes em suas vidas e na formação profissional. Com isso, evidenciou-se o sentimento de gratidão que as colaboradoras detêm em relação à Escola, como centro de formação pessoal e profissional, cuja presença de algumas delas como docentes nos dias atuais reflete e reafirma esse importante vínculo formado.

De acordo com o exposto por Bourdieu, o êxito social é dependente do escolar (Bourdieu, 2004). Esse conceito é aplicável pois mesmo reconhecendo inúmeras dificuldades e até mesmo discordando do sistema de formação imposto pela EEUSP, hoje as colaboradoras apresentem uma visão positiva da época, valorizando suas vivências na Universidade e vinculando o êxito social ao escolar.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os estudos históricos podem corroborar para a compreensão da trajetória profissional, além da memória e da identidade da profissão da enfermagem, bem como as representações e significados que têm sido socialmente atribuídos ao enfermeiro e ao que ele faz. Assim, a história da enfermagem permite-nos desvelar transformações da profissão e compreender movimentos da construção/desconstrução e reconstrução do passado, na perspectiva do resgate e da preservação da memória coletiva (Sauthier, 1999).

A noção de que a história é algo velho, pronto e acabado está sendo superada pela visão mais dinâmica do seu ofício na tecitura do passado, das ações humanas e da diversidade de culturas das sociedades, pois o próprio ser humano faz a história como agente de transformações. Ademais, a história pode ser vista como instrumento de legitimação, sendo importante conhecê-la e analisar criticamente como se constrói a representação social de um determinado grupo, como as egressas japonesas (nikkeis ou nisseis) que estudaram na EEUSP no período estudado.

Sendo assim, os resultados dessa investigação contribuíram para o resgate da memória da história da EEUSP, percorrendo sobre a memória desse grupo de mulheres formadas na instituição, englobando sua formação, contextualizada com o período histórico em que se inseriram e os fatos relevantes de suas experiências na Universidade.

A descrição de suas vivências e de situações diárias como estudantes colaboraram para a construção das respostas para a pergunta dessa pesquisa, possibilitando a análise mais cuidadosa de algumas transformações sociais e políticas no campo institucional, a Escola de Enfermagem da USP, em um momento peculiar retratado,

pois ocorria a transição do sistema de internato para outro modelo, o que de certa forma afetava as próprias alunas que deixavam de residir na Escola.

Os achados das dez entrevistas possibilitaram-nos, ainda, contextualizar fatos e aspectos relevantes da cultura japonesa, desvelando a interface desses aspectos com sua escolha profissional, formação pessoal e intelectual e o quanto as histórias dessas mulheres, sobre como o cotidiano como ex-alunas da EEUSP foi marcante nas relações interpessoais com suas colegas e com o corpo docente.

A escolha do referencial teórico de Pierre Bourdieu possibilitou um outro olhar sobre os discursos, sendo possível relacionar boa parte das falas a conceitos bourdieusianos. Embora tenha sido o primeiro contato com a essa complexa teoria, é possível assegurar que trabalhar alguns conceitos desse pensador francês foi um desafio a ser superado à medida que novas leituras permitiam um novo olhar e compreensão do universo teórico, aumentando a aproximação e apropriação de seus conceitos com os dados coletados. Desse modo, processual ou gradativo, foi-se construindo e tecendo esse olhar, enxergando mais claramente as categorias temáticas que emergiram dos discursos, (re)fazendo as articulações do teórico com a prática, com a formação da enfermeira, com o *habitus* e as lutas simbólicas, dentre outros aspectos.

Dos resultados, é importante destacar a sólida memória institucional que está sendo (re)criada, não somente através deste trabalho, mas também com uma série de projetos ligados ao Grupo de Pesquisa de História e Legislação da Enfermagem da EEUSP e do Centro Histórico Cultural da Enfermagem Íbero Americana que aumenta cada dia mais seu rico acervo de fotos e documentos.

A história dessas mulheres permitiu a ressurgimento da memória de uma época, contribuindo para o olhar de quem vivenciou o período, quem o sucedeu e quem está por chegar. Por

fim, a pesquisa concedeu prestígio e conhecimento geral sobre certos acontecimentos vivenciados pelas alunas, colocando em evidência a identidade social da EEUSP.

Ao discorrer sobre as vivências dessas egressas da Escola de Enfermagem da USP na década de 191970, foi possível compreender que a história dessas mulheres não constitui apenas uma ação voltada para a preservação da memória institucional, na medida em que a consolidação da profissionalização da enfermagem no Brasil perpassa histórias individuais, grupais e institucionais, bem como lutas, conquistas e desafios tanto do passado quanto do presente.

7. ANEXOS E APÊNDICES

7. Anexos e Apêndices

Apêndice 1- Questões norteadoras

- Conte um relato resumido de suas origens.
- Conte como se deu sua opção pela enfermagem.
- O que a levou a escolher esta profissão? Houve alguma influência?
- Descreva seu dia-a-dia das alunas na Escola.
- Como era sua relação entre os estudantes? E com os professores?
- Houve alguma dificuldade de adaptação cultural? E nos estágios?
- Conte como eram as festas, confraternizações e demais atividades extracurriculares.
- Aponte-me suas dificuldades e facilidades em relação à escolha profissional.
- Como foi sua percepção acerca do momento histórico e político em que o país se encontrava?
- Fatos ou lembranças marcantes.

Apêndice 2 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

I. Registro dos esclarecimentos do pesquisador aos participantes da pesquisa

Eu, Barbara Felix Fragazi da Silva, aluna do Programa de Pós Graduação em Gerenciamento de Enfermagem, sob orientação do Prof. Dr. Genival Fernandes de Freitas, docente da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo, viemos convidá-lo a participar de uma pesquisa sobre *Egressas japonesas da Escola de Enfermagem da USP: memória histórica da década de 1970*.

Esta pesquisa tem por objetivo descrever as vivências de alunas descendentes de japonesas egressas da Graduação na EEUSP na década de 1970 e conhecer como eram as normas estabelecidas pela Escola e pelos docentes e o dia a dia na Universidade, analisando essas questões sob a óptica do referencial teórico de Pierre Bourdieu.

Para tanto, será realizada uma entrevista, que deverá ser gravada, em dia e horários definidos de acordo com a disponibilidade do colaborador do estudo. A entrevista será confidencial, sigilosa e o seu depoimento estará sob a nossa responsabilidade.

O conteúdo da entrevista será utilizado apenas para a realização do estudo, podendo ser apresentados os resultados em eventos e publicados em revistas científicas. A participação dos colaboradores do estudo será totalmente voluntária, podendo os mesmos deixá-lo a qualquer momento que desejarem. Caso aceite participar desta pesquisa, solicito a sua assinatura deste documento.

Desde já agradeço a sua atenção e coloco-me à disposição para quaisquer esclarecimentos sobre a pesquisa. O meu telefone

para contato é (011) 894642-12 e caso haja qualquer dúvida, encaminho o email da Comissão de Ética da EEUSP: edipesq@usp.br

O documento será disponibilizado em duas vias, ficando uma delas com o colaborador.

São Paulo, de de 2012.

Pesquisador

Pesquisado

APÊNDICE 3 – Entrevistas transcritas

Colaboradora 1

Eu sou filha de Nisseis, originários lá do Japão, portanto eu sou Nissei, eu nasci em Pinheiros que era um local onde tinha muitos japoneses porque a Cooperativa Agrícola de Cotia tinha uma sede lá em Pinheiros, onde hoje é a Faria Lima e passei toda minha infância lá em Pinheiros. Fiz primário nessa zona em Pinheiros também, Godofredo Furtado, Alfredo Bresser e fiz o colegial no Fernão Dias. E depois eu fui prestar vestibular, prestei para Medicina e como não passei um dia minha mãe falou assim para mim “Vem cá ver essa reportagem!” e tinha uma reportagem em um jornal japonês, se eu não me engano era São Paulo Ximbu e lá nessa reportagem tinha um encarte muito extenso sobre a Escola de Enfermagem da USP, com fotografias, mostrando a parte da Escola, a fachada, dizendo que tinha residência e convidando as pessoas, as mulheres principalmente, para cursar. Aí um dia eu vim aqui conhecer a Escola, fiquei encantada com a residência e decidi fazer Enfermagem por conta disso. Durante o curso eu descobri que a minha vocação não era Medicina, era Enfermagem, porque o que eu queria fazer era cuidar e não era a realidade da Medicina, era outra, então eu fui descobrindo aos poucos minha vocação. Meus familiares tem muito orgulho dessa condição, de ter me formado em Enfermagem e na USP, e por ter toda uma carreira universitária, ter me aposentado na Escola de Enfermagem da USP e estar me dedicando até hoje à profissão, agora me diversificando, me dedicando muito mais ao atendimento de pessoas na área de Saúde Mental, também ampliando um pouco mais meu conhecimento na área de terapias complementares, pelo uso mesmo, pelas pessoas, por ser mais fácil, por ser mais barato. Ainda dando aulas na Graduação e na Pós Graduação também e fazendo umas acessórias acadêmicas em um hospital.

Minha família sempre, porque a primeira de quatro irmãos que saiu de casa só para estudar fui eu. Os outros todos começaram a trabalhar para depois custear a própria faculdade e os três custearam a minha faculdade. Embora fosse gratuito tinha que manter com roupas, material de higiene, tudo isso então eles me ajudaram nesse quesito. Somos em três mulheres e um irmão mais velho.

No internato, tínhamos uma vida bastante agitada e o dia era cheio, de manhã e de tarde era dedicado à Escola, você acordava cedo aqui, tomava café aqui, cedo, dez para as sete da manhã nós já estávamos indo para o HC, voltava de lá do HC mais ou menos meio dia e já almoçava aqui, descansava um pouquinho e duas horas já começava as aulas, ia das 14 às 17hrs. De noite a gente já tinha jantar aqui, jantava e depois do jantar às vezes a gente tinha que ir para o Hospital para alguns procedimentos. Por exemplo, no primeiro ano em Fundamentos de Enfermagem a gente ia para punção endovenosa, para sondagem vesical, para banho, que chamávamos de toalete da tarde, a gente ia depois do jantar, sempre com supervisão porque os docentes moravam aqui. Hoje, atualmente, as salas de reunião, as docentes moravam e a diretora morava lá embaixo então sempre acompanhavam o tempo inteiro. O dia a dia era muito pesado, era muito cheio, era *full time*. A gente estudava muito e também fazia muita farra. Eu participava de um grupo aqui, eu não participava do grupo de japonesas, eu era um grupo de brasileiras e a gente sempre saía, ia ao ensaio do coral. Fomos nós as alunas de Enfermagem, sendo mais honesta foi uma aluna do grupo anterior, de um grupo mais avançada, da Ilza Marlene que montou o Coral da USP, ela tinha um amigo que era da Poli que montou esse Coral da USP. Originalmente era da Poli, mas só tinha voz masculina, como ele conhecia a Ilza, convidou, porque sabia que tinha mulheres, convidou para fazer essa junção de vozes masculinas e femininas e a Dona Maria Rosa, que era diretora na

época, abraçou esse projeto e trouxe o Coral da USP para ensaio aqui na Escola de Enfermagem, na sala que hoje é o anfiteatro Maria Rosa, com aquele piano, todo mundo fazia o ensaio em dias de semana a noite, tinha aos sábados também, a gente viajava muito, o Coral foi para o exterior, foi tomando rumo até que partiu para uma coisa mais estruturada, mais concentrada na Reitoria, que envolve todo mundo. Mas fomos nós!

Tinham umas Nisseis que ficavam juntas. Assim como tinha na Enfermagem tinha na Medicina também, deve ser alguma característica da época porque nossos pais foram aqueles que vieram do Japão, foram para a roça e que sonhavam com o melhor para os filhos, em trabalhar para os filhos. Vieram para São Paulo, para a Capital e permaneceram aqui, tiveram seus filhos e eles faziam questão que a gente estudasse para melhorar de vida.

Com as colegas nós éramos realmente muito amigas, cada uma com sua característica. Eu por exemplo, ficava responsável de acordar aquelas que eram mais dorminhocas, tinham outras que eram mais desenvoltas outras que era mais mãezonas, outras que eram mais dependentes..era uma farra! Chegava sexta feira a tarde você não sabia a farra que a gente fazia, jogava saco, a gente ficava no saco e brincava lá no corredor. Tinha umas brincadeiras que hoje a gente fica contando uma para outra, você não acredita a criancice que a gente fazia, sumia com as coisas..cada uma tinha seu quarto e tinham umas que trouxeram seus bibelôs, seus bonecos, bichinhos de pelúcia e tal. Tinha uma que tinha um cavalo enorme, o Burrico, e ela tinha uma estimação por esse Burrico! E o que a gente fazia, a gente sumia com o Burrico, a gente punha lá embaixo onde atualmente é a tesouraria, tinha uma cabine de telefone e a gente colocava o Burrico lá dentro. Uma falava para a outra que o namorado estava telefonando, ela ia lá atender, era o Burrico que estava esperando, era essas criancices, fazia a maior farra! Eu

morava no terceiro andar, então nós ficávamos fazendo o maior barulho, Dona Maria Rosa morava aqui, as professoras moravam lá, Dona Maria Rosa subia para reclamar, era muito brava mas muito amiga.

No final da vida acadêmica dela, depois que ela se aposentou, nós ficamos amigas dela. Ela era editora da Revista de Enfermagem então cada revista, cada exemplar alguém da Enfermagem Psiquiátrica ia lá, alguma docente da Enfermagem Psiquiátrica ia na casa dela fazer a revisão com ela, porque ela tinha dificuldade visual, a gente tinha que ler para ela. Depois que ela fez a operação de catarata melhorou, mas era uma proximidade muito grande. Eu era mais recatada, mas tinha umas colegas que se sobressaíam mais, não esqueça que essa época é a época da Revolução, tinha algumas que eram mais politizadas, saíam para as passeatas, faziam reuniões aqui, a gente participava, essas que eram líderes ela chamava no apartamento dela. Tinha umas japonesas que faziam esse tipo de movimento, mas era de um grupo anterior ao meu. Tiveram casos de prisão no Dops, tem duas colegas japonesas da época que participaram bastante, uma é a Katsuko, não me lembro do sobrenome dela mas ela participava do movimento e a outra era Emiko..não sei se era Emiko Iwamamoto. Essas eram do movimento.

Tinham discussões na Escola, tudo escondido e a Dona Maria Rosa às vezes ela falava, fazia reuniões para alertar sobre o comunismo, sobre a subversão, sobre essas coisas, perigo, porque tinha uma colega que era líder mesmo, a Irene Cortim. A Katsuko, a Emiko Iwamamoto participavam mesmo dessas lideranças. E nós tínhamos acabado de entrar, íamos ouvir e tal, mas essas levavam mais broncas, a diretora chamava. Era bronca assim, a diretora era muito sábia, ela chamava para tomar chá no apartamento, para ir ao teatro, ela era extremamente fina, uma pessoa quatrocentona. Mas

japonesa mesmo nessa época só essas duas mesmo que eu me lembre. Teve uma vez que a Cavalaria parou aqui, na rampa e a Dona Maria Rosa saiu, enfrentou os guardas falando que não precisava ficar aqui, e ficaram fazendo a guarda porque muito provavelmente houve uma denúncia. E era muito forte a participação dessas meninas que estavam já no último ano, faziam Enfermagem de Saúde Pública, elas eram bem engajadas, era um grupo grande. Mas de japonesas só tinha essas duas.

As professoras moravam aqui então elas conheciam bastante a gente. Quando a gente ficava doente, por exemplo, eu fiquei doente uma vez aqui, estava no quarto ano e fiquei com rubéola, então o que acontecia, as professoras vinham visitar a gente, porque afinal eram enfermeiras, elas iam visitar, cuidavam das gente, queriam em internar no Emilio Ribas, porque a rubéola estava muito intensa, a professora de Doenças Transmissíveis, a professora Clélia Mainadi. Mas tinha uma professora da Enfermagem Psiquiátrica, que era a professora Evalda que era o ombro amigo da maior parte das alunas, a gente brigava com o namorado e ia lá chorar com ela, algumas tinham característica para isso, mas a gente era bem unida. Houve um casamento de uma professora, Dona Edna Marquesotti, ela casou, saiu daqui como noiva e nós todas fomos ao casamento dela no jardim da Escola de Enfermagem, tínhamos uma relação muito boa com as professoras, nós morávamos todas aqui, muito legal!

Na época eu não tomei consciência do que era ser oriental e fazer enfermagem, mas muito mais do que a cultura era o desejo de cuidar de alguém desde pequeninha, acho que não tem muito a ver com cultura não mas acho que fortalece um pouco essa questão do cuidado, cuidado com idosos, mas acho que não influencia não.

Até os sete anos de idade, só falava japonês, porque a família era inteirinha japonesa. Hoje se você me perguntar se eu falo

japonês, tenho certa dificuldade. Entendo, mas filmes, sem legenda, também não dá porque existem palavras difíceis e conversar fluentemente não, misturo muito! Até minha mãe que era Nissei misturava muito, mas eu entendo e consigo montar frases e falar, acho que o que vale agora se eu quiser retomar é praticar muito, principalmente a escrita, escrita eu não sei mais. Porque eu sou da época da Guerra, nasci na época da Guerra e Fernando de Moraes escreveu alguma coisa sobre um movimento Shindoremei. Foram proibidos jornais japoneses, falar japonês, se agrupar, tudo aquilo foi proibido, escola japonesa, naquela época o Governo mandou dissolver tudo isso. Eu sou dessa época, então a gente tinha aula de japonês na escolinha japonesa. Minha mãe dizia que os professores também não se empenhavam tanto para não judiar das crianças também, dos irmãos acho que eu sou a que menos fez japonês, porque minha irmã mais velha sabe, meu irmão sabe, minha irmã do meio mais ou menos porque ela é muito próxima de mim, o nascimento, tem dois anos de diferença. Então teve muita influência essa fase, no aprendizado, alfabetização.

Depois eu fui para a escola normal. Se me perguntar se tinha essa coisa de preconceito, paira até hoje, mas uma coisa não tão intensa como o dos negros. Japonês tem essa coisa mais de tintureiro, mas que eu percebo que o oriental japonês é muito respeitado. Mas quem foi que fez isso? Foram os japoneses mesmo que foram batalhando para melhorar, é muito da formação da cultura japonesa isso, não revidar do mesmo jeito, respeitar, ser humilde, eu tenho a impressão que fez com que os outros enxergassem de outro jeito.

Os estágios eram todos no HC, só Saúde Pública que saiu mesmo, fomos para comunidades fora da Faculdade, fomos para Osasco, Araraquara e outras visitas. Estágio mesmo fomos para Osasco e para Araraquara, Centro de Saúde Paula Souza e a UBS

da Barra Funda. O restante fizemos todos no HC, Psiquiatria, Cirúrgica, Médica, Centro Cirúrgico, Obstetrícia não, você lembrou bem, Obstetrícia nós fizemos no Amparo Maternal.

Existiam aquelas festas tradicionais aqui na Escola, Santo Antonio em junho e a festa de Natal. Nós decorávamos o vitrô ali do corredor do térreo, era desenhado, pintado por nós com motivos juninos, que eram julhinos na época, e motivos de Natal. Nós tínhamos uma mordoma, Dona Maria Anita Valverde, que meio que coordenava isso, desde que a gente se lembre era a Dona Maria Anita que fazia isso. Ela pedia a colaboração da gente, cada uma se organizava, uma tinha mais jeito para desenho, outra pintava e sempre a gente se ajudava. Na época de Natal vinha o Papai Noel e sempre tinha uma festa tradicional que era a Recepção dos Calouros, baile mesmo, lá na sala onde é o auditório Maria Rosa, tinha um grande baile com orquestra, vestido de gala, para os alunos e convidados.

Quanto a disciplina, tínhamos horários de entrada e de saída, se a gente saísse a noite, tinha que entrar até as 22hrs, fora das 22hrs tinha que ter autorização da diretora e era ela que abria porta para gente. A gente saía, ia para um barzinho na Teodoro Sampaio, que existe até hoje, em frente ao Degas, era um barzinho, hoje é um karaokê então sempre duas subiam correndo para segurar o porteiro, a gente falava "Seu João, espera que as colegas estão chegando!" e elas iam mais devagar. A gente fazia uma escala, se organizava de um jeito que mesmo se a gente saísse e a Dona Maria Rosa não ficasse sabendo, a gente dava um jeito de entrar na Escola. A gente tinha um jeito de entrar, de burlar as regras, deixávamos a janela aberta e fazia aquelas cadeirinhas.

Do Centro Acadêmico eu era da Diretoria, era Secretária de gestão da Rosa Godoy. Essa gestão eu participei como secretaria, só uma gestão. Eu era mais da retaguarda, eu era muito medrosa, o

peçoal saia para passeata mas eu dizia "Não vou, vou ficar aqui! Eu fico aqui, se vocês precisarem de alguma coisa da Escola vocês avisem" eu era muito medrosa, eu não saia, meus pais eram muito rigorosos, eu não era assim, na época eu namorava, era mais discreta, sempre fui assim.

Na época do meu segundo, terceiro ano da Escola eu já fui convidada para ficar aqui, do nada as coisas foram acontecendo e quando eu me formei, antes de me formar já vieram me oferecer emprego aqui, na época era muito fácil emprego, o hospital vinha buscar a gente. Eu logo fui trabalhar no Hospital Nove de Julho, eu dei plantão noturno, e de dia trabalhava aqui. Meio ano eu fui voluntária aí fui para Enfermagem Psiquiátrica, Saúde Mental, minha chefe era a doutora Evalda, ela por seis meses me fez estudar Patologia, tinha que ter um tempo para estudar Patologia, depois eu fui estudar Enfermagem, para entender as doenças e depois cuidar, foi um tempo muito bom. Eu fiz 25 anos da minha carreira assim. Então eu acho que só tive facilidades, nunca tive dificuldade, me aposentei na Graduação e saí para o mercado de novo. Eu tenho consciência que não tem profissionais da minha área sobrando, você tem muita dificuldade de encontrar profissionais da minha área trabalhando, dando aula, não tem muitos, então eu me lancei e vieram varias ofertas. Uma das coisas que eu mais gosto de fazer é acessoria acadêmica para enfermeiros, voltei novamente para o Hospital Nove de Julho, fechei o ciclo. Hoje em dia eu faço orientação para trabalhos científicos para todos os profissionais, ampliou um pouco mais, não é só para enfermagem. Atendo em Saúde Mental alunos, professores, trabalhadores da USP, da Coseas principalmente, da USP. Dou aulas na Santa Casa para Enfermagem, Graduação eu dou, relacionamento terapêutico, relações interpessoais, drogas e Enfermagem Psiquiátrica. E dou umas aulinhas na especialização, na Santa Casa tudo relacionado á relacionamento interpessoal, na área de diagnóstico, clinica medico

cirúrgica. Eu trabalho com florais e como os alunos tinham muita pressa, ansiosos para melhorar, eu encaminhava para a psiquiatria e demorava muito o atendimento, até que eu descobri que o pessoal aqui da Escola estava atendendo florais para as enfermeiras, então eu encaminhava, uma veio para na Escola, a outra foi fazer doutorado, a outra assumiu a diretoria, outra foi fazer Educação Continuada, a Ruth foi fazer Doutorado, então ficou para mim o conselho “O resto é para você fazer o curso de terapia floral” então eu fui fazer, dava muito certo. E hoje aplico florais para alunos, professores e trabalhadores da USP. Mas todos tem amigos, amigos dos amigos, eu tive que abrir um consultório, nos sábados eu atendo, sábado a tarde, de manha, um ou dois é sempre assim.

De marcante, a minha turma foi sempre agitadora e muito agitada também. Nós falávamos que éramos nata da Escola, olha como éramos arrogantes! Nós ganhamos o prêmio, e recuperamos a pouco tempo, o prêmio de um concurso de música da USP, um concurso de grupo musical e nós ganhamos como conjunto, fomos umas das primeiras do Coral da USP. É um dos grupos que o maior número de alunos ficaram como docente aqui na Escola. Curioso não? Na época tinha eu, Rosa Godoy, Emiko, Maria Ines, Marli Teoto, éramos um grupo de 26 ou 24, acho que umas dez ou 11 ficaram aqui na Escola.

Colaboradora 2

Eu nasci em uma cidade chamada Fradilha, no Estado de São Paulo e com um ano de idade fui para o Estado do Paraná, morar em uma comunidade japonesa que tinha cultivo de café. A cidade mais próxima era Jaguapitã, mas era assim um lugar muito distante de recursos, eu estudei escola primária em uma comunidade, tipo aldeia, e lá eu estudei até a quarta série. Quando eu tinha nove para dez anos mudei para o Estado de São Paulo de novo em um município chamado Jacanga e ali terminei o primário e depois fiz o ginásio, depois fiz o magistério. Aí como não tinha perspectiva de trabalho, meu pai fez uma pesquisa do que eu poderia estar estudando e ele leu em um jornal japonês, um jornal brasileiro, mas em japonês, que tinha assim uma oportunidade de fazer a Escola de Enfermagem, inclusive ofereciam alojamento para pessoas do interior e refeição. Isso foi uma grande motivação para tentar entrar nessa faculdade. Eu fiz um ano de cursinho depois do magistério e optei como primeira opção a Escola de Enfermagem da USP aqui em São Paulo e a segunda em Ribeirão Preto. Como eu consegui a primeira opção, foi decidido que eu viria para São Paulo e aí assim, essa oportunidade de morar na Escola, residir na Escola é que foi um grande chamariz da escolha do curso de Enfermagem. Claro que eu já tinha idealizado a profissão que seria mais interessante, então foi uma que uniu o útil ao agradável. Então além dessa possibilidade de vir para São Paulo, o fato de ser gratuito, isso ajudou bastante.

Como meu pai tinha intenção de voltar para o Japão com a família, no início tinha uma restrição em relação ao idioma, nós tínhamos que estar falando mais o japonês que o português. Com o passar dos anos ele viu que não tinha condições de voltar tão cedo para o Japão e colocou os filhos na escola comum, eu aprendi o português na escola primária, até então só falava japonês. Foi uma coisa difícil porque eu não estava entendendo o que a professora

falava, eu me limitava a copiar o que estava no quadro. O começo foi difícil, até para poder sair para ir no sanitário,. Eu não sabia como pedir licença e ficava segurando. Então, eu aprendi o japonês, ler, as palavras fáceis através daquelas historias em quadrinho, mangá, eu lia muito. Então era assim, eu tenho essa facilidade de falar o japonês por ser o primeiro idioma, mas assim, são palavras não fáceis usadas quando criança, termos mais domésticos, mas eu tenho facilidade em entender e ate conversar, apesar de ter passado muitos anos sem usar. Quando eu fui para o Japão recentemente, deu para me virar bem.

Meus pais tinham interesse que tivéssemos relacionamentos com pessoas de origem japonesa, tanto é que eu fui a única a sair da tradição de casar com filhos de japoneses, eu casei com um ocidental. Mas durante o namoro, teve choque em relação, conflito, meu pai não estava aceitando e tive que convencer ele que era uma coisa séria, ele tinha interesse em formar família, não estava com o interesse de enganar ou explorar. Mas, tudo vai se ajeitando.

Na Escola, tínhamos a rotina de fazer as tarefas, as aulas, acadêmicas, tinha que fazer trabalhos, a gente utilizava a biblioteca e para preparação para prova a gente procurava estudar em grupos. A facilidade que tínhamos para reunir era muita, tinham os corredores enormes, e várias alunas alojadas no mesmo andar e também cursando praticamente o mesmo ano, porque tinha umas de anos anteriores também, mas a gente fazia um grupo bem unido ara uma ajudar a outra. Era muita facilidade porque nos tínhamos refeição, café da manhã, almoço e janta e ainda tinha ônibus para nos transportar para a Cidade Universitária quando tinha aula lá e o estágio era do lado, no Hospital das Clinicas, isso tudo era muita mordomia pensando bem. E só final de semana que a gente tinha que se virar. Sábado tinha almoço e sábado a noite e domingo a gente tinha que arranjar por conta a refeição. Fazíamos algum

trabalho para ter ajuda financeira, eu tomava conta de crianças, foi assim que a gente conseguiu os quatro anos, foi muito gratificante.

As estudantes eram como se fosse uma grande família. Quando uma estava com dificuldade a outra já procurava ajudar, mesmo em termos de matéria, algumas tinham mais condições, eu que fiz magistério tinha mais dificuldade de acompanhar, fiz só um ano de cursinho, é diferente de quem fez o segundo grau científico. No meu grupo de amigas tinham mais orientais do que ocidentais, a gente até brincava quer era a japonesa, fazia essas panelinhas. Mas nunca tivemos dificuldade de relacionamento, apesar de ter essa panelinha, nunca rejeitamos amigas de outras nacionalidades não.

Tinham umas professoras que eram mais rígidas em termos de disciplina, que eu me lembro de uma delas era a dona Aracy, mas a gente aprendia muito, o fato dela ser enérgica, exigente, assim..eu acho que todas contribuíram bastante para o nosso crescimento e a qualidade da profissionalização. A Dona Maria Rosa era um exemplo de fibra, muito responsável, muito competente, eu gostava muito dela.

Eu não tive nenhum choque cultural, porque inclusive eu tinha um namorado ocidental, nesse primeiro ano de faculdade, nós namoramos durante os quatro anos. Ele era da Medicina. E tanto que ele frequentou tanto a Escola de Enfermagem que no final do nosso curso eles queriam dar a ele o diploma de enfermeiro honorário, pela frequência.

A grade curricular era muito direcionada para as necessidades da época, eu escolhi a especialização em Saúde Pública, tinha interesse em trabalhar com a comunidade, não dentro de um hospital, procurar a parte saúde preventivo. Trabalhei 20 anos na Secretaria da Saúde e só deixei para fazer outra coisa, a parte

assistencial que é terapia corporal, massagem, terapia complementar.

Na Escola tinha a Festa Junina que era uma coisa tradicional, tinha o Baile dos Esqueletos, bom aí já é fora, da Medicina, eu participava porque era namorada do estudante, mas que eu me lembre festa tradicional era a Festa Junina. E as formaturas que tinham bailes, assim, são essas festas que eu me lembro. Quanto a disciplina, eu acho que era mais assim de organização, em questão de horários, sempre tem a hora para descer para as aulas, para o café da manhã, horário para almoço, acho que mais questão de organização. A noite não fazer barulho, bagunça depois das dez para não atrapalhar também, acho que era uma coisa normal a disciplina, não era tão rigorosa, sistema militar, não me sentia tão reprimida assim.

Eu participei de algumas reuniões do Centro Acadêmico, mas nunca foi assim de tomar frente, eu mais ficava em compartilhar só.

Eu acho que foi muito tranquilo, de muita alegria ter tantas companheiras, tanta possibilidade de você crescer porque tinha muita facilidade, então eu só tenho que agradecer. Acho que o elevado número de orientais na enfermagem se explica por ser uma característica do assistencialismo, de querer servir, acho que isso motiva as pessoas a buscarem um curso que possibilite essa oportunidade.

Meus pais trabalharam em lavoura. Meu pai batalhou bastante para que nós tivéssemos uma profissão que não precisasse depender da lavoura, é uma aérea muito sacrificada então a partir de mim, meus irmãos, tenho mais três abaixo de mim, todos conseguiram fazer faculdade, escolas públicas. Eles valorizavam muito o estudo. Dos meus irmãos, como nós morávamos no Estado do Paraná, que tinha poucos recursos, eles não tiveram

oportunidade de continuar, só eu que tive condições de continuar porque nós mudamos para o Estado de São Paulo. Como não precisava pagar mensalidade e o fato de ter alojamento possibilitou às pessoas do interior que não tinham condições financeiras de bancar o pensionato, acho que isso realmente ajudou.

Colaboradora 3

Eu nasci no Japão em Yokohama há 60 anos, esse ano eu faço 60. Passei a infância lá, na cidade onde nasci e aos seis anos de idade meu pai arrumou um emprego no Pós Guerra, estava desempregado no Japão, foi soldado, foi preso no fim da Guerra e depois voltou para o Japão, o Japão destruído na guerra, não tinha tanto emprego assim e ele arranhou um emprego porque tinha formação em Contabilidade. Encontramos um trabalho no Brasil, em São Bernardo do Campo e viemos todos, meu pai, minha mãe e meus dois irmãos, cinco pessoas da minha família, viemos todos juntos para o Brasil e nos instalamos em São Bernardo do Campo. Lá no Japão eu não tinha ingressado na escola, estava para ingressar, mas não havia começado, tinha seis anos de idade e chegando no Brasil com seis anos e pouco, antes de completar sete eu comecei o primeiro ano do primário aqui no Brasil. Eu fiz tudinho, o primário, o ginásio e o colegial científico em escolas públicas e estaduais e entrei na faculdade na escola pública estadual, que foi esta Escola aqui de Enfermagem, e toda a minha formação é no Estado de São Paulo, mestrado, doutorado, tudo.

Meus pais não eram rígidos, eram diferentes, nós somos protestantes, meu pai é pastor protestante também, foi uma educação mais voltada para o protestantismo, alguns hábitos já ocidentais, pois antes de vir para o Brasil eles moravam em Java, na Indonésia, e lá era colonização holandesa então eles se relacionavam com os holandeses e também com a população nativa de Java e eu acho que foi mais ou menos uma mescla, meu pai faleceu há muito tempo, quando eu estava no primeiro ano de faculdade, tinha 18 anos e eu vejo o comportamento deles, da nossa família, até como gente um pouco diferente, andavam de mãos dadas, eram super afinados. Acho que rígido todo mundo naquela época era se for comparar com o dia de hoje, como eu sou com meu

filho, por exemplo, eles eram pais, na questão da religião ele era rígido, como pastor queria que todos nos seguissemos o protestantismo, mas de resto eu conversei muito com eles, eu me lembro de conversar muito, tive uma relação extremamente diferenciada porque nas famílias orientais antigamente, não agora, a filha caçula não abria a boca para falar nada, eu sempre tinha alguma coisa, pedia opinião, eu sempre tive opinião própria tanto é que a escolha de carreira foi por minha conta.

Eu escolhi a enfermagem por influência de uma professora do colégio. No científico eu tive uma professora excelente, vários professores excelentes, o colégio de São Roque é extremamente conceituado, na época todo mundo entrava sem fazer cursinho e tinha uma professora de química excepcional, a professora Leda e naquela época em que ela dava química em São Roque, era professora de Nutrição na Escola de Enfermagem e eu não sabia que enfermagem era nível, e ela que me apresentou a escola de enfermagem, que me contou, ela dava aula de nutrição, dietética e bioquímica. E a influência dessa professora foi enorme e eu prestei meus únicos dois vestibulares, química e enfermagem na USP, tamanha a influencia dela. E aí eu não entrei na química e entrei aqui na escola. O internato era uma das razões que me ajudou a escolher a enfermagem, qualquer outra coisa que eu fosse fazer teria que morar aqui em São Paulo. Antigamente, mesmo em Diadema que hoje é pertíssimo, meu pai estava na fase final da doença a gente morava muito longe tinha que ir de ônibus de Sorocaba para São Paulo, e São Roque para cá era praticamente impossível, tinha que tomar trem e era um custo muito alto para a nossa família então tinha ainda os irmãos, meu irmão mais velho foi para o mercado de trabalho assim que terminou o colegial no Japão, o do meio tem pouca diferença comigo, só um ano e meio, dois, ainda não tinha entrado na faculdade, em uma família japonesa os homens deveriam ter o privilegio, mas eu acabei entrando primeiro e

ele fazendo cursinho para arquitetura. Tinha que ser uma escola publica, nem cogitei escolas privadas, nem existia boas escolas privadas,o internato aqui foi uma facilidade, a dona Leda explicou para mim também, além da profissão inovadora, de ser diferente, eram poucas no Brasil com nível superior universitário, ela acreditava que essa carreira ia ser boa e o internato foi o diferencial para escolher aqui.

O dia a dia das alunas era muito dedicado, bem puxado, as aulas começavam em meados de janeiro, praticamente só tinha um recesso entre o Natal e Ano Novo e um pouquinho mais nós começávamos as aulas no fim da segunda semana de janeiro e íamos até o fim do ano, as férias eram muito curtas e muitas horas de aula por dia. Entrávamos já em abril, tínhamos o primeiro contato com o paciente, a doutora Wanda Horta nos levava no Hospital das Clínicas, isso quando estava muito cedinho. As primeiras atividades no Hospital das Clínicas eram matinais, tinha que estar no hospital por volta das seis e pouco para poder fazer as atividades antes das sete quando começava o turno da manhã, eram atividades pré-matinais, era um dia longo de estudos. As aulas começavam as oito e iam até as seis da tarde, com trabalhos para fazer de noite, e quanto tinha estágio era invariavelmente das sete as quatro, cinco da tarde, quando não tinha plantão noturno e quando a gente fala de estágio as sete é as sete na clínica, uniformizada diante do plantão, não é sete começar a entrar com o pé no hospital, portanto sempre estávamos antes para arrumar o material. Foi extremamente puxado, dado por pessoas extremamente qualificadas e como era internato, claro que tinha a parte de lazer, depois do jantar tinham as nossas sessões de música, paródias, um dia a dia extremamente trabalhoso, sem as facilidades que tem hoje, não tinha computador, não tinha nada disso, toda anotação era na mão, estudos na biblioteca,as aulas de Anatomia eram todas na Escola de Enfermagem, os professores vinham de fora, os laboratórios,

grandes laboratórios onde hoje é o saguão de entrada da biblioteca era o nosso laboratório de anatomia, de micro, como eu estudei sempre, a única diferença era que tinha o dia e a noite restava para fazer trabalhos.

Com os professores havia uma relação de distanciamento, na época, em geral, para todo mundo, o professor era uma autoridade, assim como os pais, de muito respeito. Algumas professoras mais chegadas, mais próximas, afetivamente próximas da gente, que tinham esse contato melhor com as alunas, mesmo assim eu não tive muitos contatos, a partir do falecimento do meu pai no fim do ano, no primeiro ano eu começo a trabalhar a noite, durmo uma noite sim uma noite não, com aula o dia inteiro então eu fico um pouco mais distante desse contato. Agora com as colegas você acaba formando uma fraternidade, são pessoas com quem você convive quatro anos, principalmente gente da sua sala, do seu subgrupo, que somos amigas até hoje, amizades desde os meus 17 anos e vai solidificando, você vai selecionando as pessoas conforme você vai passando os quatro anos. E muita dificuldade, não era fácil não, mas eu acho que o contato assim, que o internato proporcionou para gente é formar grupos bem fraternos mesmo. Mas assim, são subgrupos, não é a classe inteira, mesmo porque entravam 60 e saiam 20 e poucos, muitos reprovavam, desistiam, era extremamente puxado. Naquela época era mal visto, se você casava, tudo era mal visto, quem escolhia noivar e casar no meio já ficava difícil.

Eu não tive dificuldades de adaptação, com seis anos de idade você se adapta a qualquer coisa, é fácil, eu tive mais facilidade que meu irmão, que veio com quase oito. O fato de ter vindo muito nova e ter convivido no meio de brasileiros, a igreja protestante brasileira, não tinham japoneses esparramados, tinha um casal de japoneses na mesma igreja que meus pais, no comecinho eles tiveram amizade com eles, depois não tinha mais, meu pai ficou

desempregado e depois mudou para outro emprego e nisso nós mudamos de cidade, fomos para onde tinha uma colônia japonesa, mas eu não frequentava a colônia, nunca frequentei exceto em Vargem Grande, em que eu estudei em um colégio interno japonês e fui fazer uma comparação entre o internato japonês que era um curso para os filhos dos cooperados que estavam na zona rural, para estudar ficava em um internato. Nós pegávamos um ônibus que ia de São Roque para lá e eu fiquei um pouquinho interna enquanto meus pais não chegaram lá, mas só quando meu pai adoeceu que saiu de lá e eu continuei no colégio interno da cooperativa. Se for comparada com os padrões daqui não tem comparação, a higiene, essa escola é um primor, até hoje você não vê parede rabiscada, banheiro sem trinco, como tem na cidade universitária. E já era assim na nossa época, então eu gostei de tudo daqui.

Quanto aos estágios, a carga horária era muito extensa. A nossa turma principalmente tinha uma carga horária extensa porque fizemos cinco anos em quatro, por isso não tinha férias nem nada, a graduação em quatro anos nós fizemos em três anos e pouco e o resto, o quarto ano de habilitação, que era obrigado, você não se diplomava na graduação, terminava a graduação, mas não ganhava diploma. Quando terminava a habilitação que você recebia os dois diplomas, o de graduado e o de habilitado tinha de obstetrícia e saúde pública, eu escolhi saúde pública. A grade era bastante diferente, as disciplinas que integram a enfermagem começavam bem do começo, fundamentos da enfermagem começavam desde o primeiro ano, não tem essa divisão como tem aula na cidade universitária, anatomia, a gente estava falando do paciente, ser humano, era ele que você ia analisar em aula de anatomia, de micro, como se você olhasse por dentro dele, eu acho que a aproximação era bem diferente, na parte de graduação era que quase que 100% olhando para a situação da assistência no cuidado de internação, tinha muito pouco que não era dado na internação, que era dado na

parte de saúde da comunidade. Mas naquela época a diferença era que em saúde na comunidade nós não debatíamos a questão da pobreza, da diferença de classe social, você foi aprender muito mais tarde porque estávamos em plena época de repressão, 1968 não existia Marx, não existia nada com um suporte mais sociológico que fosse permitido pelo regime ditatorial, você deveria acreditar que tal dado de coisa era daquele jeito, porque as pessoas ou eram pobres porque eram preguiçosas e não queriam trabalhar e tinham muitos filhos e o Estado nada tinha a ver com isso e com a forma que a sociedade se organiza. Essa parte social da enfermagem, como trabalho não era visto, era a enfermagem como vocação, cuidar bem do ser humano, da família dele, cuidar ultra-humanizado, mas aquele ser humano ideal não o real que esta preso historicamente a forma como a sociedade se organiza. Essa parte tem uma grande diferença, a parte do ser humano como indivíduo dotado de direitos que no processo saúde doença ele merecia toda consideração da assistência de enfermagem, essa parte era garantida, você sai da escola de enfermagem não tendo medo de nada, posso ir para uma clínica assim, e eu discuto diagnóstico e tratamento que eu tive que aprender a fazer isso porque as professoras não admitiam que você ministrasse um medicamento ou alguma coisa assim, saber quais eram os efeitos colaterais daquele medicamento, como administrava, quantos dias podia ficar com aquele medicamento, o que podia dar, que ações tinham que observar e a parte clínica era muito densa. A parte de saúde coletiva era nula, tinha a parte de saúde da comunidade não tinha nada de pobreza, da ignorância da pobreza, do subdesenvolvimento. Mas eu acho que a situação da Escola de Enfermagem não era diferente das demais unidades da Universidade de São Paulo, estavam todas com o bico calado, não podia falar nada.

Mas naquela época eu estava no auge do movimento, eu digo que a enfermagem brasileira até pouco tempo retratava o trato da

enfermagem americana com uma diferença de 20, 30 anos. Agora eu acho que não tem esse trato, inclusive a enfermagem brasileira se deve muito devido aos programas de pós-graduação implementados em 1973 aqui na Escola e em 1972 na Ana Néri, mas aqui na Escola foi contínuo. Eu acho que a instalação do mestrado e doutorado que significa fazer a prática baseado em ciência e não mais no que eu acho, no que eu penso e se basear em evidências científicas, coisa que hoje nós cobramos muito, eu acho que isso que fez diferença nessa aproximação porque a gente tinha uma defasagem enorme. Eu acho que você sai hoje melhor aparelhada cientificamente, para dizer qual o lugar da enfermagem, o que a enfermagem pode fazer para ter uma assistência de qualidade. Naquela época nos estávamos no primórdio da Virginia Handerson, dos princípios científicos e a Wanda Horta, eu acho que tivemos um imenso privilégio de conviver com essas figuras, a Dra (nome) e sua invenção de usar a panela de pressão como autolcave para comunidades que não tem recursos, grandes professoras, as primeiras pessoas graduadas que foram diretoras, eu acho que elas fizeram a enfermagem sair das trevas. E a Dra Wanda é um primor, ela que começa com as teorias de enfermagem, com o que se fala de enfermagem no Brasil, ficou muito tempo sem falar porque achavam que era algo sem importância e ela falava, na teoria dela, mostrando a visão que ela tem, e era assim que ela ensinava a gente, mostrando o ser humano que ela via na frente. As aulas, na verdade ela acompanhava as turmas para entrar na unidade, ela ia com a gente conhecer os pacientes, quando íamos fazer aqueles procedimentos mais básicos que hoje eu nem sei se as enfermeiras fazem mais que é o banho, ela tinha umas características bem interessantes, se ela achava que a água estava fria, ela jogava a água do banho do paciente em você, no seu braço “Tá bom, para você?” “Tá frio dona Wanda!” então o ensino era assim, tem que ter vínculo, olho no olho, muito pouca aluna para bastante supervisão, e

as enfermeiras do Hospital das Clínicas eram extraordinárias, muito boas, o ensino, poderia ter sido melhor na época, hoje não, eu diria que falta um pouco de reflexão crítica sobre a sociedade, mas antes nem era permitido.

Uma pessoa que não parece, mas que ajudou muito nessa época, que não entrassem na Escola, que houvesse uma invasão dos militares, foi a própria diretora Dona Maria Rosa, ela se plantou lá no meio e não queria homens em uma escola de mulheres. Eu acho isso bonito. A dona Maria Rosa era incrível. Por muitos anos ela foi a única mulher do Conselho Universitário, ela contava ficava de braço erguido para poder falar por horas, ninguém dava a palavra para ela. Nós podemos chegar nessa fase, hoje ainda a minoria é de mulheres, mas eu acho que a Dona Maria Rosa fez um belo trabalho.

Eu não tive dificuldades ou facilidades por ser oriental, não sei dizer se é por mim mesma, como eu fui inserida no mercado de trabalho muito cedo, porque quando eu começo a trabalhar de noite é como auxiliar de enfermagem, isso me ajudou muito a adquirir a destreza, coisa que a gente tinha bastante na escola, as alunas normais sem fazer habilitação em obstetrícia faziam 64 partos na graduação, hoje em dia nem na especialização fazem. Essa parte de entrar em contato com o paciente, como o curso é longo e a gente fazia tanto plantão noturno, da tarde, mas em geral o da manhã, que era o mais pesado, das 7 às 16 horas, tínhamos bastante mão. Mesmo assim eu tinha mais mão porque fui trabalhar no Nove de Julho na ala de pré-parto, isso você adquire, eu nunca tive nenhum sentimento de estar sendo discriminada porque eu era oriental, nem positivamente nem negativamente, na profissão não.

Eu via poucas coisas, a noite que eu não estava no plantão eu dormia, dormia no almoço inclusive, estava muito cansada e na metade do quarto ano, na parte final que eu parei então passei dois

anos e meio como um zumbzinho, dormindo e estudando. Mas quando a gente é jovem faz qualquer coisa, acho que hoje eu não aguentaria.

Creio que o elevado número de orientais não só na enfermagem, mas na USP toda se explica porque a cultura japonesa valorizava o estudo como forma de superação, as famílias que vieram para cá não eram famílias ricas, eram famílias de classe media baixa, maior parte proveniente da zona rural, e o estudo, ter um diploma, uma profissão que não aquela de ficar na roça, na agricultura, que não era tão mecanizada quanto hoje, era uma forma de ascensão pessoal e social, uma forma de ser reconhecido, e aí então se faziam muitos sacrifícios para os filhos entrarem na universidade. Eu acho que histórias de colegas que contaram naquele livro Nikkei retratam bem isso, acho que minha família tinha um referencial muito grande comparado com a família dessas pessoas, primeiro porque a gente não veio por imigração da agricultura e segundo porque a ficha caiu muito mais tarde, que eu tinha pais com escolaridade técnica, quase ninguém tinha pais com a mesma escolaridade. No cotidiano, você acha tudo normal faz parte, a mãe faz orçamento, ensina a fazer orçamento, essas coisas, ela que me ensina aritmética, tabuada, tanto é que eu sei fazer a tabuada em japonês, em português eu traduzo, aprendi muito antes de entrar na escola. E essa é uma característica que eu acho que diferenciou a família, meu pai veio para cá com a intenção de se integrar ele dizia que nós não viemos para cá para passear, ele nunca voltou para lá, “viemos para cá para se integrar com os brasileiros, tudo bem de frequentar a colônia, mas vamos nos integrar” meu irmão mais velho é casado com uma nordestina, se bem que meu pai já tinha morrido, e eu fui casada com um brasileiro filho de húngaros, meu irmão do meio se casou com uma Nikkei, minha mãe já faleceu também, mas para ela não tinha diferença.

Colaboradora 4

Eu nasci em Santos em 13 de dezembro de 1951. Meu pai é japonês e minha mãe já é Nissei, já nasceu aqui. Por eu ter nascido em Santos, quando eu vim para São Paulo estudar eu tive certa dificuldade porque eu era muito informal. Em 1970, quando eu fui para São Paulo e entrei na Escola de Enfermagem as coisas eram muito formais e eu tive um pouco de dificuldade por causa do tipo de criação que a gente tem em Santos, nós somos muito informais no jeito de falar, muitas coisas que eu falava o pessoal não entendia, muita gíria, o modo de vestir. Na minha turma tinha uma pessoa que nem usava saia e a gente usava até shorts em Santos, então achava aquilo um absurdo. Sou de uma família de quatro irmãos, na minha infância nós fomos criados na rua porque não tinha tanto problema de trânsito, de violência. Dos quatro irmãos, três tiveram que ir para São Paulo para estudar, pois em Santos não havia escola pública, e Enfermagem, por exemplo, não tinha. Eu estudei sempre em escola pública, escola estadual e vim para Escola direta, na época se chamava Científico, agora é Ensino Médio, mas sem cursinho, sem nada, vim por conta própria e passei.

Meu avô era militar no Japão e morava com a gente. Apesar de o meu avô ser muito rígido por ser militar, tinham coisas que eram muito rigorosas em casa, por exemplo, horário de almoço e janta, rigorosamente naquele horário, a gente estava brincando na rua mas naquele horário tinha que estar em casa. Mas por exemplo, meus pais nunca exigiram que a gente falasse japonês, lá em casa ninguém sabe falar japonês e todos nós sempre nos comunicamos em português sempre. E na raça japonesa os pais são pouco afetivos, tem uma relação um pouco mais fria, mais formal e em casa não fugia da regra. Na infância nós fomos criados nas ruas mas na adolescência meu pai me restringiu muito em termos de

horário, de saída, mas por exemplo, a gente tinha liberdade, essa coisa de restringir livros, que livro que esta lendo, isso não tinha. Então era uma coisa meio contraditória, de um lado tinha o militar, que era meu avô, e por outro lado, coisas que os pais das minhas amigas proibiam em casa, por exemplo, essa coisa do livro, não tinha essa proibição, meu avô não queria então a gente lia escondido dele, mas não dos meus pais.

Eu escolhi fazer enfermagem meio que por birra, porque eu tive três escolhas profissionais na minha vida. Quando eu era criancinha queria ser estilista, costureira, eu fazia a roupa das minhas bonecas e tal. Quando eu entrei no Ensino Fundamental, que na época falava Primário, eu decidi que queria ser advogada e vim com essa intenção até o último ano do Ensino Fundamental. Então eu fui a uma festa e tinha uma não sei se atendente ou auxiliar de enfermagem, não sei, da Santa Casa de Santos e ela falou muito bem da Enfermagem e aquilo ficou na minha cabeça. Quando eu entrei no Científico, hoje o Ensino Médio, todas as minhas professoras foram contra, inclusive minha família foi contra. Meu pai queria que eu fizesse Farmácia, eu tenho uma irmã mais velha que fez Medicina e o sonho do meu pai era que ela fizesse Odonto ou Farmácia e ela fez Medicina. O sonho do meu pai passou para mim, mas eu não queria fazer Odontologia nem Farmácia, e nessa festa, com o que essa pessoa me falou eu falei “Eu vou fazer Enfermagem!”. Minha avó foi enfermeira no Japão, mas minha mãe não quis que eu fizesse, eu não sei se ela falou alguma coisa contra, só sei que minha mãe não foi favorável e ela queria que eu fizesse Medicina igual minha irmã. E na escola todos os meus professores foram do contra, eu me lembro de uma professora de inglês chamada Dona Vanda, ela sabia que eu não gostava de guerra, e eu lembro que ela falou “Emília, pensa bem, são os enfermeiros que quando estourar uma guerra são os primeiros que vão a frente de batalha” até hoje eu não me esqueço disso. E como todo mundo era

do contra, e década de 1970 a gente era muito do contra, eu resolvi fazer Enfermagem.

Minha família ficou em Santos e minha irmã já estudava Medicina aqui em São Paulo, então eu morei uma semana em um pensionato na Liberdade. Fiquei em um quarto com a minha irmã, fiquei uma semana só depois eu vim para a Escola, pois eu sabia que tinha internato.

Na Escola eu acho que o internato foi muito bom em termos de união mesmo, nós convivíamos 24 horas. Minha turma foi a última do internato, toda a pessoa cuja família morasse em São Paulo, não tinha direito ao internato. As pessoas que vinham do interior tinham direito ao quarto e como nós convivíamos 24 horas, essa relação ficou muito forte. Por exemplo, a Professora Anita que foi diretora da Escola, como a família dela morava aqui em São Paulo, mas muito longe, ela era uma das pessoas que dormiam escondido nos quartos, todo mundo sabia, tinha colchonete, a gente levava e as pessoas sabiam. As professoras faziam vista grossa, fingiam que não viam. No segundo andar morava a professora de Pediatria, a Naide e a professora Stefanie de Pediatria, e no terceiro andar que era o andar em que eu morava era a professora Evalda, de Psiquiatria.

Nós tínhamos o quarto e a roupa de cama, de banho, semanalmente o pessoal da limpeza organizava o nosso quarto e recolhia a roupa de banho. As roupas usuais, éramos nós que tínhamos que lavar, menos os uniformes que o pessoal da Escola lavava. Minha turma usou a roupa mais horrível, é um azulão, eu lembro que quando fui ao estágio de Fundamentos com a professora Wanda, ela nos levou no oitavo andar e a enfermeira chefe era a Olinda, já foi diretora do HC e eu não esqueço, a Dra. Olinda olhou para a gente e disse “Quem são essas?” e a professora Wanda “São as novas alunas da Escola!”, “Com esse uniforme horroroso?”

eu não me esqueço! Era calça comprida, foi a primeira turma a pegar calça comprida, era um azul bem berrante, com uma blusa branca com uma fitinha azul na manga e na gola e um jaleco sem manga azulão também. Nem sei como a Dona Maria Rosa que era diretora autorizou. A gente achava horrível o branco, minha turma era aberta a contestação, era do contra. Era contra o branco, aí nos abolimos o branco que achávamos horrível, éramos contra a touca, foi a primeira turma que aboliu a touca e a primeira turma que colocou calça comprida.

Foi uma época que tiveram muitas prisões, nós tínhamos muito material considerado subversivo na época, hoje qualquer criança lê mas na época era considerado subversivo, livros, apostilas, o pessoal rodava no mimeógrafo, o pessoal dos Centros Acadêmicos rodavam e passavam de um Centro Acadêmico para outro, que era guardado em um quarto pequenininho no *roof*. O Dops uma vez veio e a Dona Maria Rosa que era a diretora, eu não me lembro de mais direito mas eu sei que ela conseguiu fazer com que os militares não fizessem vistoria na Escola, senão o pessoal que fazia parte do Centro Acadêmico ia ser preso, não todo mundo mas pelo menos uma parte seria arrastada para o Dops. E eu não sei se a minha turma tem esse conhecimento, mas a gente deve isso para a Dona Maria Rosa.

Os materiais eram contra a Ditadura, os militares, queda dos militares, qualquer coisa que você falasse contra os militares, quem fugisse daquilo era preso. Apesar de que na Escola de Enfermagem, de prisões foi a turma que se formou em 1968. E tem até uma delas, eu não sei se ela chegou a ser presa, sei que ela foi pega pelo Dops, acho que ela foi inquirida, ela sofreu um inquérito político administrativo, hoje ela trabalha em uma escola de Osasco e também no Emilio Ribas. O quente ali foi na época de 1967 e 1968 que teve as prisões e depois em 1972 e 1973.

Eu acho que quando a diretoria do Centro Acadêmico passou para a turma da minha época, acho que era mais o momento. Em setembro quando nós entramos, a presidente era da minha turma, que se formou em 1972, nós achávamos que ela era mais cordata, uma grande líder mesmo. Ela ficou um ano e depois entrou outra que hoje ela é uma docente da USP de Ribeirão Preto. E na minha turma, entre 1970 e 1971, que foi a gestão da Jane, acho que foi mais politizada. Mas eu era do Departamento Científico, eu trabalhei acho que duas gestões, não lembro exatamente. Mas assim, eu não era da presidência, quem era presidente do Departamento Científico era a professora Ana, a Miako era do Esporte. No Departamento Científico a gente se envolvia, mas não sabia tanto, realmente era mais o Departamento Cultural que mexia nisso, no Departamento Científico a gente via muitas palestras, éramos um pouco à parte. Eu como era secretária participava um pouco das reuniões da diretoria. Eu entrei na faculdade com 18 anos, tinha acabado de completar 18 anos, então você entende, mas não entende muito que está acontecendo.

A relação com as professoras não era boa, elas eram muito distantes, bem terroristas, eu me lembro de uma que chama professora Aracy, gente de Deus! Foi o que eu me políci na docência para não ser! Coisa que eu nunca fiz com aluno, se a gente tinha alguma dúvida ela falava assim “A senhora vai pesquisar e amanhã me traz a resposta” então ninguém perguntava nada! Isso foi uma coisa que ficou marcada para mim, eu nunca mais perguntei que eu me lembre, foi uma coisa que marcou para mim, o que um professor não deve ser. Os docentes tinham uma distância muito grande com a gente. Claro que tinha suas exceções, uma professora que eu gostava muito, tinha muito afinidade, era muito legal, era a Professora Maria Joaquina de Saúde Coletiva. Eu realmente me identifiquei muito bem com ela, gostei muito dela. Outras pessoas que eu realmente admirava, eu não tinha tanta aproximação, mas

que eu realmente admirava eram as irmãs Carvalho, a professora Neide e a professora Amália. Elas não deixavam essa aproximação mas eu realmente gostava muito das duas, admirava elas como professoras. Quem era não muito querida na Escola era a professora Aracy. Ainda bem que no mestrado, como era obrigado a fazer, ela não deu aula para mim, quem dava mais aula era a professora Dirce. Eu tive aula em Saúde Coletiva quando fui fazer a habilitação em Saúde Pública, a Aracy deu algumas aulas. Eu lembro que o pessoal dormia em sala de aula, a aula era chata demais. E o pessoal que era mais desaforado chegava a fazer tricô na aula dela, era um desafio. Uma vez, que uma das nossas colegas dormiu na aula, trabalhava e estudava, ela dormiu e a professora Dirce ficou quieta, aquele silêncio total, a menina acordou incomodada com o silêncio mortal que ficou na sala de aula, aí ela falou assim “Quem vier na minha aula para dormir, não venha, que eu não vou dar falta” obviamente no dia seguinte metade da sala faltou e ela deu falta e a gente teve que voltar a assistir aula.

Na Escola tinham muitos orientais, em Santos a colônia japonesa é muito pequena, então o meu contato com a cultura japonesa foi mesmo em São Paulo. Eu fui criada muito mais na cultura ocidental do que oriental. Eu não sei porque tem tanta oriental na Enfermagem. Na minha turma, segundo o pessoal da Escola, os professores, a minha turma foi a turma que teve mais orientais. As melhores alunas não eram orientais. Talvez em teoria eu não saiba, mas as melhores alunas que se projetaram na Escola não eram.

A maioria das meninas era do interior, morava na Escola e acabava se grudando mesmo e no estágio, por exemplo, de Saúde Coletiva, era um grupo de dez, só tinham duas que não eram orientais, a Nini e a Manuela, o resto todas nós éramos orientais. Realmente as panelas se formavam, mas porque a as afinidades

maiores era de quem morava na Escola. Mas por exemplo, o pessoal falava coisas em japonês que as ocidentais e eu não entendíamos e ficávamos esperando o pessoal explicar. Algumas pessoas ocidentais no final acabaram entrando na panela, a japanela, panela das japonesas.

Os estágios eram horríveis, começava as sete da manhã e a gente tinha que estar mais cedo lá, 15 para as sete, 20 para as sete. Era até meio dia, e então vínhamos para a Escola. O refeitório era super organizado, onde hoje colocam as bolsas, era tudo dividido e numerado e cada um tinha seu guardanapo de pano, um envelope em que estava guardado seu guardanapo. Você deixava o jaleco, que era considerado contaminado, e pegava seu guardanapo, até hoje não me esqueço, meu guardanapo era 127. Almoçávamos, subíamos para o quarto, escovávamos os dentes e uma hora já tinha aula, que ia até as cinco, às vezes até às seis. Depois, subíamos, tomávamos banho e jantávamos. Eu lembro que tive estagio de Enfermagem Médica, e estávamos tendo ensino clinico, estudo de caso e tal e nós fomos falar com a Dona Maria Rosa, que estava puxado e tal, e nós montamos todo um cronograma de horário, as coisas que a gente fazia, as aulas, os horários de almoçar, tomar banho, escovar os dentes, aquela coisa de aluno e fez um quadro com os horários e as atividades, nosso dia a dia até a meia noite aí eu não esqueço que a Dona Maria Rosa falou assim: “Aracy, o que você tem a falar?” ela olhou e falou “O que vocês fazem da meia noite às seis?” eu não esqueço disso. Eu acho que era muito puxado, tinha o Centro Cirúrgico, que na época a gente instrumentava cirurgia, tinha que estar escalada para instrumentar e a noite no HC, o pessoal de Centro de Materiais era muito legal com a gente, se íamos fazer instrumentação de estereotomia, eles me mostravam a caixa de estereotomia, quais os nomes das pinças, a gente ia treinando lá, foram muito boas as assistentes do Centro de

Materiais, porque toda noite estávamos lá para fazer a caixa e instrumentar.

No estagio de administração nós tínhamos estagio, não me lembro de quanto, acho que era dois ou três a noite, para sabermos como era plantão noturno, como era a supervisão a noite, a gente dava plantão de sábado e domingo de administração, as enfermeiras chefes folgavam e a gente ficava sozinha. As alunas que não moravam na Escola também tinham que fazer.

O grupo de estagio variava muito, às vezes era por ordem alfabética, pela escolha dos professores, pelo próprio grupo que montava o grupo de estagio. Eu fiz estagio com varias pessoas, a gente não tinha aquele grupo fixo, era a critério do professor.

Na Psiquiatria a gente fazia o famoso diário, todo dia você tinha que planejar a conversa terapêutica que ia ser feita com o paciente. Tinha que ter os objetivos, anotar, era como se fosse hoje a sistematização da assistência, tinha que fazer isso todo dia e é claro que nós, alunas, não fazíamos. Só que no final nós tínhamos que entregar o famoso diário que tinha que ter todo o objetivo do dia a dia, suas propostas terapêuticas, avaliação e a evolução do paciente, aquela coisa toda. Depois que eu fui professora que vi que a gente não enganava, mas depois que nós entregávamos, tínhamos que fazer exatamente conforme nos escrevemos na papeleta do paciente, porque elas iam lá conferir o que estava escrito no nosso diário. Tanto que a nota de Psiquiatria saia bem depois, elas faziam essa conferência. Eu lembro que nós ficamos madrugada à dentro, varando noite e no último dia que a gente ia, era sexta feira e tinha que entregar sábado o famoso diário, faltou luz, queimou não sei o que lá, não lembro exatamente e tinha que deixar as mesas no corredor porque no corredor tinha luz e no quarto não tinha. Então ficamos no corredor e uma falava “Não, você não fez isso, o doente não fez assim...” ficava um controlando o

outro para a gente escrever o mais fidedigno possível, mas a gente não fazia mesmo o diário.

O Centro Acadêmico era dividido em departamentos. Tinha o Cultural que talvez fosse o mais politizado, o Social, o Científico, o de Esportes e o de Imprensa. Tinha a Diretoria, o Presidente, Vice Presidente, a Primeira Secretaria, Segunda Secretaria, a Tesoureira e aí vinham os Departamentos. Das festas quem cuidava era o Departamento Social, que arrecadava fundos, tinha a Festa Junina e a gente trabalhava, tinha que ficar nas barraquinhas e eu lembro que uma colega minha, a Augusta que mora ali na Capote Valente, ficou brava porque a gente ficava nas barracas mas também comia e ela era a Vice Presidente e ficou brava! E a Presidente que era a Jane nem *tchum*, “Ah, pode comer, beber..” era mais para se divertir, o objetivo era levantar dinheiro mas era mais uma confraternização e algumas pessoas não tinham bem essa visão. E a gente brigava “Ah, você não vai ficar na barraca!” aquelas coisas. Teve um dos bailes que tinham a famosa luz..como chamava? Aquela que pisca, do filme do John Travolta...”Os Embalos”, e a Dona Maria Rosa que era a diretora morava também na Escola e ela tinha autorizado e alugou a luz, mas aí o som estava alto, aquelas coisas, e aí Dona Maria Rosa, não sei o que deu, acendeu todas as luzes e a Jane foi lá conversar e no final apagamos de novo. Mas tinha aquelas coisas assim, regime de internato era um pouco rígido, a gente tinha que negociar e aos poucos fazer as mudanças.

A festa era no refeitório. A Escola fechava às 23 horas, era o horário limite. E claro que a gente saia e não chegava às 23 horas. O Centro Acadêmico às vezes pagava a parte o porteiro para ficar até de madrugada para gente poder entrar. Ou então a gente deixava a janela do porão aberta e pulava. Os jogos, Inter turmas eu não me lembro, agora tinha muito entre calouros das Faculdades, normalmente era contra a Medicina e no dia seguinte no estágio

encontrava os internos e falava “Ah, perdeu!”. Uma vez eu lembro que a gente foi assistir a um jogo de vôlei na Poli contra a Medicina e o vôlei da Medicina era super forte, tanto é que a Poli achou que eles iam perder. Mas aí a Enfermagem ganhou o feminino porque a gente ia jogar contra a Nutrição e o pessoal não apareceu e a gente ganhou por W.O e aí ficamos lá porque o vôlei da Medicina com a Poli jogou e nós ficamos. Aí não sei quem falou “Ah, vamos torcer pela Poli?”, “Vamos!” aí foi lá a Enfermagem torcendo pela Poli e eles ganharam.

Os namoros eram mais com a Medicina, era próximo e nós tínhamos uma relação muito direta e boa. Tinham algumas pessoas que conheciam o pessoal da Medicina pelo cursinho e a relação dos Centros Acadêmicos era boa, mas no esporte eu me lembro disso, da gente torcendo pela Poli.

Quanto à disciplina, não podia entrar bebida alcoólica e é claro que entrava! Normalmente, se usava muito poncho, colocava a bebida em baixo do poncho e entrava. Também tinha uma mochilinha do Centro Acadêmico, também a pessoal saia com a mochilinha e trazia. Trancava o quarto, claro que viam, mas não dedavam a gente. Eu lembro um dia, nós estávamos jantando e a professora Evalda ia fazer uma blitz e aí foi um negócio, porque assim, as residências eram divididas em Ala Sul, aquela que fica bem em frente ao corredor, e Ala Norte, que fica do outro lado. A Ala Norte, a varanda dá para a Atlética, a gente sabia que naquelas árvores o pessoal fazia uns amassos, mas como veio essa coisa que ia ter uma Blitz, todo mundo pegou as garrafas, foi na Ala Norte e jogou na Atlética. E o pessoal “Mas por que jogaram todas essas garrafas aqui?”. Não me lembro de ter acontecido outra blitz, mas de vez em quando corria boato “Ah, a professora Evalda vai fazer a blitz!”.

Minha turma teve três habilitações: Obstetrícia, Médico Cirúrgico e Saúde Pública. E como a gente denominava tudo? Quem fez Obstetrícia eram as curiosas, quem fez Saúde Pública era varredor e quem fez Médico Cirúrgico era empregadinha de médico. Então se denominava as três habilitações e o grosso da minha turma fez Saúde Pública. Quando eu entrei na Escola realmente me decepcionei muito com a Enfermagem, me lembro da Doutora Wanda, na primeira aula ela falando assim “a Enfermagem não tem definição” ate hoje não me esqueço disso. E eu não sei porque optei pela Enfermagem porque sou muito cabeça de exatas, sou muito racional, muito cartesiana e aquilo me chocou, eu pensei “O que eu estou fazendo em uma faculdade cuja profissão não tem definição?” quer dizer, hoje tem mas não se tinha. E essa falta de definição realmente, no segundo ano, eu tive vontade de sair aí minha família que tinha sido contra falou “Não, termina, depois você faz o que quiser” e acabei ficando. Eu levei bomba em Enfermagem Médica por causa de uma das professoras, mas eu acho que não estava tão preparada para a Enfermagem, entrei com 18 anos, acho que nós não somos preparadas, é uma responsabilidade muito grande, acho que tem que fazer cursinho para poder entrar. Com 18 anos nós somos muito imaturas e a minha sobrinha também entrou com 18 e ela mesma diz que foi muito imatura, se ela tivesse feito a faculdade com 19, 20 anos, ela teria aproveitado muito mais.

O pessoal da minha turma tem trauma, as coisas eram rigorosas mesmo. Eu acho que a Escola, em termos de formação, ficou muito a desejar com a minha turma. Foi a época que os decentes tiveram que fazer Mestrado, era obrigado. Uma vez eu lembro até hoje, estava com um paciente chocado e na época não se tinha UTI assim, o paciente chocava e ficava na enfermaria, a professora simplesmente foi fazer o Mestrado e foi embora! Era Hospital Dia! Eu fiquei sozinha lá e em termos de aprendizagem da Enfermagem eu fui aprender na vida profissional mesmo. Em termos

de conhecimento, de habilidade eu realmente tenho consciência que me formei muito mal, não me formei uma boa enfermeira. Agora o grande mérito da Escola eu acho, é que eles estão sempre puxando na nossa cabeça que éramos uspianas e que quando nos formássemos tínhamos que honrar nosso diploma de USP, isso eu me lembro que eram embutido na nossa cabeça. E que na vida profissional, temos que começar. Mas do internato eu tenho boas lembranças. Não tinha esse trauma do internato, agora da Escola os professores eram muito rígidos, muito terroristas. E no final, quando eu fui para a docência, eu também fui uma professora terrorista, para botar ordem. Mas agora o professor tem certa aproximação, não é mais esse terror que a Escola colocava. Então tem umas coisas em termos da docência da Escola que eu achava um horror, desnecessário e muitas alunas traumatizaram.

Da minha turma que largou a profissão tem a Odete, foi fazer Medicina. Agora outra coisa boa, no último ano nosso, em agosto, setembro, os hospitais vinham na Escola motivar para ir trabalhar com eles. E até hoje não me lembro se era hospital do Estado ou da Prefeitura, tinha que fazer uma prova e eles vieram na Escola fazer a prova para não desistir no meio do caminho, vinha uns dois atrás da gente. Eu não sei procurar emprego, sempre vieram atrás de mim, eu sou dessa geração, tinha muito emprego e poucos profissionais. Eu fui trabalhar em hospital, e assim, é a leva. Na minha turma, nós fomos em 20 trabalhar no HC, tanto é que o HC ficou assim “Nossa, fazem anos que o pessoal da USP não vem trabalhar aqui” e eu também fui. E na Saúde Pública que é o que eu me formei, acabei não indo. Depois do hospital trabalhei na docência, depois da docência trabalhei na Secretaria do Bem Estar Social.

Colaboradora 5

Eu tenho o prazer de narrar a história da minha família, porque cada família tem sua peculiaridade e os motivos que levaram a família a vir para o Brasil. A minha família é de origem de Tóquio, uma família constituída por políticos, era uma família que vivia de renda, tinha uma riqueza muito incomum na época. Tanto que meu pai quando decidiu vir para o Brasil, a família dele se opôs e tentaram de toda forma para ele ficar no Japão tipo “Vamos abrir uma loja de material de construção para você ficar por aqui”, mas meu pai com um jeito de aventureiro mesmo, ele queria vir para o Brasil, tinha um sonho de conquistar novos locais, um pouco de expansão de área japonesa, na época marcava muito o poder militar no Japão, a cultura da sociedade no Japão era muito marcada pelo poder econômico na sua perspectiva e também o poder militar, tanto a Marinha quando o Exército, complementado pela Aeronáutica também, mas o mais forte era o poder do Exército e da Marinha. Minha mãe tem uma história um pouco diferente, mas posso dizer que tem o mesmo romantismo. Minha mãe era uma moça que cresceu na cidade, não conheceu as dificuldades na vida porque também era uma família de fabricantes de shoyo, não tinha problemas econômicos na família. Minha mãe cresceu como uma moça da cidade, que sonhava com o casamento e constituir uma família. Mas o sonho dela era só isso, era conhecer o universo e um desses...um dos marcos dela era o Brasil porque na época o Japão sofria de superpopulação, tinha muita criança e o Japão é um território estreito e o governo japonês incentivou a saída das famílias. É claro que as famílias que tinham mais dificuldades econômicas concordaram em sair do país. No caso dos meus pais, não foram essas razões econômicas, era um sonho de quem queria conhecer outro mundo, desbravar outro território. Minha mãe, por exemplo, o sonho dela era olhar o Cruzeiro do Sul de perto, ela diz que foi realizado. Não sabe por que, mas era o Brasil que ela queria

conhecer. A história de porque eu estou aqui hoje, porque eu tenho meus irmãos, é o seguinte: meu pai veio sozinho porque o colégio que ele tinha estudado tinha um projeto específico para Europa, Estados Unidos e Brasil. Os rapazes que haviam terminado o curso do colegial na época, tinham aulas de línguas estrangeiras, quem fosse para o Brasil tinha aula de português, quem fosse para os Estados Unidos tinha aula de inglês, igualmente para o mundo europeu, eu tenho guardado o dicionário que ele utilizou há 60 anos até hoje, é uma relíquia! Meu pai veio com cerca de 20 rapazes e vieram já reconhecendo um pouco como era o Brasil, o predomínio de terras nativas, os índios, que haveria muita dificuldade para uma vida civilizada. Nesse sentido meu pai veio sozinho com esse grupo de rapazes e o objetivo era formar lideranças para implementar frente de famílias, formação de colônias de japoneses. No início, o projeto era no território da Amazônia, Belém, era região norte, mas a dificuldade era imensa, tiveram muitos problemas, conviverem todo o tempo com tribos indígenas, no sentido de ajuda, aprenderam alguma coisa com eles e também a própria sobrevivência. Mas após seis anos de luta, foi uma felicidade momentânea, se eu falasse para você nos termos atuais, seria uma bolha econômica, o algodão subiu de preço, meu pai tinha plantado algodão, ele conseguiu fazer uma economia na época e conseguiu passagem de volta para o Japão. Ai ele retornou pro Japão e queria participar da Segunda Guerra Mundial, queria defender a pátria. Foi outra trajetória que guarda sua característica de aventureiro, mas ai meu pai foi reprovado no exame médico e o sonho de defender a pátria não se realizou então ele decidiu não permanecer no Japão, retornando para o Brasil contra a família. Ele retornou para o Brasil, mas procurou uma pessoa para ir com ele, ai ele encontrou minha mãe, que tinha o mesmo sonho de conhecer o Brasil. Nesse sentido, quando meu pai retornou ao Brasil, ele retornou já estava casado. O casamento no Japão, por muitos anos, permanecia no sentido de não

simplesmente um fato de amor entre duas pessoas, mas era questão de negócios, também, nesse sentido após o casamento do meu pai e minha mãe houve outros relatos no Japão. Meus pais vieram em minha mãe já, meu pai não retornou ao território da Amazônia, ele veio para a região sudeste para o estado de São Paulo e se fixou no interior de São Paulo, foi trabalhar em um núcleo que havia já uma pequena colonização na fazenda de café e meus pais se integraram nesse núcleo e as crianças foram nascendo. Mas logo após essa fase de Segunda Guerra Mundial houve graves conflitos de ideias que o Japão era um país invencível, quem admitia a derrota na Segunda Guerra Mundial era chamado de (nome), acho que isso não tem tradução na língua. Nesse sentido envolvia mortes, assassinato de jovens e chefes de família, a situação era bastante crítica e meus pais avaliaram que era problemático educar os filhos nessas circunstâncias então novamente meu pai se lançou na quarta fase de aventura de sua vida, ele foi para mais próximo da região metropolitana de São Paulo, mas não teve sucesso nessa proximidade, ele retornou e voltou para outra cidade do interior de São Paulo e não teve sucesso também, não vou entrar em detalhes, mas nessa trajetória meu irmão mais velho faleceu. Claro naquela época era rara assistência médica, acesso a médico era muito difícil, somente na cidade, na zona rural não existia esse tipo de recurso então meu irmão faleceu por falta de assistência médica e por falta de gravidade do dano que ele sofreu, ele faleceu de queimaduras. Depois disso, a decisão dos dois foi fortalecida no sentido que eles teriam que viver na zona urbana para ter acesso a educação e outros tipos de recursos, muito porque eles viveram essa realidade no Japão, eles não suportaram esse ambiente muito crépido, muito árido, sem recursos, então a decisão da minha mãe eu penso que tenha pesado bastante para que eles abandonassem ambientes muito áridos. Meus pais viveram em Paraguaçu Paulista, uma parte

em Mangatuba e depois vieram para a zona urbana de São Paulo, mas se fixaram mesmo em Suzano.

Minha mãe também tinha terminado o colégio na época e a família desejou muito e incentivou muito para que ela fosse para o magistério, mas ela preferiu casar e vir para o Brasil, era uma pena. A minha formação escolar, articulando a trajetória dos meus pais, quando eu era criança eu não sabia falar português, meus pais só se comunicavam em japonês, assinavam revistas em japonês, e eu tinha muita leitura em japonês e até hoje eu tenho facilidade na escrita, na língua japonesa, tenho facilidade de leitura e minha formação tem muita cultura japonesa. Eu penso que a minha formação é um misto da cultura japonesa e brasileira porque eu me integrei ao contexto Brasil quando ingressei na faculdade. Até lá eu convivi muito próxima dos meus familiares, como meus pais não vieram com parentes, eu não tive muito contato com outras famílias, eu praticamente convivi com a minha família somente. Então a minha formação escolar para entrar um pouco nos detalhes, tive muita dificuldade de entender o português no curso primário, continuei com a mesma dificuldade no ensino médio e cheguei a faculdade com essas marcas de como interagir totalmente com a língua portuguesa. Tive muitas aulas particulares, li muito para poder transpor essa dificuldade. Ainda tenho essas marcas. Eu sempre estudei em colégios públicos, pela condição econômica da família estudar em colégios particulares não era algo que pudesse imaginar. Somos sete irmãos, um falecido e no ano de 1996 faleceu outra irmã, então atualmente somos cinco. A minha família era matriarcal, minha mãe determinou o tempo todo o ritmo e a dinâmica da família. Meu pai trabalhou para gerar orçamento para a família.

A minha opção pela enfermagem foi o seguinte, eu conhecia, meus pais era amigos da família de uma ex-professora daqui da Escola, professora Euriko Kamirama e como a professora Euriko

ingressou e se tornou docente daqui, minha mãe sempre comentou dessa perspectiva, dessa possibilidade de eu ingressar nessa faculdade. Foi mais ou menos isso que me levou a aproximar na área de enfermagem. Eu havia pesquisado e sabia da possibilidade de receber alojamento, alimentação e isso realmente me fez decidir estudar enfermagem, pois as condições econômicas da minha família não eram muito fáceis na época.

Quando cheguei à Escola, assustei bastante porque o mundo fechado e circuito bastante reduzido das inter-relações da família com o mundo de repente ficou muito grande para mim, eu fiquei muito assustada. Depois eu devo ter acostumado, tive dificuldade de conhecer outras pessoas, de conviver com pessoas tão diferentes uma da outra, mas foram aspectos positivos que me fizeram crescer como pessoa e serviram de base para a profissão.

Como eu era muito tímida, fechada e uma pessoa e poucas palavras me arrumavam sempre brincadeiras para eu namorar com o único estudante nipônico da nossa turma. Mas não vingou, não porque eu achei que quieto com quieta era dois mudos, não tem como progredir não é mesmo? Eu preferia me enturmar mais com as orientais, mas não deixava nunca de lado me enturmas com as meninas que eram de diversos descendentes, espanhol, tinham diversas. Para mim era algo que não podia deixar de participar.

Com as professoras, elas eram mais rígidas. Era uma relação entre aluno marcava mais uma linha de autoridade e subordinado. Caracterizava mais uma relação de impor do que abrir espaço para os alunos, com exceção de algumas professoras que abriam espaços para diferentes relações professor/aluno, uma relação de amizade, de igualdade, não de autoridade. Estabeleciam certo equilíbrio na relação, mas eram poucas.

No meu ponto de vista, o porquê de orientais na enfermagem, na época de 1960 até mais ou menos 1970, no meu ponto de vista as mulheres japonesas são submissas ao sexo masculino e essa relação, ao analisar a relação médico e enfermeira tem alguma analogia isso. Eu vejo essa relação que explica em parte a presença tão significativa de estudantes orientais. Hoje eu não vejo um peso tão grande quanto naquela época, de 60 até a década de 80, eu imagino que as famílias se integraram mais e perderam identidade originalmente das famílias japonesas, quando as mulheres eram realmente submissas aos homens. Eu vejo que uma das explicações de porque tantas orientais na área enfermagem é isso. Eu vejo que na medicina é diferente, medicina é o top, é o mais disputado, o mais almejado porque é o mais difícil, eu vejo outro sentido porque dos orientais. Japoneses têm essa tradição de que o que ele fixa como meta, tem que conquistar, tem um pouco dessa característica na cultura japonesa.

Eu queria buscar no mundo outras relações, não fechar na minha família só. Quando eu pensei o curso da enfermagem, o que eu mais queria era distanciar um pouco da família, experimentar um pouco a minha vida, a minha capacidade o que eu sou capaz de fazer, de que forma consigo enfrentar situações problemas ou não, essa era minha vontade quando eu vim para São Paulo.

Quanto a grade curricular, nós estudávamos doentes, internados, esse era o marco inicial, enfermagem iniciava o campo de estágio no hospital, habilidades clinicas, estudar muito, mas não havia livros de enfermagem, estudávamos muito livros da área medica, era uma posição ainda emergente na época.

De atividade extracurricular eu me lembro da festa junina era como se fosse festa de família, a estrutura de funcionamento da escola contava com uma pessoa que ocupava uma posição próxima a uma governanta da escola, cuidava de tudo, da moradia dos

alunos ate a parte administrativa. Nesse sentido, festa junina era como se fosse festa interna, embora houvesse abertura para os familiares participarem, era algo muito familiar. Mas vinham outros estudantes principalmente da Poli e da Medicina que participavam dessa festa. Da Escola Politécnica tinha uma razão, o ensaio do coral da USP era realizado na Escola, então eles já conheciam o ambiente da escola, ficavam sabendo da data da festa e vinham participar. A medicina era perto, entre os estudantes havia algum tipo de trocas de informações e eles sabiam. Nos quartos era algo muito frequente, mas não espalhava muito, era entre os grupos. Uma atividade extracurricular que eu me lembro de eu participava dos programas dependendo da época a prefeitura de São Paulo programava aula de natação, aula de ginástica e como o Pacamebu ficava próximo, eu participava dessas atividades.

Quanto a disciplina, ninguém podia ficar fora da Escola depois das 23 horas, isso meu me lembro bem, não podia fazer muito barulho, os horários das refeições eram rígidos, no sentido de manter a ordem da casa, havia serviço de lavanderia, as nossas roupas de cama, uniforme, eram lavadas na própria escola e nos devolviam passadas e engomadas e perfeitamente em ordem, era algo impressionante.

Era época de AI-5. O Centro Acadêmico promovia debates, promovia discussões para que estudantes de enfermagem também pudessem integrar ao ambiente de mudança, ao que estava acontecendo no mundo, havia um esforço de algumas líderes estudantis, aliadas a faculdade de medicina e a outras unidades da USP que traziam notícias e promoviam discussões e debates. Segundo avaliações de alguns lideres na época, nós éramos muito quietas e silenciosas e aparentemente segundo pessoas que nos viam de fora, éramos muito pacatas.

Um fato importante, eu acho que por ser Escola de Enfermagem, as professoras nunca deixaram de assistir alunos que tivessem alguma dificuldade, seja de família, da própria estudante, isso era algo notável que aproximava do censo de ser enfermeira no sentido de preocupar-se com o próximo, com a situação do outro e tentar ajudar e sanar situações problemáticas. Mais tarde, isso na pós-graduação, eu estudei teorias da enfermagem e eu identifico que o dom de professoras quererem ajudar as estudantes ou qualquer situação que houvesse problema esta no âmago do ser enfermeiro, isso foi algo que me marcou na formação. Eu tive pouco contato com a Dona Maria Rosa, mas lembro de que era uma professora ativa, responsável e que trabalhou muito para o desenvolvimento dessa Escola, muito. Eu fui aluna da professora doutora Wanda Horta, uma pessoa admirável E tiveram muitas colegas que mesmo não adentrando a carreira da enfermagem, foram pessoas importantes para mim que aprendi muito e que me fizeram refletir sobre mim mesmo. Na vida, cada situação, cada pessoal deve ser cultivada no sentido que cheguemos a algum sentido naquela historia. Mesmo agora sendo entrevistada por você estou fazendo o possível para tornar esse momento mais agradável e que você possa colher dados significativos para o seu estudo e sua pesquisa. Não sei se estou correspondendo!

A Dona Maria Rosa, professora Rosa Godoy, professora Emiko, foram minhas professoras e marcaram muito, cada uma trouxe, mostrou e nos criou situações de aprendizado, hoje elas são professoras titulares, professora Maria Alice é uma professora amada pelos seus alunos, é uma pessoa que realmente dedicou a vida à enfermagem. Em questão de títulos é outra questão, mas é uma professora que eu admito muito, ela nunca deixou o censo da enfermagem, tanto no ensino quanto na prática é uma pessoa que tem que ser lembrada. E o que eu comentei para você quais são as razões que eu percebo e que para mim tem sentido do porque da

presença de estudantes de origem oriental, principalmente os japoneses é porque eu convivi com essa cultura, é questão além do individual, questão comportamental que tem raízes históricas tradicionais e culturais, como os japoneses por isso que eu falei isso. Não é uma questão pessoal.

A relação com a família, eles tem formação superior, minha irmã mais velha fez ciências farmacêutica e meus irmãos formaram em engenharia, um na Escola Politécnica e outro no Instituto Tecnológico da Aeronáutica, o ITA e cerca de sete anos atrás, esse meu irmão que fez ITA terminou a Faculdade de Medicina da USP. É médico e engenheiro, hoje ele é pesquisador, bioengenharia, era a aérea que ele queria. Eu fiz enfermagem e minha trajetória, eu fui envergando para área administrativa e faltava um pouco tornar mais consistente meus conhecimentos na área administrativa, gerencial aí eu optei por ingressar na faculdade de economia e conclui a faculdade de economia da PUC, sou enfermeira e economista. E não tenho remorso.

Eu fiz Saúde Pública porque observava na época que enfermeira não podia ficar só na enfermagem, no Centro Obstétrico, a enfermeira tinha que ter uma visão mais ampla, não bastava atender doentes em fila. Eu percebi que agregar outras visões, outras dimensões do mundo seriam fundamentais para meu crescimento por isso que optei por fazer saúde pública e continuo até hoje. Hoje tem dois médicos na família, uma farmacêutica e dois engenheiros, nós temos uma relação de igualdade, não temos ninguém sobressalente, todos nós interagimos e um ajuda o outro para que na dificuldade todos nós tenhamos condições de estender as mãos para os meus pais que estão tão idosos e doentes hoje, nos interagimos perfeitamente. A união na família é uma característica forte.

Eu admiro você, pode até gravar, de você ter interesse pela história da enfermagem, sem história não existe o presente e o futuro. Conhecer a história, ter um olhar crítico e ter elementos que você possa analisar o passado, aí você tem elementos fundamentais para projetar o futuro. Não é todo aluno que interessa e consiga captar esse olhar da história, não história como um simples fato mas interpretá-los no contexto do período, a história muda porque as condições mudam, isso que é importante na história da enfermagem. Outrora não tinha condições como hoje, mas como era a enfermagem naquele contexto? Isso que explica as condições do porque nós fazíamos daquela forma e hoje não porque o contexto é outro. É esse olhar analítico.

Colaboradora 6

Eu nasci em uma família de sete filhos e eu sou a quinta filha. Meus pais vieram do Japão como imigrantes e foram para o interior. Depois, quando eu tinha cinco anos, vim para São Paulo e aqui passei grande parte da minha infância, mas até os cinco anos eu morava em um sítio. Quando vim para cá, me matricularam no ensino infantil, eu sou bem brasileira. A formação escolar, o primário, o secundário, eu estudei sempre em escola pública. Naquela época quando eu era criança, tinha muito mais escola pública do que hoje. Atualmente eu acho que as escolas privadas tomaram muito espaço. Eu tive uma boa formação escolar, no primário, secundário, colegial, eu estudei sempre em colégios considerados fortes e eu me considero uma pessoa que teve privilégios de ser bem formada, na questão da formação mais básica. E meus pais vieram jovens do Japão, meu pai veio com 16 anos e minha mãe com 14, bem na fase da adolescência, quando a gente imagina que eles vieram, tiveram que atravessar o oceano num navio, ficaram dois, três meses para vir para um lugar, sem saber o que iriam encontrar aqui, foram de muita coragem. Então eles eram pessoas que praticamente, viveram a maior parte da vida aqui mas nunca deixaram de ser japoneses e mesmo para falar tinham muita dificuldade. Porque japonês é uma raça muito panelreira, eles ficam muito juntos, agregados. Meu pai trabalhava em uma empresa japonesa, a minha mãe era dona de casa, não saía muito de casa também, eles participavam de associações de bairro de japoneses. Quando era pequena, no primário, eu me lembro de que uma das coisas que me marcou muito era que eu tinha muito erro de português, eu falava errado, na minha casa eu sempre morei com meus avós então meus avós falavam japonês também e a gente falava em japonês com eles. Com meu marido foi a mesma coisa, ele também teve muito problema, até mais problema que eu porque ele repetiu o primeiro ano, eu não repeti mas eu me lembro de certa dificuldade. Quando

meus filhos nasceram, eu tinha vontade de colocar eles logo para aprender japonês também, mas meu marido não deixou. Hoje meus filhos me cobram que eles queriam ter aprendido japonês. Mas sempre é tempo, estudaram muito depois.

A relação com meus pais sempre foi muito tranquila, apesar das dificuldades porque eles tinham muitos filhos e aquela coisa de vir do interior para São Paulo. Eu morava na Liberdade, para variar. Era e ainda é o reduto dos japoneses. Meus pais quiseram vir do interior para cá para gente poder estudar e eles sempre valorizaram muito o estudo, meu avô era professor então eles sempre valorizaram muito essa parte, não queriam que a gente ficasse lá porque lá não tinham muitas oportunidades, então a gente veio todo mundo para São Paulo. Eu conheci muita gente que os pais ficaram no interior e os filhos vieram para estudar em São Paulo. Mas a gente veio todo mundo.

Eles eram muito rigorosos, tinha uma cobrança muito grande que a gente se empenhasse bem, eu por ser a quinta não sofri tanto essa pressão, agora meus irmãos mais velhos sofreram. Até porque só tem dois homens de filhos e eles são os primeiros, então eles sofreram muito mais do que a gente. Eles eram rígidos com essa coisa de não misturar, casamento, meus dois irmãos foram casar com brasileiras, foi um sofrimento, minha mãe só chorava. No fim, foram as duas cunhadas minhas que mais deram apoio para eles quando eles ficaram doentes. Muda a visão. Elas foram muito mais presentes para eles do que até nós, as próprias filhas. Depois vem os netos, aquelas coisas bonitinhas, fica tão bonito mesticinhos. Mas no começo foi aquela coisa sofrida porque eles tinham muito daquela coisa das tradições japonesa. Mas a relação com eles sempre foi muito tranquila, apesar das cobranças, nunca teve aquilo, vamos dizer “Ah, não!” a gente vivia bem, entre nós, meus irmãos, minhas irmãs, sempre saía muito junto. Era eu, as duas menores

que eu e uma maior que eu, nós quatro, eram as irmãs Miura, para cima e para baixo, a gente ia para todo lado juntas. Então sempre fomos muito unidos.

A opção pela Enfermagem se deu no terceiro colegial. Eu me lembro perfeitamente como que foi isso, tem um professor nosso do colegial que deu um trabalho para gente fazer sobre as profissões. E foram vários grupos procurar onde desenvolver esse trabalho e eu me lembro que fui em grupo que foi fazer sobre enfermagem. Fomos naquele colégio, uma escola de Enfermagem chamada Jobe Leime que era aqui no Hospital Samaritano, eu gostei muito e resolvi, ali, que eu ia fazer Enfermagem. Ninguém na minha família era enfermeiro, mas quando eu falei para minha mãe que eu ia fazer Enfermagem, ela me deu total apoio, ela me falava uma coisa que eu guardo até hoje, sempre vou achar que é verdade, ela falava assim: “Enfermagem é uma profissão para vida, não é só uma profissão, é uma coisa que você aproveita para a vida” e olha, é tão verdadeiro isso, depois quando você se torna mãe, como é importante você já ter aquele conhecimento sabe? Não é uma coisa que você nunca viu, cuidar de uma criança, os probleminhas que aparecem, cuidar da família, de vizinhos. É uma profissão que dá uma abertura muito grande, não somente para você atuar como profissional, mas na sua vida de uma maneira geral. E te dá uma formação como pessoa muito boa, você entra em contato com esse lado humano e esse lado também de você ver tanta doença, tanta miséria, tanto sofrimento e você deixa de lado muita frescura dessa vida porque você começa a ver as coisas mais na sua essência. E depois também com a minha vida profissional, em terapia intensiva, a gente começa a ver que vale mesmo aquela essência não as pessoas, as posições sociais, é uma coisa muito útil, uma profissão útil em vários aspectos. Eu tive o respaldo da minha família, porque sem a família, que já tinha aquele estigma marcado da profissão de Enfermagem com uma coisa de um nível inferior, tem muita gente

que queria que a filha fosse médica e não enfermeira, eu conheço colegas aqui que os pais queriam que a filha fosse médica e quando falaram que iam fazer Enfermagem, não aprovaram. Então eu me sinto tão tranqüila nessa parte de ter feito Enfermagem, porque tinha muito respaldo em casa. E eu até tenho uma irmã minha, depois de mim, que é enfermeira também, tem nós duas. Fez faculdade também na Escola, dois anos depois ela entrou.

Para ingressar na escola, antigamente era o Cecen, como a Fuvest, era para a área de saúde e tinha uma outra que era para a área de engenharia. Eu lembro que as pessoas que entravam aqui entravam com uma noção, dava até para entrar na Medicina, a minha nota era muito boa, se quisesse podia entrar na Medicina.

Como eu tinha família que morava aqui em Santana, só quando começou aquela fase mais de estágio eu ingressei como interna. O dia a dia das alunas internas era muito legal. A gente tinha um convívio muito mais próximo, porque a maioria das pessoas morava aqui. Vinha muita gente do interior, de outros Estados, então tinha que morar aqui. Nos quartos das alunas, tinha uma caminhai, uma escrivaninha e desde que acordava e na hora que dormia, estávamos juntas. De manhã já tinha o café aqui mesmo, depois íamos para o estágio que era a maior parte aqui no HC, a gente ficava muito junta, era uma proximidade muito maior que é hoje. Tinha jantar aqui também e onde é hoje o Centro Acadêmico tinha uma lavanderia. Até o ano anterior ao meu as alunas usavam aquelas roupas engomadas, com aquele aventalzinho e aquela toquinha engomadinha, tudo feito na lavanderia que tinha na Escola. No meu ano acabou tudo, nossa classe era muito revolucionária, a Janete que era presidente do Centro Acadêmico, da minha turma, tomou a liderança para tirar aquele uniforme e a gente fazia estágio de calça comprida e aquele jalequinho, imagina a mudança que foi isso, porque não podia suar calça comprida, só saía. Mas enfim, nós

éramos bastante unidas, participávamos de todas as atividades do Centro Acadêmico.

Eu fui tesoureira do Centro Acadêmico e depois eu fui do Departamento Esportivo. A gente jogava vôlei, montava torneios de buraco, aquelas mesas do refeitório a gente fazia torneios de buraco a noite, vinham muitos meninos da Medicina, meninos da Poli, lá tinha muitos mais homem e aqui eram só mulheres. Tinha a Festa Junina, famosa aqui no pedaço, Festa Junina da Escola de Enfermagem nossa senhora! Tinha aquele vidro ali do refeitório, que separa o corredor que vai para a biblioteca, nós pintávamos tudo com coisas de Festa Junina, fazia bandeirinhas, a Festa Junina era lá no jardim.

Vôlei a gente fazia torneio com outras Escolas, mas a gente jogava no estacionamento dos alunos, tinha uma quadra lá, então nos sábados a tarde jogava e fazia torneios. Há uns dois anos uma aluna veio aqui e me trouxe aquele ata do Centro Acadêmico, tinha umas atas e estava tudo descritinho lá, os torneios, quanto tinha arrecadado, a gente fazia uma boa bagunça. E ia aos bailes de noite, com horário para voltar! Tinha um porteiro, seu João, a gente pagava uma caixinha para ele para ele ficar mais um pouco e esperar a gente. Mas olha, a gente fazia uma miséria disso aqui, era muito gostoso viu. À noite também a gente se reunia no quarto de uma, no quarto de outra, para contar as alegrias e as tristezas do dia, tinha professoras que pegavam no pé de uma aluna e a gente ficava consolando. E tinha professoras que moravam aqui lá na frente, morava lá uma professora em cada andar. Tinha bagunça aqui no corredor, a gente fazia briga de travesseiro, tinha gente que levava Coca para o quarto, e fazia umas bagunças aqui que as vezes elas vinham chamar atenção. E os bailes, tinha aquela luz estroboscópica, lá no refeitório, a Dona Maria Rosa vinha e parava naquela escadinha ali, acendia tudo, aí ela virava e a gente apagava

tudo. Era uma turma muito gostosa, tenho muita saudade daquele tempo. Até hoje a gente tem contato com aquele grupinho, tinha a panelinha. Essa parte, de uma forma geral, todas éramos muito amigas, até hoje a gente se encontra, era muito gostoso.

A panelinha era mais de japonesas, também porque tinha muita japonesa! Tinham algumas que não eram, mas a gente não tinha diferença nenhuma, se dava bem com todo mundo. A relação com os estudantes era ótima, com os professores também, os professores na época eram muito marcantes, porque a USP estava entrando naquele processo de credenciamento de doutores, elas tiveram que se doutorar rapidinho para se adequar às normas da Universidade e aí uma coisa nossa é que nós ajudamos muito nesse processo, ajudamos na coleta, na tabulação de dados, porque não tinha essa coisa de computador, então a gente tinha uma relação muito boa com as nossas professoras. Lógico tinha aquelas que a gente tinha mais proximidade, aquelas que nós como alunas consideravam muito mais superiores que a gente, mas de qualquer maneira, a maioria das nossas professoras eram pessoas muito amigas mesmo. Eu tenho ótimas lembranças delas, inclusive depois foi uma delas que me convidou para vir para Escola. Naquela época, não era por concurso, que sai publicado no Diário Oficial a abertura da vaga, nós éramos convidadas para vir para cá.

O fato de ter ascendência oriental se teve alguma influência na Graduação foi positiva, mas eu acredito que não teve especificamente por ser oriental influência. Nem nos cuidados com os pacientes, pelo menos eu nunca notei nada em termos de não aceitação por ser oriental, então durante a Graduação era uma coisa tranquila. Acho que inclusive nós orientais nos integramos muito bem na comunidade brasileira, nos sentimos muito à vontade, assim com pessoas as outras aéreas também, na Medicina tinha muito japonês, a turminha que a gente andava era tudo japonês. Inclusive

tinha aquela Abenibra, Associação Nipo Brasileira, tinham uns professores da Medicina que coordenavam atividades assistenciais no período das férias, então a gente fazia caravanas científica sabe, pelo interior, trabalho assistencial e foi assim que conheci meu marido. A gente tinha uma convivência muito boa com eles, e depois que fomos profissionais com filhos e tudo, nós fomos nos encontrar naquele grupo de escoteiros, Caramuru, a grande maioria daquela época vivenciou essa coisa aqui da Medicina com a Enfermagem, com a Odonto, não teve nenhum aquém da influência nesse sentido, de ter ascendência oriental, a gente se sentia muito bem integrada. A gente se sentia muito a vontade. Tem amigas minhas orientais, japonesinhas, que se casaram com rapazes brasileiros da Medicina e os meninos de lá namoravam japonesinhas daqui, não tinha nada assim em termos de cultura. Aqui na Escola nunca teve nenhum problema nessa relação oriente e ocidente, na nossa turma tinha muita gente oriental, a gente tinha uma boa relação com a as meninas, não teve nenhuma dificuldade de adaptação cultural, a gente nasceu aqui, nessa parte da Escola nós já estávamos integralmente adaptadas a cultura brasileira, a gente está muito mais adaptadas a cultura brasileira do que até a cultura oriental.

Mesmo quem já morou lá no Japão a não ser pelo o dia a dia, que trás da família, mas nunca teve nenhuma dificuldade não. Os estágios eram aqui no HC e na parte de Saúde Pública nós fazíamos estágios nas Unidades Básicas lá de Osasco e a grade curricular tinha, no meu ano, no quarto ano a opção para duas habilitações, Enfermagem Médico Cirúrgica e Saúde Pública. E a grade curricular era basicamente essa que a gente tem Saúde da Mulher, Saúde da Criança, Psiquiátrica, Saúde Coletiva e tinha as cadeiras básicas. E teve essa habilitação no ultimo ano, eram apenas para Médico Cirúrgica era o primeiro ano então tinha apenas 10 vagas, mas eu fiquei na área de Saúde Pública, a única que tinha mesmo e eu acabei optando por ficar nessa área. Os estágios eram no Hospital

da Clinicas, nós éramos divididas em pequenos grupos com as docentes responsáveis e também tinha alguma coisa que a gente fazia, por exemplo, naquela época quando a gente tinha que aprender lavagem intestinal, os pacientes faziam o preparo intestinal a noite, então a gente fazia estágio a noite, de técnicas específicas. E pela proximidade com o Hospital, a gente ia muito fora do horário também visitar os pacientes, fazer aqueles relatórios para entregar, mas os estágios eram de formato bem parecido com atualmente. Então em relação a parte de estágio, uma coisa que eu me lembro muito, era o estágio no quarto ano de Saúde Pública, a gente tinha que ir para Osasco, as vezes, a professora Jacira que era a coordenadora da disciplina, lavava a gente no fusca dela, mas a grande maioria das vezes a gente ia de ônibus, e levava lanche. A dona Isaura da cozinha arranjava lanche para a gente e a gente enchia aquelas sacolas de lona de feira e ia de ônibus, pegava aqui na Rebouças lotado e ia lá para Osasco, mas era muito legal! Depois na volta a gente vinha também de ônibus e era muito divertido, nessas horas acho que vai se consolidando tudo que a gente viveu, é uma coisa que a gente jamais esquece. Tem que saber aproveitar bem essa fase de estágios, acontece tanta coisa interessante. A grade curricular então era essa, tinha as cadeiras básicas e depois as disciplinas específicas daqui.

As festas da Escola eram muito tradicionais, Festas Juninas, senti muito quando acabou. Mas é bom a gente manter, depois também mudou muito a época, nossa acho que a gente era muito mais bobinha, a inocência, acho que agora os tempos mudaram bastante. As atividades extra curriculares tinham os campeonatos, vôlei, torneios, a gente participava muito disso. A gente ia também a outras festas, mas eu me lembro de mais das que a gente fazia aqui, era mais promovido pelo Centro Acadêmico.

Quanto às medidas de disciplinas adotadas pela Escola, tinha horário para chegar, tinha horários, lógico, sempre que você tem um grupo grande de pessoas, sempre tinham medidas de disciplina. As visitas não podiam subir, lá embaixo, onde é a salinha da contabilidade agora, tinha uma salinha de visitas com um piano, aquele que está no auditório, lá em cima do *roof*, tem um piano preto, ele ficava nessa sala, lá era uma sala de visitas, então as visitas que recebíamos ficavam lá. E era uma salinha muito gostosa também, porque depois do jantar, tinha uma aluna, a Beth Gracioqui, ela tocava piano e a gente ficava cantando lá, era muito gostoso. Mas o que eu me lembro mais era a disciplina com relação a horário e as normas de trânsito de pessoas aqui dentro, essas coisas básicas que faziam, independente de morar aqui, essa coisa de horário tem que ter. Dificuldades não tinha não, não era uma coisa muito difícil de cumprir porque também você esta aqui tem que atender às normas de disciplina. E a gente não tinha nenhuma restrição maior quanto a isso. Tinham algumas coisas que a diretoria, a Dona Maria Rosa na época, colocava ao Centro Acadêmico, eu lembro que a Janete, presidente do Centro Acadêmico, muito contestadora, a gente fazia protestos, no jardim. Eu me lembro de até que uma vez a gente fez um enterro simbólico da Dona Maria Rosa, ai coitada, ela sofreu. Mas apesar de tudo a Dona Maria Rosa gostava muito da Jane, ela era uma pessoa muito contestadora, mas ela era uma pessoa que sabia ouvir, era ponderada, era aquela coisa de juventude que a gente fazia mesmo. O enterro foi por alguma coisa que ela proibiu e a gente contestou, mas assim. Mas você vê como são as coisas, queria protestar, mas não se sabe nem porque foi.

Quanto a alguma facilidade em relação a escolha profissional, não sei se os orientais se adéquam um pouco à aquela coisa que tem essa aura na Enfermagem como uma profissão mais qualitativa, uma profissão mais voltada para até com um cunho religioso, aquela

coisa da Enfermagem antiga, não como uma prática profissional mas com alguma coisa que venha junto com ela, talvez isso tem alguma aderência com o jeito de ser japonês. Talvez isso tem a ver, muitos japoneses procuram, acabam entrando nesse perfil e até o fato da ascendência oriental se influenciou em algo em termo de trajetória profissional, acho que essa coisa mais submissa, contida. Essa coisa da cultura japonesa influencia um pouco sim na carreira. A gente como uma geração de transição entre o japonês nascido no Japão e a primeira geração depois dessa geração que veio do Japão, para nós foi muito complicado isso, porque tivemos que deixar muita coisa da cultura japonesa e do jeito de ser japonês para vivenciar o contexto social diferente, em termos assim de embora a gente esteja muito bem inserida, não tenha grandes dificuldades de ser aceita, etc. a gente tem que se adequar ao jeito de ser, na carreira acadêmica, para galgar os postos acadêmicos. E às vezes esse jeito menos agressivo prejudica um pouco sim, no sentido que aqui na academia, depende muito mais de um jeito de você, de ter uma personalidade um pouco mais agressiva, que às vezes a gente tem dificuldade de ir a uma forma mais contundente. Às vezes isso talvez prejudique ficar esperando os outros, que os outros venham e reconheçam não de você dizer “Eu sou, eu quero, eu mereço” nós não somos muito assim, e tem que ter sabe, tem que ter. Se você esperar, é tudo uma questão de competição, é muito competitivo, esse esquema muito competitivo não são muitas pessoas que se adequam a esse universo muito competitivo e eu sou uma pessoa que não me adequei muito bem. Mas eu fui no meu passo e as vezes deveria talvez ter sido mais ambiciosa, mais agressiva, mas eu aprendi aqui. Aprendi vivenciando e sendo, no contexto da academia, mas de qualquer maneira eu me sinto uma pessoa, em toda a trajetória minha profissional, de ter vindo para a Escola, eu me sinto uma pessoa muito privilegiada, de todas as vivências, das colegas que eu tive durante a Graduação, na Pós Graduação, das

professoras que me acolheram, das colegas aqui. Trabalhar aqui é uma coisa muito estimulante, muito gratificante, que está sempre te promovendo uma melhoria, um crescimento, então eu me sinto muito privilegiada, de toda minha vida do jeito que ela foi. E eu já estou quase na hora de me aposentar, já podia estar aposentada, a Maria Alice também. Mas a gente fica aqui, é muito bom. Mas também tem que chegar uma hora pensando em como vai desvincular, porque desvincular de uma vez é muito traumático também. Então em linhas gerais é isso, não sei se tem outra coisa.. fatos ou lembranças eu já fui colocando. Minha vivência na Escola, como eu te falei, só tem coisa boa.

Depois a gente vai sabendo que algumas colegas de turma já faleceram, tem até três colegas de turma que já morreram. Mas daquela época, de marcante eu tenho uma lembrança da minha Graduação, não só por de ter vivido aqui, mas é de ter sido aluna da Dra. Wanda Horta, ela foi minha professora de fundamentos de Enfermagem e eu ficava toda cheia quando ela me dava a incumbência, ela me mandava bilhetinhos assim “Miako, amanhã eu não vou poder ir no começo do estágio, você divide a turma para mim?” alguma coisa assim. Eu me lembro até hoje quando ela cuidava junto dos pacientes com a gente, então tenho muitas boas lembranças mesmo, e ela depois foi minha professora no Mestrado, uma pessoa extremamente simples, humilde, mas de uma capacidade intelectual muito grande, ela foi pioneira da Enfermagem a primeira no Brasil que elaborou uma teoria de Enfermagem, até hoje se você ler aquele livrinho dela, “Teorias de Enfermagem”, até hoje ele é atual. Então aprendi muito com ela, tanto na Graduação quanto na Pós Graduação. Isso para mim é uma lembrança muito marcante, e também quando a gente fazia estágio de Administração e ficava sozinha na enfermaria cuidando da administração da unidade, ficava sempre em dupla, mas quando eu fazia estágio lá na Urologia e quando chegava paciente da cirurgia, falavam assim

“Paciente!” gritava do começo do corredor, vinha o funcionário do Centro Cirúrgico e trazia o paciente assim, a gente não sabia se se escondia ou ia atender, a responsabilidade, sozinha, não tinha professor, e era o estagio de administração no último ano, eu me lembro até hoje como a gente ficava, era eu e a Vilma e a gente fazia as coisas juntas para amenizar um pouco o medo. Mas eram muitas coisas boas.

Nas férias de julho do último ano da faculdade, eu e minha colega de turma, a Manoela, que hoje é docente de Ribeirão Preto, nós participamos do projeto Rondon em Marabá no Pará e eu lembro que nós nos recusamos a participar do processo de vacinação da comunidade, porque as vacinas eram todas vencidas e para eles importava computar o número de vacinas administradas e eu e a Manuela mandamos uma carta para o coordenador e até hoje eu me lembro, nós criamos uma situação muito constrangedora lá porque não quisemos participar disso. E fizemos muitas outras coisas, aulas de educação sanitária, inauguração de fossas sanitárias, fizemos muitas outras atividades, mas essa a gente não participou. E era muito evidente que era uma propaganda política, uma propaganda de o Governo mostrar as atividades assistenciais que ali eram feitas.

Eu me lembro de turmas anteriores, teve colegas que foram fichadas no Dops e que tiveram que depor nesse departamento de repressão. É um departamento onde se fazia os fichamentos das pessoas que eles consideravam contra o sistema.

Colaboradora 7

Eu sou nascida em 25 de maio de 1951, em Tóquio, Japão. Sou a segunda filha de um total de quatro filhos. Vim para o Brasil em 1958, com sete anos de idade. Fui diretamente estudar em uma escola pública normal, para brasileiros. Minha adaptação foi super tranquila, não me lembro de dificuldades na comunicação e não tive dificuldade alguma nessa mudança, principalmente de idioma ou hábitos. Impressionou-me muito a fartura de frutas aqui no Brasil, de carne, essa foi minha lembrança de quando eu vim do Japão para cá. Meus pais eram avançados para a época, certamente. Logo eles se naturalizaram brasileiros e eu me naturalizei junto a eles, hoje eu sou cidadã brasileira e me sinto brasileiríssima. Tanto que quando eu vou ao Japão, tive a oportunidade de voltar uma única vez, eu me sinto visitante apesar de ser japonesa.

Eu estudei em colégios de freira, 11 anos, o curso primário, ginásio e o científico e provavelmente essa coisa de amor ao próximo, caridade, tudo isso deve ter influenciado em um nível inconsciente, mas o que me fez optar pela enfermagem foi uma grande amiga minha, uns anos mais adiantados que eu e que optou pela enfermagem, a Ana Leon Sabatelli, ela ainda é ativa em enfermagem e não sei se ela sabe que ela foi a influenciadora da minha escolha profissional. Só queria deixar um parêntese, que até hoje eu sou convicta que é um momento muito precoce para a escolha profissional. Eu vejo agora pelos meus filhos, aos 17 anos ter que optar pelo que vai se dedicar profissionalmente, eu acho muito precoce. Eu vi que em outros sistemas educacionais de outros países não é isso que acontece. Faz-me reforçar que é muito precoce essa escolha profissional. Mas eu escolhi e nunca me senti em dúvida, é interessante isso, nunca me senti em dúvida e não sei também se senti muita certeza. Agora eu estou com 62 anos e me dá uma certeza de que foi uma escolha que me permitiu no sentido

de desabrochar como pessoa e como profissional. É uma profissão que tem cerceamento para desenvolvimento pessoal e profissional, então eu acho isso ótimo, hoje eu sou especializada em Central de Material, investigo com muita responsabilidade tudo que eu acho que não são dogmas, Eu sou muito realizada nesse sentido e não sei se eu teria a mesma oportunidade que tenho hoje se eu tivesse escolhido outra área.

Eu ingressei na Escola por um vestibular, mas a USP já tinha fama da melhor universidade do Brasil, então já naquele tempo, em 1969, já era um desejo de todo aluno entrar na USP. E entrei super bem classificada, se não me engano fui a terceira classificada, então foi muito feliz.

A minha turma que entrou em 68 e formou em 74 foi a primeira turma que perdeu a residência, eu lembro bem dessa transição. As alunas um ano mais velhas que eu moravam aqui na escola e a gente não podia. Não podíamos tomar café da manhã mesmo que ele fosse servido para as outras alunas. Até hoje não entendo muito bem esse rompimento da residência dos alunos na Escola. A Dona Maria Rosa era diretora, e ela tinha uma postura diferenciada com quem ainda morava e conosco que não morávamos. Com quem ainda morava eu percebia que ela tinha um controle, inclusive da vida pessoal e com a gente já não, então foi um exercício para e para todas nós. Influenciadas pelo internato, passávamos muito tempo aqui na Escola, depois da aula nos reuníamos e ficávamos até tarde da noite junto com os veteranos que eram residentes. Eu era muito estudiosa, sou até agora, passava muitas horas na biblioteca, estudava todas as aulas, buscava em referências bibliográficas tudo que eu tinha tido de conteúdo teórico naquele dia, fazia meus famosos cadernos, o que me ajudou a ser disciplinada e levar a sério o curso. Eu era muito aplicada, nunca faltava a aula, sempre me preparava bem para tudo

que me pediam. Essa é a lembrança que eu tenho. A relação com os professores era muito formal, eu acho que é uma característica de japonês, eu tinha uma admiração e respeito imenso, eles eram os máximos para mim, tanto é que quando eu ia falar com eles eu me preparava, era bem essa postura mesmo, acho que uma característica nossa racial.

Entre os estudantes era também muito cuidadosa, era bem seletiva, colegas com um perfil diferente eu me afastava e com um perfil semelhante eu me aproximava. Minha melhor amiga não era japonesa, e também tinha uma amiga japonesa que eu me aproximei muito, a Tamie. Mas a minha melhor amiga durante a graduação foi a Maria Alice (nome) Cato e a Emiliane (nome) por estudar junto, ir e vir da Cidade Universitária, eu acho que era mais o perfil comportamental que me fazia aproximar ou me afastar de gente mais arrojada, inclusive com atitude mais questionadora, não era uma coisa que me chamava atenção. O que me chamava atenção era um perfil de comportamento mais passiva, muito respeitosa, gosto ainda hoje dessa atitude respeitosa.

Não houve nenhuma dificuldade de adaptação cultural. Quando voltei pro Japão, me senti diferente e incomodada. É muita cerimônia, isso me faz mal. Inclusive aqui no meu departamento, tem professoras japonesas que me fazem mal, no sentido da cultura japonesa, sempre os outros antes da gente, eu acho válido, mas têm horas que isso me leva a perda de importância, de não falar o que sente. Muito pelo contrário, eu tenho problema com a cultura tradicional japonesa.

Em relação aos estágios, nenhum problema, fui muito bem em todos os estágios, em todas as especialidades. Quanto às regras estabelecidas pela Escola, eu acho que nisso a cultura japonesa nos ajuda. Essa coisa de achar que você estar numa cultura, se você não quiser saia, mas se você quiser tem que se adaptar.

Eu frequentei pouquíssimas festas, confraternizações e atividades extracurriculares. Praticamente não tive essa atividade social, meus pais eram muito rígidos na questão que eu tinha que estudar, inclusive nas férias nós tínhamos um período para recapturar tudo que se aprendeu no semestre anterior, tudo era muito disciplinado. Meus pais não tinham sábado e domingo, meu pai era alfaiate, teve uma oficina uma época na casa em que a gente morava, então era trabalho continuo e de final de semana era para ajudar eles nos afazeres e casa. Só na época da faculdade pela primeira vez a gente teve empregada em casa, no resto, na cultura era que um absurdo com quatro filhos ter que ter alguém para ajudar. A gente fazia rodízio de quem arrumava a casa, de quem fazia o almoço e jantar. Não me trouxe sofrimento nem frustração. Até hoje eu não gosto, sou bem anti social, eu não gosto dessa coisa social.

Meu irmão mais novo e a minha irmã estudaram na USP, só o mais velho estudou na FEI. Eu acho que é uma época muito precoce para se pensar em uma profissão, no meu tempo não se preparava para a escolha profissional e ao mesmo tempo não foi difícil para mim me decidir. A era “Nossa agora eu preciso pensar no vestibular, o que eu penso? Acho que eu vou fazer enfermagem, a Ana esta fazendo, esta gostando..tá tão bem, eu acho que vou fazer” eu fui meio acrítica, eu considero. Bem diferente de agora, eu acho que tem outras diretrizes.

Nós vivenciamos uma época dura, da ditadura, tivemos uma colega de classe que sumiu, a Carmen, ninguém mais soube dela. Tinha um grupinho que a gente sabia que eram revolucionário e portanto o Dops estava atrás, eu lembro de aulas serem suspensas por causa dos subversivos. Tínhamos aulas na Cidade Universitária, e de repente largava uma Kombi com alto falantes bem altos e panfletos. Aquilo era motivo para suspender aulas e ver autoria

daquele crime político. Foi a época que acompanhamos Chico Buarque, Gilberto Gil, Milton Nascimento, Geraldo Vandré, e aquela coisa de tortura ou não tortura...foi uma época abominável e dicotômica, ou você fica quieto ou vai preso. Para mim não teve problema, eu fiquei bem nos bastidores e bem omissa, até de decisão partidária, não gostava da ditadura, mas também não tinha forças para tomar a frente. Eu me lembro de uma única passeata que eu fui, uma única. Tinha algumas japonesas envolvidas nos movimentos, como a Rosa Koda, ela é atuante em enfermagem, e da minha turma, ela era do grupo, não digo das subversivas, mas do Centro Acadêmico. A Dona Maria Rosa não queria encrenca, mas era muito arrojada. para a época, politicamente, socialmente. E eu me lembro de que essa perua que eu estou te falando foi abandonada na Odonto, perto do galpão que a gente tinha anatomia, fisiologia.

Fatos ou lembranças marcantes eu acho que excelentes professores deixaram marcas, principalmente de postura, seriedade e de pensar pela enfermagem. Lógico que são outros tempos, a USP e a Capes estão abertas na questão de produção de conhecimento, mas eu acho que estava muito pobre nessa época. Era época de firmar a enfermagem como uma profissão autônoma liberal, capaz de revolucionar a saúde, eu acho que cada época com a suas particularidades e prioridades. Eu já vejo diferente, quando eu entrei aqui, pelo amor de deus, se você não publicasse iam à Folha de São Paulo dizer que você era improdutivo, em compensação, a Graduação foi enfraquecida. Hoje, aqui, nós somos criticadas, que nós abandonamos a Graduação e a que avaliação dos nossos alunos formados são ruins, não são as melhores, e que a gente tem que reforçar com residência e aprimoramento. Eu acho que é aquela história do 8 ou 80, toda época tem um 8 e um 80. Com toda essa vivência na enfermagem eu consigo ver que nos fomos para o extremo, de sermos pesquisadoras competentes, com um

conhecimento muito bacana etc etc e agora a gente está voltando a formar bem o aluno de Graduação de enfermagem. Eu acho que é isso, depois de quase 30 anos, eu voltei a ensinar, eu estava bem afastada. Mas só para deixar registrado, naquela época o HC era considerado uma instituição que complementava a formação dos alunos aqui da escola então eles eram muito receptivos a contratação dos formados aqui e eles nos tratavam como se fosse outra escola, a enfermeira e encarregada, a enfermeira chefe dando diretriz, eu aprendei muito trabalhando inicialmente no HC em terapia intensiva de neurologia, grandes médicos do campo, modelos. Depois eu passei no concurso do Dante Pazzanese, tive outro tempo muito bom de aprendizado complementar. Inicialmente fui convidada por uma escola privada, Faculdade de São José, da irmã Judith. Depois senti necessidade de fazer um mestrado, e em 1984 foi quando eu fui convidada pelas docentes na época, Vanda Galvão, Elisa (...), Estela (..) para complementar o corpo docente. Isso em 1984 e estou até hoje, quase 30 anos de Escola, 34 de profissão, passa rápido. Todo mundo me pergunta quando eu vou me aposentar e eu não me preparei, interessante isso. Tenho alunos excelentes hoje em dia, de pós-graduação e eu tenho a impressão, não certeza, que eu vou até a expulsória. Chegam 1970 anos você tem que ir embora. Mas assim, isso porque eu estou super bem, lógico que cansada fisicamente, sobrecarregada, mas eu acho que a criação é um canal, um lugar em que você possa canalizar sua criação é fonte de felicidade humana. Eu poderia estar em casa em outro ritmo, mas eu gosto a cada novo empreendimento que eu abraço e concretizo. Já estava até meio chateada porque vai ter que chegar uma hora que vou ter que parar. Vou ter que parar, se não morrer antes.

Colaboradora 8

Eu nasci em uma cidade do interior paulista, Tupã, em 18 de setembro de 1946. Para fazer alguma relação com a minha origem eu acho que eu poderia contar que a minha cidade foi palco de um problema no pós-guerra chamado Shindoremei. Existia um grupo de japoneses que acreditava que o Japão tinha perdido a guerra e outros não. Foi um fenômeno, um evento que os próprios japoneses não gostam de lembrar porque é um passado muito ruim na história da imigração japonesa. Meu tio conta que quando eu nasci, na zona rural, meu pai não estava em casa, porque ele estava detido pela polícia por causa desse conflito entre os próprios japoneses, e não pôde voltar para casa. Meu pai já é nascido aqui então eu sou da terceira geração pela linha paterna. Como meus pais eram muito preocupados com a educação formal, nós mudamos para a cidade. Eu me lembro de fotografias que mostravam que meus pais tinham um tipo de venda em uma localidade da zona rural, e depois eles continuaram com esse tipo de comércio na cidade de Tupã, ele abriu uma venda de grãos secos e molhados. Em Tupã tinha uma pequena indústria que descascava amendoim e café e eu tenho essa lembrança que íamos nesse local, onde tinham muitos sacos de café que eram carregados em caminhões, que muitas vezes eram para exportação. Eu e meus irmãos frequentamos a escola pública, que naquela época era muito melhor que essas escolas particulares (escolas dos religiosos salesianos e o colégio de freiras). Eu sou a segunda filha de um grupo de seis irmãos, o mais velho e o caçula são homens, e no meio, são quatro mulheres. Todos nós tivemos a oportunidade de estudar então hoje todos tem o nível superior, em diferentes profissões. Meu irmão mais velho é engenheiro agrônomo, formado pela Luiz de Queiroz, eu fiz Enfermagem, minha irmã logo abaixo de mim fez Belas Artes, a outra fez Farmácia Bioquímica na USP, a quarta fez medicina na

Unifesp e meu irmão caçula foi o único que estudou em universidade particular, no Mackenzie, de engenharia civil. De uma certa forma, todos exercem sua profissão dentro da área em que foi formado, somente meu irmão mais velho que trabalhou um tempo como engenheiro, pelo Banespa, e depois veio para São Paulo trabalhar como pesquisador em um instituto de economia agrícola. Eu fiz Enfermagem e assim que me graduei fui convidada para ficar na escola. A minha irmã que fez artes plásticas foi trabalhar no Unibanco, trabalhando no Serviço de gráfica, de certa forma usando os conhecimentos que ela adquiriu. A outra fez Farmácia Bioquímica e trabalha em um laboratório na Faculdade de Medicina da USP. A minha irmã que exerce a medicina, fez Oftalmologia e meu irmão caçula trabalha na Prefeitura como engenheiro civil.

Tupã é uma cidade dita como comunidade japonesa, ou como eles chamam de colônia japonesa. Eu e meus irmãos fomos alfabetizados na língua portuguesa e depois na japonesa, não foi feito o contrário porque muitos estudaram em escola japonesa desde os cinco, seis anos e depois foram para a escola oficial e tiveram dificuldades com a língua, pois são línguas completamente diferentes, mas eu entrei na escola japonesa com nove anos. Meu pai se preocupava muito, gostaria que todos nós tivéssemos pelo menos o ensino primário na língua japonesa. Em Tupã tinham três escolas de língua japonesa, houve época em que até o prefeito era japonês, então a farmácia, até padaria era de japoneses. Por exemplo, a minha mãe nasceu no Japão e veio com 11 anos para o Brasil, então ela não teve dificuldade nenhuma naquela cidade, porque se ela precisava comprar alimentos, a quitanda era de japoneses, ela precisava comprar algumas coisas para costura, alguma miudeza, o bazar era de japoneses, loja de tecidos era de japoneses, se não era, os empregados, os vendedores sabiam falar alguma coisa em japonês então ela nunca aprendeu realmente bem o português. Mas eu me lembro dos cadernos dela, ela tinha uma

letra muito bonita, mas escrevia do jeito que ela ouvia, então por exemplo televisão, ela não fala televisão ela fala “televisón”, então ela escrevia televisón, é engraçado isso! Na época, como não tinha pré-escola, a gente entrava no primeiro ano, mas tinha que fazer um exame de admissão para entrar em um grupo escolar. Como a minha cidade tem nome índio, o grupo escolar em que eu estudei chamava Grupo Escolar Batira e o colégio eu fiz no Instituto de Educação Giovanio Iri.

Na minha geração a maioria das mulheres não saía da cidade do interior para vir para São Paulo estudar. No colegial, eu optei por cursar o científico, ao invés do normal, sabendo que teria que dar continuidade. A minha irmã abaixo de mim que fez artes plásticas, fez o curso normal, então ela é professora também, mas todas as outras irmãs optaram pelo científico. Como não tinha faculdade na minha cidade, tínhamos que sair para cursar o Ensino Superior. Mesmo meu pai não sendo muito favorável que a gente viesse para São Paulo, como eu já tinha algumas colegas que estavam em São Paulo para estudar línguas, eu vim com referência e morei um tempo em um pensionato. Quanto aos estudos, eu não tinha uma escolha muito definida, eu sabia que queria estudar, mas eu tinha certeza que não era Medicina, e sim alguma coisa que ficasse trabalhando em algum laboratório porque eu sempre achei que ia ter muita dificuldade de lidar com pessoas. Mas, ao mesmo tempo, tinha uma opção muito definida: o curso de Nutrição, na Faculdade de Saúde Pública da USP. Mas naquele ano Nutrição não abriu, por alguma razão, até hoje eu não sei o motivo, pediram uma reformulação e o curso não abriu. No pensionato em que eu morava tinha uma menina que sugeriu “Por que você não faz Enfermagem?” eu não tinha muita idéia do que era, mas como ela indicou e eu já estava em São Paulo com a idéia de cursar uma faculdade eu vim para a Escola. Na época o vestibular era na Escola mesmo, vim, fiz a inscrição e passei. Depois eu soube que tinha internato. A maioria

da nossa turma optou por morar na Escola, porque na verdade, eu não me lembro bem, mas quem fazia Enfermagem, por ter essa questão do internato, era obrigado a morar na Escola.

Naquela época eu fiz três anos de Graduação e depois minha opção foi ficar mais um ano para fazer Enfermagem Obstétrica. Se me perguntar por que eu optei pela Enfermagem Obstétrica, eu não tinha nenhuma inclinação de ser parteira. Na época havia essa possibilidade, após os três anos você cursar mais um ano, ou Enfermagem Obstétrica ou Enfermagem em Saúde Pública. Saúde Pública eu não queria porque naquela época, acho que até hoje, tinham coisas que não tinham muita resolutividade, então fui fazer Enfermagem Obstétrica, porque não tinha Enfermagem Médico Cirúrgica naquela época, pois se tivesse, talvez eu optaria por este caminho, porque eu queria ter um pouquinho mais de experiência tanto na parte clínica quanto na parte cirúrgica.

Então meu pai autorizou que eu ficasse mais um ano, embora que não tivesse despesa com moradia, ele teria que ajudar com os demais gastos aqui em São Paulo. Eu queria estudar mais um ano e a Escola possibilitava isso então eu morei quatro anos aqui na Escola.

Durante o tempo em que morei aqui, não posso dizer que teve algo muito marcante. Lógico que tinha regras, o horário de entrar e de sair, mas eu lembro que tinham algumas colegas que tinham namorado então elas tinham alguma dificuldade para sair, se eu não me engano você tinha que chegar as oito da noite. Muitas coisas eu não tive dificuldade nenhuma, eu saía de fim de semana, tinha um parente que mora lá no Jaçanã, meu tio, irmão caçula do meu pai, e era onde eu ia no final de semana. Eu sentia que estava indo para outra cidade, porque era muito longe a casa dele, mas eu passava o meu final de semana lá quando dava. Aqui dentro eu não tive muita dificuldade, pelo contrário, eu acho que nós tivemos muitas

facilidades. Tinham determinadas regras, você não podia faltar em estágio, você morava na Escola e tinha almoço, jantar, café da manhã, roupa de cama lavada, etc. Onde hoje é o Centro Acadêmico e a lanchonete era a lavanderia da escola.

O uniforme era lavado, mas manter ele engomado e passado era responsabilidade de cada aluna, a gente tinha uma farda azul marinho e um avental na frente, eu usei toca também, e zelar pela higiene, pela limpeza do uniforme era nossa responsabilidade. Mas nós não lavávamos os uniformes, era a lavanderia, junto com as nossas roupas pessoais. Na época, aqui na residência, além dos alunos moravam professoras também, em cada andar onde são as salas de reunião atualmente, tinha uma divisória e duas professoras moravam lá. Elas tinham o próprio banheiro, como se fosse um apartamento e eu lembro que elas eram responsáveis pelas alunas nos respectivos andares. O primeiro andar não era residência, e parte do segundo andar era residência das médicas e dos alunos de Pós Graduação principalmente do exterior ou de outros estados. Tem história de médicas, freiras que faziam Pós Graduação, não no modelo atual, mas de um ano que elas faziam na área de Administração e Pedagogia, faziam o curso de humanas e depois moravam nesse andar aqui. No outro andar tinha uma Sala de Saúde, uma professora era responsável por essa sala, porque como moravam alunas nessa casa, episódios de febre, dor de cabeça, diarreia esses pequenos mal estares eram elas que cuidavam. No tempo em que eu fiquei não presenciei nenhum fato de doenças sérias, mas se tivesse todo mundo ia se envolver, a Dona Maria Rosa morava aqui. Qualquer problema que nós tínhamos, mesmo sem a professora responsável, íamos ao Pronto Socorro. Eu lembro que uma vez eu fui porque tinha um prurido, eles me passaram um antialérgico, tomei um só, fiquei tão *grog* que não tomei mais. Mas eu cheguei a ir ao Pronto Socorro, mas por conta própria, não tinha essa rigidez. No térreo tinham os laboratórios, a biblioteca e o

refeitório. Na primeira mesa, eu acho que não existia nenhuma regra, mas ela era destinada às professoras, ninguém sentava lá. Acho que não existia assim “É proibido alunos sentarem”, mas até hoje também a maioria dos professores senta lá. No refeitório não se podia ir de calça comprida, era proibido usar pijama, por exemplo, podia usar nos andares, mas ali calça comprida era complicado. Quando você chegava do estágio para almoçar, tinha que tirar o avental, podia ir com a farda, era um vestido, você tirava e deixava em um lugar destinado a isso.

Na verdade, a gente morava aqui dentro, mas durante o dia você saía para ir para o estágio, voltava, e nós tínhamos uma regra que na portaria existia um livro que se você saísse tinha que assiná-lo. O seu João e outra senhora que ficavam tomando conta da portaria, mas isso era muito mais rigoroso a noite, depois do jantar tinha gente que ia namorar, elas saíam, o horário era as 21 ou 22hrs, se você precisasse de ir em alguma festa por exemplo, tinha que pedir autorização e chegar até a meia noite que era o horário que o porteiro ficava, depois a Escola fechava. Não tinha vigia, por exemplo, aqui na casa. Agora se por acaso você ultrapassasse esse horário, se você estava em um local, o carro quebrou e você não conseguiu chegar, tinha que apertar a campainha da diretora e ela que ia te atender. Agora o fato de nós morarmos aqui, o estágio, a presença, o comparecimento nos estágios era de 100%, mesmo em sala de aula. Por exemplo, eu lembro que o estágio você só poderia faltar mesmo por motivo de doença, você tinha que ter 100% de frequência. Hoje em dia eu acho que os alunos, nossa, é muito sacrificado acordar de madrugada para estarem sete horas em campo de estágio, mas comparando aquela época do internato, era mais fácil.

Eu tive aulas na Cidade Universitária, professores da Bioquímica, eles vinham dar aula aqui. Na minha época, teve algum

problema em relação aos laboratórios da Medicina e nós usamos os da Santa Casa. A Escola tinha bastante mordomia naquela época, tinha um micro ônibus que levava os alunos até a Santa Casa, você tinha aulas práticas de anatomia e depois esse mesmo ônibus trazia. Por exemplo, no estágio de Psiquiatria, nós íamos com o ônibus da Escola. A Florence era responsável pelos alunos na hora da saída, sempre tinha alunos atrasados, então ela segurava o motorista para sair e não deixar nenhum aluno, não podia atrasar porque você morava aqui mas sempre tinha uma ou outra aluna que acordava mais tarde e perdia a hora. Além disso, a Escola fornecia lanches, o estágio de Obstetrícia, em que íamos para o Amparo Maternal, se você ficava até mais tarde, a Escola Paulista e o Hospital São Paulo tinham um acordo com o Amparo e fornecia refeição para os estudantes. O fato de você morar aqui facilitava algumas coisas, por exemplo, nós íamos ao HC e nos locais em que você estagiava, nós conhecíamos várias pessoas, fazíamos amizade com os pacientes. Se era época de Festa Junina, sempre tinha na turma alguém que tocava violão, então íamos visitá-los para cantar, fazer essa atividade de recreação com os pacientes ou da Clínica Médica ou da Pediatria. Eu lembro que nós íamos à Clínica Médica na área dos pacientes de endocrinologia, nós íamos lá e o pessoal ia cantar, quando tinha Festa Junina os íamos paramentadas. Eu lembro que nós fomos à dermatologia, fizemos uma Festa Junina lá e eu tinha na minha turma, a Clotilde, que tocava muito violão e era super animada. Então nos íamos lá inclusive eu lembro que teve uma médica do Rio Grande do Sul que ficou muito emocionada com a nossa atividade porque ela disse que lembro muita coisa lá do Sul. Tudo isso fora do período de estágio, o fato de você morar aqui, por exemplo sábado a tarde, domingo, quem ficava por aqui, tinha essa facilidade de ir para o HC com a turma com violão, essas coisas, a entrada não era difícil, você chegava lá, o pessoal já te conhecia e você podia fazer essas atividades.

Aqui moravam também rapazes, mas a residência deles era no porão, eu me lembro de um menino da África, o Ivo também estudou aqui e morou aqui, tiveram outros também.

A Biblioteca era um local que íamos com muita frequência, porque você estava aqui na Escola então o acesso era fácil a noite. Inclusive nós fizemos muitas coisas que deixavam as bibliotecárias danadas, nós sabíamos onde ficava a chave e ficava estudando lá, fora do horário de funcionamento.

Eu nunca tive problemas com as professoras, mesmo com as professoras que moravam aqui, elas ficavam como ponto de apoio, cuidavam quando adoeciam. Claro que, por exemplo, onde é o Centro Histórico hoje, nós chamávamos aquilo de *roof* então era um local onde de vez em quando você fazia umas festinhas e às vezes entravam umas bebidas alcoólicas lá e umas meninas ficavam mais alegres que as outras, mas eu nunca vi nada que denegrisse a imagem de ninguém, que desse algum problema. A Dona Maria Rosa, que era a diretora na época, ficava sabendo, ela também morava aqui, então tinha aquelas chamadas na diretoria, tinha colega que sistematicamente era chamada mas eu nunca fui, eu era muito comportada!

Em relação as amizades, sempre tem aquelas panelinhas. E a minha turma é uma turma em que a opção pela enfermagem por colegas Nikkeis era muito grande. A minha turma era muito grande, eu tive muitas colegas japonesas, acho que talvez foi a maior turma que teve, ultimamente eu não vejo tanto. Eu tinha minhas amigas, as duas Julias estudavam juntas, a Shizuca foi minha grande amiga também, uma ia no quarto da outra estudar. Eu nunca pensei muito no porque de existir tantas orientais na enfermagem. Porque como eu disse, no meu caso eu vim por acaso, entrei, me adaptei e fiquei, as pessoas me acolheram, não tive grande dificuldade, as amizades foram adequadas. Devem ter algumas que a opção fosse a

Medicina, a Shizuca não sei se ela queria Medicina, mas, por exemplo, duas amigas minhas eram irmãs, a mais nova queria ser enfermeira e a mais velha veio por causa da irmã, para ficar junto, acho que o pai que pediu para ela fazer enfermagem para tomar conta da irmã mais nova. Agora as outras colegas que eram minhas amigas, quem não se adaptou saiu. Eu não acho que tem alguma explicação, não vejo nenhuma relação em ser enfermeira e descendente de oriental.

Na minha turma tinha duas panamenhas e uma boliviana que vieram estudar. A boliviana e uma panamenha não se adaptaram, elas choravam muito quando vieram para cá e a boliviana tinha noivo então era um martírio ficar aqui, ela foi embora no primeiro ano. A do Panamá não sei se ela ficou três anos, mas ela também não conseguiu formar, acabou indo embora e só uma que concluiu o curso, a Matilde.

Para mim, o elemento facilitador de estudar na EEUSP foi ter um local para morar, tinha alimentação, eu acho que deve ter sido um dos fatores que fez com que as pessoas ficassem. Mas eu tive colegas Nikkei também que saíram do curso, foram fazer outra coisa, eu acho que para algumas pessoas, o fato de ter moradia, a casa e a comida facilitaram bastante. Eu me lembro de uma ou duas que desistiram, mas uma boa parte das alunas ficou. Do pessoal da minha turma, nenhuma evadiu da profissão, elas se aposentaram como enfermeiras, as que se formaram junto comigo. Não houve nenhum problema de entrosamento entre as alunas, as panamenhas até que foram bem acolhidas por nós. A grande maioria era paulista, de São Paulo ou do interior, tínhamos algumas que eram do Paraná, mas a maioria era de São Paulo mesmo. E essas estrangeiras que vieram pelo menos a boliviana e as duas panamenhas, eram grandes amigas. Inclusive uma delas tinha muito medo daquelas histórias de fazer copo andar, sessão de espiritismo, e um dia ela

ficou com tanto medo que não quis dormir sozinha, ela me fez dormir no quarto dela no chão e eu falava “Mas que besteira” e ela “Eu tenho muito medo!” então eu acho que nós acolhemos todas muito bem.

Eu não sou uma pessoa líder nesse sentido, mas eu sou da época de 1967 a 1968, eu sou daquelas que foram presas, pessoas da minha turma foram presas e a Dona Wanda Horta e Dona Maria Rosa tiveram que ir buscá-las. Tem coisa que eu não fiquei sabendo muito porque não era desse grupo de movimentos, inclusive tem uma japonesa, a Kazuka, que foi presa. Elas se envolviam e inclusive iam às reuniões dos colégios de padres beneditinos, mas elas nunca me convidaram, aliás, acho que convidaram, mas eu nunca fui, nunca quis ir porque uma vez eu fui em uma passeata, eu e uma colega Nikkei da turma e eu fiquei com muito medo, na praça da Sé, aquele amontoado do gente, a policia. Na época, existia o Centro Acadêmico e dentro daquela turma do Centro Acadêmico, a entidade estudantil oficial da Universidade era o Diretório Acadêmico. Eu, da turma, pelo fato de não ter tanta visibilidade, aceitei assumir a presidência do Diretório Acadêmico, nem sei se foi 1966 ou 1967. Fiquei na presidência um ano, mas sempre junto das colegas do Centro Acadêmico, ia lá na Reitoria assinar as coisas. Como o Diretório não era uma entidade ativa, não tive dificuldade nenhuma, era só de fachada, mas a coisa funcionou assim um tempo, a minha turma que estava a frente, elas foram bem ativas mesmo.

Eu sei de colegas que foram presas, da turma das Nikkei, duas eram mais ativas, uma delas eu nunca mais vi, a Emiko, agora a Cathy eu encontrei o marido dela uma vez aqui na Escola, ele estava fazendo algum curso extracurricular, depois ele me disse que ela não atuava mais como enfermeira, que ela era massagista, que

ela estava exercendo a atividade com o pai, mas eu nunca cheguei a encontrar com ela.

Quanto a presença na sala de aula também não justificava você faltar porque era aqui dentro, mesmo as aulas que você tinha fora, eu não me lembro de nenhuma aula na Cidade Universitária porque naquela época não tinha esse ciclo básico, as aulas eram por aqui, na Medicina, mas os professores por exemplo da Saúde Pública, vinham dar aula aqui, tinha sala de aula suficiente para a época, o numero de alunos não era muito grande. A Pós Graduação tinha sala, era o auditório que elas usavam muito, eu me lembro das enfermeiras, das freiras, naquela época elas usavam hábito, as estrangeiras, alunas de Graduação de 18,19 anos e as enfermeiras que já tinham em torno de 30, 30 e poucos anos, elas já tinham as atividades delas, mas as aulas eram a maioria no auditório. Agora nós, ah sim, a maioria das aulas era na sala atual 27 era a sala 12, depois tinha a sala 11 que é a sala 23 hoje, depois esqueci onde eram as outras salas. E onde é a Cultura e Extensão e o Laboratório era também. A professora Wanda Horta era uma das pessoas que tinha muita preocupação com os alunos, com adaptação, ela era muito acolhedora nesse sentido, era professora de Fundamentos, era a disciplina introdutória de Enfermagem então volta e meia ela chamava os alunos que tinham dificuldade, eu lembro. Eu acho que não fui chamada nenhuma vez. Eu acho que isso não tem muito a ver com a minha origem, é mais o modo de ser de cada um, acho que eu não tive dificuldade com as colegas de outra origem, as minhas grandes amigas, acho que eram as Nikkeis, mas tinham outras três que não eram e eu me considerava da turma. Uma de Lins e duas de São Paulo, eu me dei bem muito bem com elas e outro que está no Incor, que ainda trabalha,ela era uma pessoa curiosa, fazia umas perguntas estranhas em sala de aula que as pessoas caíam na risada, mas era um dúvida que ela tinha, mas ela era o diferencial da sala de aula. Eu gostava muito que nas aulas

tinha muita demonstração, então tinha que demonstrar, por exemplo, uma passagem de sonda em um paciente, “Quem se habilita a ser o paciente e deitar na cama?” e eu fui muitas vezes fiquei lá, na verdade eu sou professora hoje, mas sempre achando que nunca tinha jeito para isso. Eu fiz o quarto ano e na época fui representante da classe, era a mais nova da turma, mas já tinha colegas formadas. O fato de ser ex-aluna da casa também facilitava o processo para ser docente, eu tinha um trânsito bom com as professoras.

No quarto ano, nós tínhamos na Escola a opção de continuar estudando em Obstetrícia e Saúde Pública. A maioria ia para a Saúde Pública, três amigas não japonesas da minha turma foram para a Saúde Pública porque elas também optaram por estudar mais um ano. As minhas colegas de origem oriental foram todas trabalhar, então para a Obstetrícia ficou eu e a Sofia. Ela era uma senhora casada quase 20 anos mais velha que a turma, era a mãe de todo mundo, ela tentava botar umas regras, mas a turma não conseguia muito, ela não tinha filhos, nós podíamos ser filhas, tínhamos 18 anos de diferença. Então para a Obstetrícia foram eu e a Sofia e éramos em 14 na sala, todas de fora. Na disciplina de Enfermagem Obstétrica, como nós fazíamos atividades lá no Amparo, precisaria de gente para estar fazendo a extensão. A Dona Heloisa me convidou para ficar lá e eu só aceitei porque pensava que fiz Enfermagem não para ser professora. Eu não fui contratada pela Escola, tinha uma bolsa da Fundação Kellogs, e até passar a contratação demorou uns três meses, eu entrei em março, mas o meu contrato com a Escola é de 29 de maio.

Na época que eu fui assinar o contrato falei “Será que é isso que eu quero mesmo?”, mas acabei assinando porque as professoras me acolheram muito bem. E depois na verdade eu fiquei na disciplina também porque era uma área que eu gostei, eu gostava também da madre do Amparo que era uma figura diferente

que eu conheci, me dei muito bem com ela. Cheguei a dar muito plantão noturno com ela no Amparo, claro que a Escola autorizava que a gente passasse a noite no trabalho. As outras professoras da aérea também era um exemplo de profissional, a Dirce Trevisa, a Setsuko Takayana e a Efigênia. Depois a Vanda Frete veio depois, ela estava afastada, naquela época estava em Santos, ela foi minha professora de Pós Graduação. Eu vim para a disciplina para ficar na sala de parto com as alunas e outra colega da minha turma, a Marília, também optou porque ela era a especialista em cuidar de recém-nascido, já era enfermeira de berçário. Como ela tinha essa competência na aérea de berçário, também foi contratada junto comigo. Eu fui ficando na Escola e depois veio a obrigatoriedade de fazer a Pós Graduação, eu falei “Não sei se eu quero” sempre na dúvida, mas fui ficando, e assumi que era isso que eu tinha que fazer.

A minha vivência profissional eu tenho na docência, agora o que eu tenho na área assistencial é como docente no Amparo Maternal posso dizer que a minha formação na área de Obstetrícia é do Amparo e eu acho que a figura da Madre e do professor Guimarães foi bastante marcante. A Dona Heloisa, a professora que me convidou, Heloisa Martins, era a responsável, ela já estava na fase de aposentadoria. Eu fiquei muito tempo com alunos lá no Amparo, tanto que a única aérea que eu não fui responsável pelo ensino foi o berçário. Eu atuei também no HC, no puerpério, como docente, e na Ginecologia também, na Clínica Ginecológica. Então Enfermagem Ginecológica, Enfermagem com a puérpera, cuidado com a puérpera, era no HC que eu ia e depois eu fui para o HU. No Hospital Universitário, eu comecei em 1982, posso dizer que fui a primeira docente da área, a Doroty já estava como diretora, acompanhando alunos, e depois o HU estava começando e foi muito difícil. Por que foi difícil? Porque quase não tinha atividade, parto era de vez em quando, a demanda era muito baixa, mas era um local

em que a Escola tinha que marcar presença, eu fiquei um ou dois anos. A professora Raquel foi minha aluna no HU, a professora Emilia, da minha disciplina, a Dulce na época estava chefiando o CO no HU e foi nessa época que eu fiquei no HU. Depois na Escola eu assumi Pós Graduação, essas coisas e acabei me afastando do HU.

Você era obrigada a fazer a Pós Graduação ou você saia da Escola. Eu me lembro de uma coisa difícil, o grupo de docentes não podia ir todo, então por área a cada ano iriam duas fazer a Pós. Eu fui do primeiro grupo, não sei porque eu e outra colega fomos selecionadas, acho que foi por opção. Só sei que eu entrei na primeira turma do Mestrado e nossa aérea abriu mais tarde, Fundamentos abriu em 1973, mas nós já começamos cursando disciplinas que eram comuns em todas as áreas depois a Obstétrica, a Psiquiátrica e a Pediátrica, que começou em 1975. Nosso Mestrado demorou bem mais tempo do que é agora. Mas assim, voltando à questão da minha origem oriental, o que isso tem com a minha profissão, eu acho que não teve relação, foi uma obra do acaso, porque eu estou na Enfermagem, mas que a minha turma tinha bastante Nikkei tinha, não sei se é a natureza da formação que se adaptou bem à Enfermagem, não sei se isso, mas eu não percebia grandes conflitos nessas colegas que ficaram, ou que as professoras naquela época, para você conseguir passar e ir seguindo na área era difícil, a peneirada do primeiro ano era muito grande.

Na aérea de Fundamentos, muitas colegas, isso não é coisa que eu via, era coisa que eu ouvia, muitas professoras disseram que elas não davam para a profissão, não sei que critério usavam e as pessoas acabavam saindo. Na minha turma ingressaram 54 alunos e formaram 16. Na verdade, ficaram algumas para trás. Tenho gente que se formou um ano depois, algumas meninas que foram reprovadas em Centro Cirúrgico e Enfermagem Psiquiátrica por

questões atitudinais. Havia desistência, mas reprovação também. As colegas alegavam que as professoras disseram que não tinham perfil e acabaram saindo. Eu acho que 16 alunas formaram. Depois eu tenho gente que entrou comigo e se formaram nos anos seguintes, mas tem aquelas que não ficaram na profissão, casaram e não continuaram trabalhando.

De festas aqui na Escola, tinha a Festa Junina, que naquela época era tradicional, tinha quadrilha, nós tínhamos os ensaios aqui, e o pessoal vinha e participava. Eu me lembro da festa de Natal, tinha uma comemoração. Os rapazes vinham nessas festas, na minha época começou o Coral da USP. Na minha visão, foi a turma da Ilza, acho que na história do Coral da USP tem essa passagem, ela tinha alguns amigos que faziam a Politécnica, era uma Escola de grande maioria de rapazes, então dentro da USP onde tinha mais mulher? Na Escola de Enfermagem. Ela tinha dois amigos da Poli, eles não eram namorados não, eram amigos. Eu não era do Coral mas eu tinha contato com essa turma, eles vieram, a Dona Maria Rosa acatou, acolheu, tínhamos um piano de cauda e outro piano que ficava na sala de espera, na sala de convivência onde hoje é a tesouraria, ali era uma sala em que aquele piano que está lá no *roof* ficava lá embaixo e o pessoal tinha ensaios, eles ensaiavam no piano e sempre a gente dava um jeito de pegar um pouco mais de lanche para eles, eles vinham famintos.

Voltando à japanela, muitos meninos da Poli tem origem japonesa, eu tinha uma colega de turma que o primo dela era politécnico. Então eles vinham aqui na Escola também porque ela estava namorando um deles, então eles vinham aqui na Escola, uns cinco ou seis rapazes. Os da Medicina vinham também.

Quanto ao namoro, o pessoal vinha, ficava naquela salinha, tinha aquela senhora que ficava na portaria, ela ligava, chamava “Olha, fulano de tal está aqui” mas o pessoal saía, não ficava

namorando aqui não. Ia para o cinema, depois nós tínhamos um livro que nós tínhamos que assinar quando saísse. De vez em quando tinha meninas que vinha dois namorados em horários iguais aí elas falavam assim para o seu João, o porteiro: "Seu João, se o fulano vier, o senhor fala que a gente vai levar para a biblioteca que ela vai sair com outro!" eu já fiz uma vez isso, peguei um dos namorados da menina, levei na Biblioteca porque ela ia sair com outro. Depois eu me recusei a fazer isso, ficar compactuando com as coisas dela, de jeito nenhum.

Nós pegamos toda a fase da diretoria da Maria Rosa. A imagem que eu tenho dela é que ela é uma pessoa bem rígida mas não era assim tão autoritária, uma vez eu até surpreendi. Quando nós morávamos aqui, ela gostava de contar piada em alguns momentos mais de descontração. Eu gostava muito de tricô, trabalhos manuais, e a gente fazia muito na Escola. Minhas colegas orientais gostavam, tinha uma, a Julia, ela sabia fazer de tudo, costurava bem, cozinhava bem, ela era bem preparada, ela não casou, falei "Não sei porque você não casa, você é uma mulher tão preparada, os homens estão perdendo!". Era muito prendada. Bom, era no final do dia e eu vi a Dona Maria Rosa com uma agulha de tricô e falei "Nossa, a senhora faz tricô!", "E faço muito bem!" então você não imagina esse lado de uma pessoa com toda aquela pose e postura que ela tinha. Tanto é, que ela almoçava aqui também, e um dia estávamos almoçando, ela falava que ia almoçar e descia aqueles degraus do refeitório, parecia assim, toda poderosa, a gente falava "O Estado Maior está chegando!" a gente chamava ela de Estado Maior. Mas assim, a gente tinha um certo receio, mas não era uma pessoa que inspirava medo, eu acho que ela era muito do diálogo. Ela pegou essa época das meninas que foram presas, ela, a Dona Wanda, eu fiquei sabendo que elas intermediaram.

Sempre tinha uma professora que era mais amiga dos alunos e outras que eram menos. A Wanda Horta era uma pessoa bem acessível. Eu tenho algumas fotos que posso mostrar para vocês, eu era bem magrinha, acho que pesava 43kg. Quando eu cheguei no primeiro ano estava bem buchechuda, depois eu emagreci. A Dona Wanda Horta me chamava de Esqueletinho. No primeiro ano que a gente vem do interior para cá sempre engorda um pouquinho com a mudança.

Colaboradora 9

Eu sou a décima primeira filha de imigrantes japoneses que vieram de Hiroshima em 1930, eles casaram quando vieram para cá, minha mãe com 16 anos e meu pai com 25 anos. Eles vieram com a intenção, lógico, de todo imigrante, voltar. A família de 11 filhos, com seis homens e cinco mulheres, sendo que foi um privilégio dos mais novos estudarem, os mais velhos estudaram, mas com os próprios esforços. Eu, meu irmão e minha irmã, os três últimos estudaram não já com a obrigação de trabalhar e estudar, eu sou é estudei, graças a Deus eu tive esse privilégio. A cultura era muito forte, eles queriam mantê-la e voltar para o Japão. Só que explodiu a Segunda Guerra Mundial e eles ficaram, aliás, eles vieram por conta da explosão demográfica no Japão.

Meus pais centralizaram na agricultura na região de Franca. Depois, a última agricultura que eles mexeram foi na década de 60, em Novo Horizonte, onde eu nasci. Não houve mais possibilidade de voltar, e nós permanecemos aqui. Eles voltaram para visitar a terra, meu pai voltou uma vez só e não quis mais voltar. Minha mãe não, ela sempre teve a cultura muito forte, não queria que misturasse a raça de forma alguma e dos 11, quatro casaram com brasileiros e eu, casei com um português, meu marido é imigrante também.

Eu fui fazer cursinho para Medicina e eu tive uma, não vou dizer palestra, um professor de matemática disse assim “Pessoal, vocês ficam se batendo por Medicina, vocês tem outras opções, tem Enfermagem, eu tenho uma irmã que é enfermeira e ela está muito bem”. Ele falou uma coisa que foi marcante para mim, o médico às vezes nem conhece o paciente, não cuida do paciente, quem cuida, quem presta cuidado, quem fica com o paciente é a enfermeira. Eu falei “Nossa, olha aí, eu acho que é essa área que eu quero”. Então foi na verdade essa fala desse professor e o enfoque do cuidado, o cuidar, de estar mais perto do paciente, a proximidade do paciente

em Enfermagem. Optei pela Enfermagem, eu fiz na época o cursinho Cecen, o cursinho mesmo era o cursinho de biológicas, era dividido em MED e MAPOFEI no cursinho. MED era para quem ia para a área de saúde, de biológicas e MAPOFEI era porque era Mauá, POLI e FEI. Era muito engraçado, eu acho que o marco mesmo foi a fala desse médico e ele infelizmente faleceu, faleceu muito jovem, quando eu estava no HU ele faleceu.

Meus pais moravam em São Paulo nessa época do cursinho, vieram no êxodo rural, eles abandonaram a agricultura em 73. Minha mãe foi para o lado do comércio, ela montou salão de beleza e meu pai ele sempre foi doentinho, minha mãe que era da lavoura, arava terra, meu pai era mais doentinho, então ele fazia artesanato no interior. Aqui em São Paulo ele tinha dificuldade quanto a matéria prima, lá no interior usava bambu, ele partia, arrancava e fazia toda a tecnologia dele lá, ele tinha as cestinhas, eram muito famosas. Eles vieram para cá e meu pai pensou no que ia fazer, um senhor deu a ideia de amolar tesoura, amolar objetos de corte e ele ficou nessa aérea, ele ficou especialista nessa parte de corte, eu fui sustentada por ele amolando tesoura, faca, navalha, ele amolava uma navalha para os barbeiros como ninguém. Ele era fantástico, meu pai tinha essa parte de inventar o ritual, onde processava, limpava, tinha um negócio que ele esticava e passava os objetos de corte, serrote, ele fazia dentinho por dentinho, um espetáculo. Ele ganhava bem, ele ganhava mais que um enfermeiro na época. Ele pegou e falou assim “Rosinha, quanto ganha?” e eu virei para ele e falei “Quanto o ootosan (ootosan é papai em japonês) ganha?” aí ele falou uma enormidade. Aí eu falei, “Ah, o ootosan ganha mais que eu!” não falei quanto ganhava.

Nós não falávamos japonês, como eu nasci depois da guerra, os irmãos mais velhos pediram para o meu pai não falar japonês. Primeiro que nós saímos da colônia, minha mãe era avessa à

colônia, nós saímos da colônia japonesa e ela foi cuidar, comprou um sítio e ficou sozinha, saiu, desgarrou. Ela tinha os contatos, falava japonês, entre meu pai e minha mãe era só japonês, mas com a gente não. Eu não falo nada, nada, nem leio, nem escrevo nada. Eu sou um típico exemplo de fruto do pós-guerra mesmo, eu realmente não podia falar nada.

Meus irmãos mais velhos chegavam a apanhar na escola porque trocavam sílabas, então eles apanhavam mesmo, reguada na cabeça que as professoras davam porque eles falavam errado. Japonês não eram bem vindos, tinha certa coisa..um peso, a gente passava na rua era “Japonesa!” nossa, eu odiava. Eu odiava, como eu não gostava dessa discriminação, era muito forte.

Na Escola tinha um grupo muito forte de japonesas, e mesmo entre a gente eu sempre convivi com elas, não se falava japonês, nada disso, era bem tranquilo.

Quando ao dia a dia na Escola, eu não sei se é um problema agora falar, mas eu fui interna lá, clandestina. Eu morava na Penha e estudava lá, estudava muito, eu não tinha condição de comprar livros, meu pai sustentava passagem e comida, o lanche. Então eu não tinha mesmo condição, surgiu a oportunidade e eu aceitei. Eu convivi muito com a turma anterior, com a turma que foi o último ano de internato e aí eu, na verdade, fui me inserindo com a turma e fiquei colada na Olivia, que já faleceu já tem uns bons anos, e ela me ajudou a ficar lá. Nós pegávamos um colchão lá embaixo no subsolo e colocava um em cima do outro, tinha umas tias, a gente chamava de tia na época, as pessoas lá sabiam, viam dois colchões e elas iam arrumar o quarto. E eu fiquei durante uns bons anos no quarto da Olivia e para dormir a gente dava um jeito, mas eu não fui chamada atenção por isso.

Se a Olivia quando não gastava os tickets ela dava para mim e eu usava, tinha muita ajuda do povo lá dentro. Eles fingiam que pegavam e não pegavam, sabiam da dificuldade, eu era pobre mesmo e ela às vezes ajudava bastante a gente, fazia vista grossa, eu comi muito de graça. O pessoal que estava ainda no internato ajudou muita gente, não foi só eu não. Por que o fato de você não ir para casa, você economiza o dinheiro da condução, e o tempo que eu morava na Penha, pegava trem na Lapa, Deus me livre! Então tinha uma série de vantagens de eu ficar lá, o pessoal mesmo, eram bem isso, de companheirismo, da Olivia, ela estava se arriscando cedendo os aposentos para mim.

Ocorreu um movimento que teve o enterro simbólico da Maria Rosa, foi muito polêmico, mas nessa parte eu não participei, eu não participei desse movimento.

Existiam “janelas”, as panelinhas só de alunas japonesas, mas eu me considero uma pessoa que entrou em todas as painéis, eu fui das ricas, poderosas, tinha um clã das meninas com mais poder aquisitivo, tinham as japonesas, eu percorri todas, entrei em todas as painéis, eu hoje conheço todas as colegas, se eu encontrar, sei quem são e não só por conta da convivência mas porque eu mexi muito com a reunião do pessoal, eu faço movimento com relação a se reunir. O último que eu fiz foi quando a gente fez aniversário de 30 anos de formadas.

A relação com os professores foi muito boa, tinham umas ou outras que eram mais resistentes a qualquer situação, mas eu de uma forma geral, eu conheci todas, não tinha muita dificuldade. Tiveram professoras que eu admiro muito, nem sei se estão na USP ainda, a Maria (Kimie) que era de Neuro, ela deve ter saído, tem aquela menina da administração, a Dirce Melo também. A Maria Jacira da Saúde Pública, a Celina que era de Centro Cirúrgico e a Vandinha, essa já faleceu, Vanda Geovani.

A brava era a Nara, a Nara nós denominamos como resistente, rígida. Era “Então, Nara, eu vim aqui..”, “Professora Nara!” e depois que ela defendeu tese de doutorado era “Doutora Nara” ela era senhora, bastante rígida. Tem uma gracinha, a Doutora Yoriko Kamiyama, ela era professora e foi diretora, eu encontrei com ela em Ubatuba, ela é cidadã ubatubense. Foi homenageada pela Câmara dos Vereadores da cidade e ela foi para lá fazer agricultura, ela tem lá umas terras e eu encontrei o filho dela que é amigo do meu sobrinho e aí ele estava falando, não sei o que Kamiyama. Eu falei “Nossa, eu conheço um Kamiyama” aí ele falou “Eu sou filho da Yoriko Kamiyama!” nossa, e era no réveillon e eu falei “Será que amanhã eu posso dar um abraço de Ano Novo nela?”, “Claro Rosa, vamos lá!” e eu acabei indo e revendo a Dra. Yoriko, dei um abraço grande nela e o chato era que eu achei que ela saiu com mágoa da faculdade, da Escola.

A Maria Rosa, eu peguei de 1970 a 74. A Maria Rosa era eclética, ela era bem assim, tinha uma pose e não se aproximava muito da gente. Hoje eu acho que a relação é diferente, não sei. Ela, por exemplo, essa questão de ser diferente de todo mundo, foi um pouco complicado, por que a Enfermagem fez essa questão do internato? Para poder ter mais gente interessada nisso, que seja pela questão do internato, acomodação, mas a Enfermagem acima de tudo. E na época que eu entrei, foi de tirar esses privilégios e eu acho que foi muito marcante isso, no sentido de resistência mesmo e no fim fomos vencidas e aos poucos foram tirando muita coisa. Nós tínhamos que o estágio de Centro Cirúrgico, com alojamento, a gente podia dormir lá, com tudo, com roupa de cama, toalha, então a gente ficava lá o estágio, o período inteiro lá. Podia dormir e era uma mão na roda, pelo menos para mim, ter que estar 6hs no Centro Cirúrgico, eu morava na Penha, era muito complicado. E eles davam para a gente desjejum, café da manhã era poderoso, tinha coalhada, fruta, leite com café, pão com frios, se alguém quisesse um cereal

também tinha, era uma beleza. Tinha muita coisa e essa coisa de igualar com todas as escolas da USP foi realmente um embate. Até que hoje acho que é tudo igual, não tem mais café da manhã para ninguém, é só almoço.

A minha participação em atividades extracurriculares, não era nada vinculado à Iniciação Científica, mas tudo que era mutirão eu participava, era bem danada. No primeiro ano, por exemplo, a Dra. Nara fazia vacinação de adultos em escolas e ela perguntava quem ia. Na época no primeiro ano a gente já tinha tudo, hoje é semiotécnica, na época não, no primeiro ano já tinha tudo, já administrava medicamento. E ela perguntou e eu falei que eu vou, minha primeira intramuscular foi com ela na escola. Foi terrível, mas eu procurava participar então se aparecia um mutirão eu sempre ia.

Não participei de movimento estudantil, foi uma época muito forte, mas eu não participava não, eu fui bem alheia ao movimento estudantil, por questão de não me interar mesmo do assunto nem tão pouco de ficar carregando bandeira, não fui mesmo. Teve preso político na Escola, na minha classe teve uma que sumiu, mas depois a gente soube onde ela estava e ela estava presa no Rio Grande do Sul. Ela não era oriental, mas andava comigo, quando eu vi aquele filme “Pra frente Brasil”, Nossa Senhora, eu lembro que o Reginaldo Faria foi torturado porque ele tomou taxi junto com a pessoa, e eu andava, ia de ônibus, tomava no mesmo ponto, eu morava na Penha e ela morava no Cangaíba, do lado, e depois ela sumiu mas depois a gente ficou sabendo e tal. Ainda bem que ela não desapareceu, mas na Escola teve preso político. Uma época complicada.

Não tive dificuldade de adaptação cultural, porque eu me sinto brasileira, eu não tenho costume, eu gosto da cultura, gosto de ler, de ver a cultura japonesa, mas eu não tive nenhuma coisa assim do fato de ser japonesa teve alguma dificuldade.

Ao contrário do tradicional, meu irmão mais velho não ficou cuidando da minha mãe. Minha mãe nunca quis, minha mãe quis ficar fora disso, nossos próprios pais rejeitaram muito isso, minha mãe não quis morar com o filho mais velho e nunca morou. Quem cuidou da minha mãe nos últimos tempos foram os mais novos, eu fiquei com ela, não fiquei em casa, mas tinha o cuidado, fui buscar convênio para ela, ela teve mais conforto e menos problema porque tinha convênio. Um convênio não muito bom, mas que deu conta de dar toda essa parte de assistência para ela. Então eu me sinto bastante confortável no sentido de ter dado apoio para minha mãe.

Não tive dificuldade na escolha profissional e na inserção no mercado de trabalho na época, pelo contrário, ser japonesa, eu acho que facilita o profissional, a nossa raça inspira mais confiança, mais determinação, compromisso, adaptação a regras, quem é rígido tem mais facilidade a adaptar as regras, as normas, então eu acho que isso facilita, acho que ser descendente facilitou.

Na questão do momento histórico, da Ditadura, você sabe que eu comecei a ter uma noção do movimento forte que a gente viveu depois. Eu não sei se porque politicamente eu não tinha muita instrução ou avaliação, durante essa época eu vivi normal. Eu via os movimentos na Maria Antonia, eu via todos esses movimentos, mas eu era uma pessoa que ficou bastante alheia, não me infiltrava. Eu vivi muito na Escola, ficava até às 22hs estudando, até a biblioteca fechar, por causa do trânsito mesmo eu acabava ficando, mas eu não tinha essa noção tão forte, tive essa noção depois. Fiquei sabendo muito tempo depois que essa colega que andava comigo, eu me perguntava “O que aconteceu?” aí mais tarde eu fiquei sabendo, ainda dentro da Graduação, o que tinha acontecido.

Foram tantas emoções, participávamos muito de festas, tínhamos muito contato com a Geologia que só tinha homem. Tinham as festas com o pessoal da Geologia, nós íamos muito, eles

também vinham, eu fazia Festa Junina lá dentro, imagina Festa Junina dentro da Escola de Enfermagem! Para conseguir fundo pro Centro Acadêmico, era esse o movimento. Era isso que eu participava e gostava muito dessa coisa. Participei de três projetos Rondons, que eu achei uma parte interessante, Kazuko participou inclusive comigo, eu fiquei em um ponto e ela seguiu adiante, acho que ela foi para Araguaia, alguma coisa lá no Pará, hoje é Tocantins onde a gente foi. Foi muito interessante, tinham uns voluntários e fomos em três, gostei muito de ter participado, fez muita diferença na minha formação. Fui conhecer a realidade brasileira, você vai para esse sertão a fora, todo mundo tem que ir conhecer essa realidade. Então foi isso, agora fato marcante que eu sempre gosto de falar foi a Dra. Wanda Horta, ela deu Fundamentos para mim, olha que riqueza! A Dra. Wanda ela era uma figura e por conta dela eu cortei meu cabelo, tinha o cabelo aqui nas costas e ela falava “Não adiante prender o cabelo, fica esse rabo de cavalo para lá e para cá!” eu falei “A professora quer acabar comigo!” e eu cortei o cabelo. Curtinho, para não ter que ficar amarrando nem nada, para ficar bem tranquilo. Teve um fato marcante que foi a mudança do uniforme que era calça cumprida e uma túnica que tinha que ser abaixo do joelho, ela podia servir de vestido desde que colocasse meia. Então era uma blusinha, uma camiseta mesma por baixo, com uma listinha azul marinho e aquela túnica. A gente usava esse uniforme, foi uma guerra. Teve outro fato marcante também foi a turma que não queria colar grau com beca, queria colar grau de uniforme e eu fazia parte dessa turma que queria colar grau com uniforme. Tinha a outra turma que colou com beca e nós que colamos grau sem beca. Por que a gente queria ser natural, hoje eu vejo o *glamour* que é, mas na época...e nós não colamos! Colamos grau na Secretaria, não participamos da formatura oficial. Foi, foi um fato marcante, eu não lembro o que a Kazuko fez, mas acho que ela fez colação formal, oficial. Eu sei que eu, a Profa. Suzy, que já de aposentou, na

verdade o nome dela é Maria Josefina, o apelido Suzy. A Rosa Kayano, era com certeza contra a beca.

Mas a Dra. Wanda foi uma pessoa marcante, primeiro que foi ela que pegou na mão da gente, dando Fundamentos e outra coisa é um fato muito engraçado, a Dra. Wanda ela tinha um fusquinha e eu conto sempre essa história para os alunos, ela tinha um fusquinha e ela não conseguia colocar dentro da Escola, ela deixava lá fora, na época podia estacionar. Eu também tinha um fusquinha, eu passava na Escola, pegava a marmita do pessoal que fazia o estágio em Osasco e depois eu ia para lá. Eu passava, pegava, botava no carro e eu batia, “Meu Deus, não quer fechar!” *tum*, baixei. Quando eu bati eu falei “E a chave?”, a chave ficou para dente Então avistei a Dra. Wanda, e falei “Dra. Wanda, empresta sua chave, por favor”, “O que você vai fazer, Rosa?”, “Só um instantinho”, abriu meu carro! A chave dela abriu meu carro, era a mesma chave, foi muito engraçado! Infelizmente ela foi embora cedo, acho que se não me engano, antes dos 60. Ela teve uma doença rara autoimune. E essas foram as coisas tem tantas outras coisas que eu não me lembro agora, mas vivi intensamente meus quatro anos lá na Escola. Gostei muito de ter feito Enfermagem, em nenhum momento eu pensei em ter feito Medicina, foi a escolha correta, sou feliz na minha profissão, me considero bem sucedida na profissão, gosto muito. Aposentei na prefeitura e agora continuo só na docência. Muito carinho, boas lembranças, até hoje eu tenho organizado, vamos ver o encontro de 40 anos. Não esta longe não! Daqui há dois anos fazemos 40 anos de profissão, nem parece. Mas não tem jeito, cada um tem seu tempo e eu acho que sou muito grata por tudo, por ter conseguido tudo isso.

Colaboradora 10

Eu nasci na cidade de Tupã, uma cidade localizada a 530 km de São Paulo, no oeste paulista e fiz toda a minha formação inicial, Ensino Médio nessa cidade e vim para São Paulo em 1977 para poder fazer o cursinho para poder prestar o vestibular. Quando cheguei aqui em São Paulo, já tinha me decidido em fazer enfermagem. Essa decisão foi meio que em função, eu não sabia exatamente o que eu queria, queria fazer alguma profissão na carreira na área de biológicas, isso eu tinha bem definido tanto é que quando eu terminei o terceiro colegial eu prestei para Biologia. Na época, nem chamava Fuvest, era Cecen, alguma coisa assim. E depois quando eu fui fazer Enfermagem, já virou Fuvest.

Eu fiz um ano de cursinho, morei em um pensionato lá na região da Liberdade, eu fiz cursinho no Anglo e entrei aqui na Escola de Enfermagem e também passei na PUC de Sorocaba, eu tinha um irmão que fazia Medicina lá, mas eu optei a ficar aqui primeiro porque é uma escola pública e se eu fosse para lá demandaria ajuda dos meus pais para me custear lá aí eu resolvi me matricular e estudar aqui na Escola de Enfermagem da USP. Bom, aí de 1978 a 1981 foi meu período no curso de Graduação de Enfermagem e em 1982, no final de 1981 eu decidi fazer um curso chamado Enfermagem Obstétrica, curso de habilitação que era como um paralelo hoje um curso de especialização em Enfermagem Obstétrica. Mas não é considerado um curso de especialização, e sim habilitação, é como um quinto ano de Enfermagem.

Na verdade quando eu estava no segundo ano da faculdade, eu quase desisti da Enfermagem, porque eu acho que eu tinha um imaginário ou uma idealização da profissão que foi muito difícil para mim. Naquela época o currículo era diferente do atual, de Graduação em Enfermagem, e eu estava cursando a disciplina de

Médico Cirúrgica, que era ministrada no segundo ano e era um semestre, no terceiro semestre, e foi muito difícil para mim lidar com pacientes em fase terminal, eu cheguei a cuidar de pacientes que praticamente morreram durante o período que eu estava estagiando na unidade no HC e aí que quando eu me deparei com a morte, eu achei que como que eu fui optar em fazer enfermagem e nunca tinha pensado na possibilidade que eu teria que enfrentar uma situação de cuidar de um paciente em fase final. Naquela época, era passado pelos professores que a gente não podia chorar, não deveria mostrar nenhuma fraqueza emocional que a gente tinha que manter firme, então aquilo foi muito difícil para mim, inclusive porque no currículo a gente não aprendia como lidar com morte. E na minha vivência pessoal, familiar, eu também não tinha tido uma situação de cuidar de uma pessoa em fase final na minha família. Foi uma situação meio inédita, difícil, muito difícil para mim e eu cheguei a questionar se estava na carreira correta, se era realmente Enfermagem que eu gostaria de fazer, de me formar e viver disso pelo resto da vida.

Eu fiquei muito balançada, naquela época dificilmente os alunos tinham falta nos campos de estágio, porque faltar, mesmo que uma falta em uma disciplina de um semestre era considerada uma falha muito grave, e que ia repercutir muito na avaliação da disciplina. Mas mesmo assim eu decidi pegar uma semana, fui embora para o interior conversar com meus pais, porque eu estava muito balançada. Já tinha até falado “Pai, eu vou trancar matrícula, vou fazer cursinho e vou prestar arquitetura” nada a ver. Meus pais falaram assim “Porque você não termina o semestre? Termina o semestre e depois você pensa se realmente você não quer, se você quer prestar vestibular para outra coisa”. Foi aí que eu fui, terminei aos trancos e barrancos, fui aprovado, tudo, mas foi uma situação muito difícil para mim, principalmente porque eu não estava conseguindo lidar com questões que envolvem não só conhecimentos técnicos, mas é maturidade espiritual inclusive para

poder lidar e cuidar de um paciente em fase terminal. No terceiro ano eu voltei e naquela época terceiro ano a gente cursava as disciplinas de Centro Cirúrgico, Doenças Transmissíveis, Enfermagem Pediátrica e Enfermagem Obstétrica. Eu percebi, quando eu passei em Enfermagem Obstétrica que eu percebi, eu não sei, naquela época não consegui distinguir se era o acolhimento dos professores ou se realmente eu tinha me encontrado na especialidade. Eu fui meio que encantada com o estágio que eu passei em Enfermagem Obstétrica e também hoje, avaliando, talvez na obstetrícia ou na Enfermagem Obstétrica, a gente vê muita vida, e a gente não lida muito com morte, apesar de que acabei lidando com situações importantes. O primeiro parto que eu fiz na Graduação, com a Profa. Maria Alice era um parto de um bebê com má formação, com lábio leporino, a Maria Alice perguntava “O que você está vendo?” e eu com o bebê no colo. Era uma coisa tão emocionante que eu não conseguia enxergar depois ela me falou “Olha, a criança tem uma má formação, nós temos que conversar com essa mãe, ela não estava sabendo que o bebê tinha um defeito”. Mas assim, eu acabei me decidindo quando eu terminei a Graduação em cursar a Enfermagem Obstétrica que foi a área que eu mais me vi me encontrei trabalhando como profissional.

Hoje, talvez, se eu tivesse a cabeça que eu tenho hoje, talvez nem optasse por fazer Enfermagem Obstétrica porque a vida me ensinou a lidar com a questão da dialética da morte-vida, que naquela época eu não tinha essa maturidade. Fui meio por exclusão fazendo uma escolha na área que eu gostaria de atuar. No terceiro e no quarto ano, as coisas foram lisas, eu lembro que no quarto ano eu fui fazer estágio no último semestre, que era administração, fui fazer estágio na clínica feminina aqui do prédio da ortopedia e eu escolhi justamente ir para aquela unidade porque era especialidade que eu não tinha visto em nenhuma outra disciplina durante o curso de Graduação. Falei “Eu vou ter que me formar e vai que eu não

consigo trabalhar na área que eu quero mesmo tendo a habilitação” eu vou me atirar em tudo que é lugar, para poder estar mais preparada para o mercado de trabalho. Essa era a minha preocupação, eu fui super bem, lembro que tirei uma nota muito boa e foi interessante porque na administração, naquela época passava uma fase assim que as professoras da área de administração não gostavam muito das japonesinhas, eram muito tímidas, não tinham liderança. E quando tivemos que decidir que clínica nós estagiariamos em administração, eu fui a primeira a ir à lousa e coloquei Ortopedia, quarto andar, sou eu.

Coloquei meu nome ali e tinham cinco vagas, enfileiradas vieram todas as japonesas. Ainda eu falava para minhas colegas “Olha, se a gente não se cuidar, a nossa fama é que não temos liderança e vamos todas ser reprovadas” e quem ia nos acompanhar era a Profa. Paulina, naquela época, os alunos morriam de medo dela, porque ela reprovava, pelo menos era a fama. Nós fomos super bem avaliadas, e naquela época todo mundo tinha muito medo de passar e ser supervisionada pela Profa. Paulina por causa da fama. E eu falava para minhas coleguinhas japonesas, todas Nisseis, “Ih, agora que nós vamos nos ferrar de verde e amarelo”. A primeira avaliação que ela sentou com a gente para fazer, eu fui a primeira a falar porque nós combinamos entre nós “Profa. Paulina, eu quero que a senhora fale enquanto tem tempo todos os nossos defeitos, para termos tempo de corrigir, eu não gostaria que a senhora fizesse avaliação no final, quando a gente não tem mais tempo para melhorar. Porque o que a gente é boa, a gente não precisa melhorar, eu quero saber o que a gente precisa melhorar, o que a gente é ruim” e só veio elogios.

Nós ficamos muito surpresas, ela não falava nenhum ponto negativo da gente, será que estamos indo tão bem assim? Porque a gente começou assim, com receio, vamos trabalhar para não nos

ferrar e ser reprovada no ultimo ano. Tanto é que na formatura, eu que entreguei as flores para a Profa. Homenageada Paulina.

Meus pais tinham um comércio no interior, meu pai era japonês, ele já faleceu faz nove anos, mas na época que eu estava na Graduação, nós éramos três filhos, eu sou a filha do meio, tenho um irmão dois anos e meio mais velho que eu que fez Medicina e uma irmã dois anos mais nova que eu que fez Nutrição aqui na USP. E meus pais, os valores deles vieram assim “meus filhos precisam estudar” porque meu pai veio com 11 anos do Japão, ele perdeu a mãe, meu avô era professor de Escola Fundamental no Japão, ele ficou viúvo com quatro filhos nas costas e meu avô era uma pessoa que escrevia Haikai, que eram poemas japoneses, ele era uma pessoa muito letrada, de muita leitura, mas também muito sonhador. Meu pai conta que meu avô falava assim “Vamos para o Brasil, que eu perdi a esposa, tenho um monte de filho para criar”, o Japão passava por uma situação muito miserável, isso em 1932, “então nós vamos para o Brasil que dizem que lá é uma terra que você põe a mão e dá ouro”. E este era, vamos dizer assim, a expectativa e era o que todos os japoneses da época dele que migraram para o Brasil tinham, de enriquecer aqui no Brasil. Ele achava que vindo para cá, ele daria condições melhores para criar os filhos dele. Então assim, quando eu nasci, meu avô faleceu, eu nasci em 1958 e meu avô faleceu quando eu tinha três meses de idade, e aí meu pai, quando casou com a minha mãe, minha mãe também só tem até o terceiro ano do Ensino Fundamental, minha mãe estudou na época da Guerra de 32, quando o Brasil entrou na Guerra e se aliou com os Estados Unidos. Japoneses, italianos e alemães eram extremamente perseguidos pelo exército brasileiro, então minha mãe estudava em uma colônia japonesa em um sítio perto de Marília e cada dia eles tinham que estudar em um lugar diferente porque se o exército vinha, tomava todos os cadernos. Minha mãe teve um ensino até o terceiro ano, apesar de ser alfabetizada, fazer contas,

porque eles tiveram um comércio. Então com esse pequeno comércio, que era um bazar no interior, criaram os três filhos, fizeram estudar os três filhos, meu irmão estudou em Sorocaba e eu e minha irmã estudamos em São Paulo.

Então assim, para tudo eu tive apoio, se precisava comprar um livro, meu pai nunca negou dinheiro para comprar livro, para estudo não. Tanto é que eu fiz, quando estudava no interior, eu fiz japonês, Ensino Fundamental, inclusive eu comecei a ser alfabetizada em japonês antes do português, e eu comecei a me alfabetizar em português pela minha professora de piano. Em frente a minha casa tinha uma professora de piano particular que ensinava na casa dela, aí eu fazia japonês, comecei a fazer com quatro anos, não entendia nada, queria ir porque meu irmão ia e eu queria ir junto, e com cinco ou seis anos comecei a fazer piano e minha professora tinha que me ensinar as notas, eu tinha que escrever lá "dó, ré, mi", mas eu não sabia escrever porque não estava na escola. Ela me alfabetizou ensinando as notas musicais. Quando eu entrei no primeiro ano com sete, naquela época não podia entrar com seis anos, tinha que entrar com sete, aí o que aconteceu? Eu já estava meio que alfabetizada, eu já sabia escrever, tinha muita habilidade para a escrita, tanto é que minha professora do primeiro ano mostrava para as outras professoras das outras classes do primeiro ano, que meu caderno era todo bonitinho.

Meus pais sempre valorizavam muito estudo, tanto é que eu comecei fazendo inglês, no interior, japonês, corte e costura, todas as habilidades. Além da escola, do japonês e do piano, que eu sempre fui. Sempre fui muito incentivada, eu falava "Pai, compra a coleção Delta, Larrousse", ele comprava, "Compra a enciclopédia Trópico?" ele comprava, eram enciclopédias caras. Então com essas enciclopédias eu fazia muito trabalho escolar, naquela época não existia internet, essas coisas, então a gente aprendeu isso. Quando

eu vim para São Paulo, meu pai pagou no cursinho um pensionato, depois eu mantive uma república com as minhas amigas do interior que moravam comigo, nós já andávamos desde a quinta, sexta série juntas lá no interior, montamos, alugamos um apartamento na Vila Mariana e montamos uma república. No quarto ano da faculdade, quanto eu estava no segundo, minha irmã veio morar com a gente na república, então montamos uma república no quarto ano, ela fazendo Nutrição e eu terminando Enfermagem, fazendo habilitação. Depois nos separamos porque ela foi embora para Santa Catarina quando se formou e eu continuei aqui. As lembranças mais vívidas que eu tenho são essas e o que me marcou foi essa coisa de querer desistir porque eu comecei a questionar e ver se era realmente aquilo que eu queria para mim no futuro.

No ano em que eu vim estudar, teve algumas mudanças curriculares, eu não me lembro bem quais eram, mas eu sei que quando a gente estava do segundo para o terceiro ano, fomos divididas em duas turmas, a minha metade tinha muito orientais. Tiveram muita desistência na minha turma, entre o segundo e o terceiro ano, gente que desistiu, que pediu transferência para outros cursos, bom só sei que no terceiro ano tínhamos 60 e poucos alunos e fomos divididos em duas turmas. Uma turma de 33 alunos e outra mais ou menos com esse numeram de alunos. Na minha metade, era uma metade mais caxias, mais CDF, na outra metade era uma turma mais politizada, mais de fazer greve, de reivindicar. Quem era minha outra metade? Ana Chiesa, Rita Bertolozzi, era a outra panelinha, a Elaine também era da outra turma. A minha metade tinha muita japonesinha, chinesinha e o pessoal menos de frequentar Centro Acadêmico, mais de frequentar biblioteca. Um grupinho CDF e meio alienado, e nessa época era a época que tinha repressão ainda, nós estávamos começando a ter mais uma abertura. Então a gente era meio bitola mesmo.

Participei muito pouco de Centro Acadêmico, foi assim, na recepção de calouros, mas eu não era de ficar sentada, batendo papo, tocando piano no Centro Acadêmico. Você podia me encontrar mais na biblioteca estudando do que no Centro Acadêmico. Era mesmo, eu era politicamente meio que alienada. Eu participei daqueles Encontros Nacionais de Enfermagem em Belo Horizonte, Eneen, quando teve um ônibus que foi em julho para Belo Horizonte, foi em julho, que é período de férias, a gente ficou hospedada no Mineirão, pertinho da Igreja Pampulha. Eu me lembro de que tive uma participação assim, a gente tinha Assembleia, conversava, mas eu fui mais assim para me integrar mesmo com os alunos dos anos mais velhos, meus veteranos e para conhecer gente do Brasil assim, mas eu tenho pouca lembrança daquela época, que eu fui, participei, fui conhecer a Pampulha, o Mineirão, mas não tenho nenhuma outras lembranças que ficaram na minha memória. Então essa minha turminha, a gente não era de ficar saindo de fora da Escola, a gente era de se encontrar aqui, de conversar aqui, de fazer muito trabalho junto, trabalhos que eram da disciplina, que tinha que responder, estudar para tirar dúvida, não tinha muita participação na Atlética como nossos alunos têm hoje. Eu vejo muita diferença, talvez é resquício ou por causa da repressão mesmo mas a gente não tinha essa cultura assim.

Eu acho que vem de uma criação, porque quando eu vim do colegial eu lembro que tinha um professor de introdução à psicologia no colégio, ele era uma pessoa muito diferente, ele ficava sentado no pátio do colégio só observando os adolescentes e os estudantes e todo mundo falava assim, meio que às luzes apagadas por causa da repressão, ele fazia a gente ler O Pequeno Príncipe, e filosofar em cima, em cima de algumas letras da música do Chico Buarque, então ele meio que tentava desalinhar a gente de uma coisa mais crítica. Mas o que passava na boca pequena era que aquele professor era meio comunista, sabe assim, porque não era

permitido, principalmente na época da repressão, acho que a minha geração teve muito essa censura e então a gente era muito ligada em rock de música mais melódica, em inglês, Elton John, Bee Gees, que eram músicas inglesas, melódicas, românticas e não eram politizadas. Eu comecei a ter um pouquinho mais de contato com músicas, inclusive estrangeiras, mais politizadas, que falavam de guerra do Vietnã que tinha uma colega minha, acho que hoje ela trabalha na Unifesp, ela sempre tocava violão, chama Tica, sempre de violão e cantando e ela que me apresentou uma cantora americana chamada Joan que só fazia música de protesto, americana, contra a guerra do Vietnã. Mas eu não era tão politizada, eu reconheço isso e até hoje eu acho que é porque minha formação foi formatada assim, mas em compensação eu era muito estudiosa, no sentido de sempre me dedicar aos estudos mesmo. Dava conta das matérias, das disciplinas e pronto.

Eu venho de uma geração que a maioria dos professores já se aposentou, alguns ainda estão aqui com a gente, mas era uma relação muito distante, com exceção de alguns professores que eram mais próximos e davam um pouco mais de abertura para você falar inclusive da sua intimidade como estudante, não só da questão de conteúdo da disciplina. Mas a gente era rigidamente avaliada em relação principalmente a postura, vestimenta, ao conhecimento, se exigia muito que você estudasse e a gente era cobrada no campo de estágio “Como você não sabe a medicação que seu paciente tá tomando?” você tinha que tomar muito cuidado, anotação assim, muito cuidado na forma como você redigia, a gente era rigidamente avaliado, principalmente nessas disciplinas de Médico Cirúrgico. Tinham algumas que eram mais liberadas, Saúde Pública, naquela época não era Saúde Coletiva, então tinha um pouco mais de abertura, mas assim, a gente tinha uma linha muito mais disciplinadora do que diálogo, as coisas vinham já formatadas de cima para baixo, você tinha que dizer amém e acabou.

Você não tinha muita abertura para ficar questionando as coisas, não. Você não tinha abertura para colocar se estava bom ou se estava ruim, tinha que engolir e acabou. Era bem militar mesmo. Então assim, alguns professores eu tive um pouquinho mais de intimidade, até porque às vezes o professor dava carona para a gente, então a gente acabava se abrindo um pouco mais. Os professores falavam “Querem carona para a Escola?”, “A gente quer”. Senão todo mundo tinha que pegar ônibus, não tinha metro naquela época. Então a gente saía da escola 5 horas da manhã para estar no campo de estágio, ou a gente tinha que fazer panelinha com os amigos para pegar carona, para ver como chegava lá naquele hospital da Cachoeirinha ou a gente tinha estágio, uma semana de estágio em uma colônia de hansenianos perto de Itu, ficou uma semana lá hospedadas dentro do leprosário, como chamavam, mas assim, eu acho que foram tempos assim, hoje com a distância, foram tempos bons. Mas que durante muito tempo eu falava “Eu não quero mais passar por isso” porque foram muito mais de sofrimento do que de alegria e prazer, não foi uma coisa que você curtiu, foi uma coisa tensa. A gente curtiu de maneira muito pesada, não ficaram na minha memória emotiva, emocional, não são memórias de “Ah que saudade, gostaria de viver aquilo novamente”, eu não tenho isso.

No começo eu fiquei meio impactada, porque, por exemplo, eu tinha um professor de Microbiologia no primeiro ano que deu 8hs ele trancava a porta. Não entrava mais, se chegava atrasada dez minutos no aniversário, não adiantava, você não vai entrar. Teria que esperar às 10hs para a aula de laboratório, aí ele abria. Ficava de fora, aí eu ficava meio assustada “Nossa, meus pais nunca tiveram essa postura” é claro que eu também nunca abusei, nunca fui de chegar atrasada, levar uma portada na cara, aliás, eu nunca cheguei atrasada. Acho que falta eu tive essa que te contei, de uma semana, ah vou desistir mesmo, vou chutar o balde. Eu achei que

fosse realmente desistir da Enfermagem. Mas em compensação, eu tive uma professora que quando ficou sabendo disso, era do departamento ENC, que tinha sido minha professora de Fundamentos, que é Introdução à Enfermagem, quando ela ficou sabendo que eu queria desistir, ela me chamou na sala dela, ela tinha sido minha professora de Fundamentos no Hospital, “Por que você quês desistir?”, eu lembro bem disso, eu falei “Ah professora, aqui na Escola é assim, professor ensinou que tem que quebrar ampola assim, se eu quebrar assado, está errado, como está errado? Eu não to quebrando nenhum principio, não estou contaminando, por que tá errado?” aí a professora me disse assim “Mas é de gente que nem você que a gente quer na Enfermagem, a gente não quer vaquinha de presépio aqui, a gente quer gente que questiona” eu falei “Mas a gente questiona, a gente leva reprimenda” porque tem que ser do jeito que o professor quer. Quando você fala que não esta quebrando nenhum princípio de contaminação por que está errado? Tanto é que eu tinha colegas que eram canhotas, era muito difícil, por exemplo, na sala de parto você fazer episiotomia. Como é que vai fazer episiotomia e suturar quando o aluno é canhoto? O professor que não é canhoto tinha dificuldade de ensinar o aluno a pegar na porta agulha para dar os pontos, porque a pessoa é canhota. Isso me incomodava muito, como não? Quem é canhoto não pode fazer enfermagem? Porque as coisas eram muito rígidas, você não podia cuspir nem para um lado, nem para o outro, tinha que cuspir ali. Está errado, então assim, se você quisesse questionar alguma coisa, era como se estivesse afrontando um professor, isso me incomodava demais. Eu falava assim “Nossa, as coisas são assim” e eu ficava meio assustada porque na minha família eu não tive esse tipo de criação. Claro que teve uma rigidez, mas não nessa dimensão, essa minha adaptação quando eu vim para a faculdade, eu fiquei meio assustada, eu achava que meus pais eram meio moles. Na minha família as coisas não são assim, é

rígido, mas não desse jeito, nesse ponto. Para mim parecia que a estrada é mais estreita do que eu estava acostumada a caminhar. Então acho que era isso que eu ficava mais assustada, era uma coisa meio militar, essa era a percepção que eu tinha na época.

De vez em quando eu vinha nas festas juninas, o problema era ir embora, a gente saía daqui meia noite, meia noite e meia e já quase não tinha ônibus. Daí você falava vou ficar andando essa hora? Tínhamos que se enturmar, ou ia embora, dormia todo mundo junto, porque senão não dava. Minha amiga mais próxima, de ir dormir na casa dela até, não era japonesa, ela chamava Eliana Vila, hoje se não me engano ela está na Universidade Federal de Minas Gerais, faz muitos anos que eu não a vejo. Ela trabalhou aqui na Ortopedia muitos anos, casou, depois o marido que trabalhava na Globo foi transferido para lá e eu perdi contato com ela. Ela era minha amiga mesmo, de “Ah, Eliana, o que eu faço? Ah não sei o que” e ela não fez Enfermagem Obstétrica, ela formou e foi trabalhar.

Mas a época foi muito difícil para mim, naquela época a gente não tinha conteúdo sobre lidar com a morte, muito menos apoio. Como hoje ainda não tem, eu acho uma vivência muito difícil você lidar com situações extremas como essa, como morte, e mesmo com nascimento, porque eu percebo hoje que eu fiquei muito impactada com o primeiro parto, você não consegue pensar, fica sob impacto da emoção e a professora está lá com você “Vai, agora vira! Vira para cá!” e você não sabe o que está fazendo, você está indo no comando do professor. Por que é uma coisa que não é a técnica, você fica embebido de uma emoção, talvez mexe muito com seu inconsciente quando você assiste os primeiros partos. Assim como você assiste as primeiras mortes, que a gente não consegue lidar. Falta de experiência, maturidade, preparo, que eu acho que até hoje se um aluno vier bater na minha porta “Professora, meu paciente

morreu! Eu estou tão triste” eu não sei o que eu falo para ele, e acho que não tem nenhum conteúdo ou uma estratégia que a gente possa acolher isso e ajudar o aluno a assimilar e integrar essa experiência na sua formação profissional, essa é a percepção que eu tenho.

Eu tinha uma professora que era da área de Saúde da Mulher, chamada Profa. Doroty Barbieri, ela já está aposentada e ficou bastante tempo no HU, ela que começou, montou toda a parte de materno infantil e da maternidade e que foi muito, ela me influenciou muito na minha escolha, também na especialidade. Ela era professora de berçário, acompanhava a gente no berçário da maternidade do Hospital Vila Nova Cachoeirinha. Então ela foi uma pessoa que foi muito importante também na minha decisão, que depois que eu sai do hospital particular que eu trabalhava, na Santa Casa, no Santa Isabel, depois que eu sai fui para o HU, foi uma pessoa que eu já tive contato na Graduação mas que me ajudou muito depois na minha escolha para carreira docente, me influenciou, ela teve uma participação muito importante em momentos de tomar decisões para onde eu vou e que me influenciou também.

Nós usávamos uniforme, o branquinho, acho que foi o último uniforme, branco com as listinhas azuis na manga. Era uma camiseta polo em baixo, camiseta branca polo com duas listras azul marinho, com um jalequinho decote em v sem manga, nós tínhamos um crachá de acrílico que foi confeccionado só para minha turma, escrito nome do aluno e Escola de Enfermagem da USP, que a gente usava no bolso, tipo um alfinete, usava no bolso do jaleco, o jaleco tinha dois bolsos chapados embaixo e um chapado em cima, feito de um tecido chamado terbrim, que não amassava, não amarrotava muito, então foi isso. Tínhamos que usar cabelos presos, quem tinha cabelo comprido, qualquer adorno no cabelo, por exemplo, o elástico, presilhas, não podia ser nada muito colorido que

chamasse muita atenção, então preferencialmente quem tem cabelo preto usa uma presilha preta, que tem cabelo castanho usa presilha marrom, nada de brincos pendurados, anel de jeito nenhum, unhas compridas de jeito nenhum, esmalte só se for bem clarinho, transparente, nada de esmalte vermelho, nada de maquiagem muito carregada. Unhas cortadas, relógio, material de bolso, era isso. Na direção da Escola eu peguei a Maria Rosa, depois na minha entrega, juramento, foi o Prof. Lacaz.

Anexo 1 – Aprovação do Comitê de Ética e Pesquisa da EEUSP

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO ESCOLA DE ENFERMAGEM

Av. Dr. Enéas de Carvalho Aguiar, 419 - CEP 05403-000
Tel.: (011) 3061-7548/8858 - Fax: (011) 3061-7548 -
São Paulo - SP - Brasil
e-mail: edipesq@usp.br

São Paulo, 1º de novembro de 2011.

Ilm.^a Sr.^a
Barbara Felix Fragazi da Silva

Prezada Senhora,

Nos termos da documentação contida no processo nº 148/2011/CPq/EEUSP, informamos que V.S.^a foi autorizada a realizar, nesta Unidade, a coleta de dados relativa ao projeto de pesquisa *“Memórias de ex-alunas orientais na Escola de Enfermagem da USP: análise a partir da transculturalidade”*.

Atenciosamente,

Prof.ª Dr.ª Diná de Almeida Lopes Monteiro da Cruz
Diretora

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE ENFERMAGEM**

Av. Dr. Enéas de Carvalho Aguiar, 419 - CEP 05403-000
Tel.: (011) 3061-7548/8858 - Fax: (011) 3061-7548 -
São Paulo - SP - Brasil
e-mail: edipesq@usp.br

São Paulo, 22 de setembro de 2011.

Ilm.^a Sr.^a
Barbara Felix Fragazi da Silva

Ref.: Processo nº 1075/2011/CEP-EEUSP - SISNEP CAAE: 0087.0.196.000-11

Prezada Senhora,

Em atenção à solicitação referente à análise do projeto **“Memórias de ex-alunas orientais na Escola de Enfermagem da USP: análise a partir da transculturalidade”**, informamos que o mesmo foi considerado aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo (CEP/EEUSP).

Analisado sob o aspecto ético-legal, atende às exigências da Resolução nº 196/96 do Conselho Nacional de Saúde.

Esclarecemos que após o término da pesquisa, os resultados obtidos deverão ser encaminhados ao CEP/EEUSP, para serem anexados ao processo.

Atenciosamente,

Prof. Dr. Paulo Maneghin
Vice-Coordenador do Comitê de Ética em Pesquisa da
Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo

8. REFERÊNCIAS

8. Referências

Alencar E. Introdução à metodologia de pesquisa. Lavras: UFLA; 1999.

Almeida Filho AJ, Santos TCF, Baptista SS, Lourenço LHSC. Reunião de diretoras de Escolas de Enfermagem: um cenário de lutas simbólicas no campo da educação em enfermagem (1943-1945), Rev Texto Contexto Enferm, Out-Dez; 14(4):528-36. Florianópolis; 2005.

Bardin L. Análise de conteúdo. Lisboa: Edições 1970; 1977.

Barreira IA. Os primórdios da Enfermagem Moderna no Brasil. Rio de Janeiro: Rev de Enfermagem, Escola de Enfermagem Anna Nery; 1997.

Barreira IA, Baptista SS, Santos TCF. Associação Brasileira de Enfermeiras Diplomadas no contexto da aliança Brasil - Estados Unidos: II Guerra Mundial e Pós-Guerra. História da Enfermagem - Revista Eletrônica (HERE), v. 1, p. 2-23; 2010.

Baptista PCV, Merighi MAB, Freitas GF. El estudio de la fonemenología como una vía de acceso a la mejora de los cuidados de enfermería. Cultura de los Cuidados, v, p. 9-15; 2011.

Barros JA. O campo da história: especialidades e abordagens. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes; 2004.

Bernardes MRB, Lopes GT, Santos TCF. A visibilidade da atuação de uma enfermeira do Exército Brasileiro a um ferido na 2ª Grande Guerra Mundial. Rev Esc Enferm USP; 39(1):62-7;2005.

Burke PA Escola dos Annales. 1929 – 1989. A revolução francesa historiografia. São Paulo: UNESP; 1989.

Bom Meihy JCS. Manual de História Oral. 5ª ed. São Paulo: Loyola; 2005.

Bonnewitz P. Primeiras lições sobre a sociologia de P. Bourdieu. Petrópolis: Vozes; 2003.

Bourdieu P. A miséria do mundo. Petrópolis: Vozes;1997.

Bourdieu P. Le sens pratique. Op cit p. 100-102; 1980.

Bourdieu P. Questões de sociologia. Rio de Janeiro: Marco Zero; 1993.

Bourdieu P. O poder simbólico. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil SA; 1989.

Bourdieu P. Coisas ditas. Tradução Cassia R. Da Silveira e Denise Moreno Pegorin; revisão técnica Paula Montero – São Paulo: Brasiliense; 2004.

Campos AV. O SESP e seu Programa de Enfermagem: a fundação das Escolas de Enfermagem da Universidade de São Paulo e do Estado do Rio de Janeiro. Fundação Oswaldo Cruz. Casa de Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro: Fiocruz/COC,229-233; 2008.

Carvalho AC. Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo: Resumo histórico – 1942-1980. São Paulo: EEUSP; 1980.

Carvalho,AC. Edith de Magalhães Frankel. São Paulo: EEUSP; 1992.

Cardoso R. Estrutura familiar e mobilidade social: estudo dos japoneses no estado de São Paulo. 2ªed. São Paulo, Kaleidos-Primus; 1998.

Catani DB, et al.Bourdieu pensa a educação. Revista Educação, 5(N. esp.): 17-25, 2011.

Caverini LMR. Curso Técnico de Enfermagem: uma trajetória histórica e legal - 1948 a 1973. São Paulo. Dissertação (Mestrado) - Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo; 2005.

Creswell J. Qualitative Inquiry and Research Design: Choosing among Five Traditions. Thousand Oaks, CA: Sage Publications; 1998.

Dore RP. Education in Tokugawa Japan. Berkeley: University of California Press; 1965.

Durham, ER. O ensino superior no Brasil: público e privado. NUPES – USP: São Paulo; 2003.

Eisner EW. Concerns and aspirations for qualitative resarch in te new millennium. Qualitative Res, 1 (2); 2001.

Fausto B. História do Brasil. EDUSP: São Paulo; 2000.

Freitas GF; Fernandes, MF; Merighi, MAB; Batista, PCP. Fenomenologia. In: Pesquisa em história da enfermagem. São Paulo: Manole p.372; 2011.

Fontenelle JP. A enfermagem de saúde pública: sua criação e desenvolvimento no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Canton & Reile Gráf; 1941.

Gastaldo DM, Meyer DE. A formação da enfermeira: ênfase na conduta em detrimento do conhecimento. Rev. bras. enferm; 42(1/4):7-13, jan.-dez; 1989.

Goldenberg M. A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais. Rio de Janeiro: Record; 1999.

Gluck CI. Japan's modern myths. Princeton, Princeton University Press; 1985.

Handa T. O imigrante japonês: história de sua vida no Brasil. T.A Queiroz Editor: São Paulo; 1987.

Hirano S. Prefácio 1. In: Encontros e memórias: a inserção Nikkei na USP e na sociedade brasileira. São Paulo: USP/EE/FFLCH; 2009.

Holanda A. Questões sobre pesquisa qualitativa e pesquisa fenomenológica. Análise Psicológica, 3 (XV): 363-372; 2006.

IBGE. Características Gerais da População: Resultados da Amostra.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo Demográfico; 2000.

Kruse, MHL. Enfermagem moderna: a ordem do cuidado. Rev. bras. enferm; 59 (esp):403-10; 2008.

Lesser, J. Negotiating national identity: immigrants, minorities, and the struggle for ethnicity in Brazil. Durham, Duke University Press. (2007), *A discontented diaspora: Japanese Brazilians and the meanings of ethnic militancy, 1960-1980*. Durham: Duke University Press; 1999.

Lincoln Y, Guba EG. [Naturalistic Inquiry](#). Sage Publications: Newbury Park, CA; 1985.

Marcus MT; Liehr PR. Abordagens de pesquisa qualitativa. In: LOBIONDOWOOD,G.; HABER, J. Pesquisa em Enfermagem: métodos, avaliação crítica e utilização. 4. ed., Rio de Janeiro: Guanabara Koogan; 2001.

Maruyama M. "Theory and psychology of ultra-nationalism", in I. Morris (org.), *Thought and behaviour in modern Japanese politics*. Trad. Ivan Morris. Oxford: Oxford University Press; 1963.

Minayo MDS. Ciência, técnica e arte:o desafio da pesquisa social. In: Minayo, MDS et al (org.). Pesquisa social: teoria, método e criatividade. 3ª ed. Petrópolis: Vozes; 1994.

Minayo MCS; SANCHES, O. Quantitativo-Qualitativo: Oposição ou Complementaridade? Cad. Saúde Públ., 9 (3): 239-262, jul/set. Rio de Janeiro; 1993.

Ministério da Saúde. Enfermagem: Legislação e Assuntos Correlatos. 3ª ed. Rio de Janeiro (RJ); 1974.

Mita M. The social psychology of modern Japan. Trad. Stephen Suloway. Londres: Kegan Paul; 1992.

Moustakes C. Phenomenological reserch methods. Sage, CA: Thousand Oaks.; 1994.

Ninomiya M. O tradicional e o moderno: da educação dos filhos de imigrantes japoneses. In Sakurai C e Coelho MP (orgs). Resistência e integração: 100 anos de imigração japonesa no Brasil. Rio de Janeiro: IBGE; 2008.

Neves JL. Pesquisa qualitativa – características, uso e possibilidades. Cadernos de pesquisa em administração, 1 (3), 2ºsem: São Paulo; 1996.

Nogueira MA; Nogueira, CMM. Bourdiei & a Educação. 3ª. Ed. Belo Horizonte: Autêntica; 2009.

Nursing Association Publishing Company. Japão, 2011. Disponível em <http://www.nurse.or.jp/jna/english/pdf/nursing-in-japan2011.pdf>. Acessado em 12 de dezembro de 2012.

Oda E. Interpretações da cultura japonesa e seus reflexos no Brasil. Revista Brasileira de Ciência Sociais (26)75,103-16. Fevereiro; 2011.

Oguisso T. Trajetória histórica e legal da Enfermagem. Barueri: Manole; 2005.

Oguisso T; Campos, PFS; Freitas, GF. Pesquisa em história da Enfermagem. 2ª ed. Barueri: Manole; 2011.

Paixão W. História da Enfermagem. 4 ed. Rio de Janeiro: Bruno Buccini; 1969.

Praça NS; Silva IA. Rigor na pesquisa qualitativa em enfermagem. In: Merighi MAB & Praça NS. Abordagens teórico-metodológicas qualitativas: a vivência da mulher no período reprodutivo. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan; 2003.

Pereira GM, et al. Bourdieu pensa a educação.;5(N. esp.) 6-15 Revista Educação; 2011.

Platt B. *Burning and building: schooling and state formation in Japan 1750-1890*. Cambridge (MA): Harvard University Asia Center; 2004.

Portela GL. Abordagens teórico-metodológicas. Projeto de Pesquisa no ensino de Letras para o Curso de Formação de Professores da UEFS; 2004.

Ramos JS, Dos males que vêm dom o sangue: as representações raciais e a categoria do imigrante indesejável nas concepções sobreimigração da década de 20. In Maio MC e Santos RV (orgs). Raça, ciência e sociedade, Rio de Janeiro, Fiocruz/ Centro Cultural Banco do Brasil; 1996.

Salgado Jardim AC. & Santos Pereira V. Metodologia qualitativa: é possível adequar as técnicas de coleta de dados aos contextos vividos em campo? 47. Congresso da Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural, Porto Alegre, 26 a 30 de Julho de 2009.

Sanna MC. Histórias de enfermeiras gerentes: subsídios para a compreensão de uma referência de organização de serviços de enfermagem no período de 1950 a 1980. Rio de Janeiro: Escola Anna Nery/UFRJ; 2002.

Sauthier J; Carvalho, V. A Missão Parsons: documentos históricos da EEAN / UFRJ – 1922 a 1931. Rio de Janeiro: Anna Nery/UFRJ; 1999.

Sauthier J. A missão de enfermeiras norte-americanas na capital da Republica (1921 – 1931) – Rio de Janeiro: UFRJ, 1996. TESE (doutorado em Enfermagem) – Escola de Enfermagem Anna Nery, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1996.

Secaf V; Costa H. Enfermeiras do Brasil - Historias das Pioneiras. Martinari: São Paulo; 2008.

Serra, MA (org). Diversidade cultural e desenvolvimento urbano. São Paulo: Iluminuras; 2005.

Seyferth G. "Construindo a nação: hierarquias raciais e o papel do racismo na política de imigração e colonização", *in* M. C. Maio e R. V. Santos (orgs.), *Raça, ciência e sociedade*, Rio de Janeiro, Fiocruz/Centro Cultural Banco do Brasil; 1996.

Siles J. Historia de la enfermería. Alicante, Espanha: Agua Clara; 1999.

Spector PE. Psicologia nas organizações. São Paulo: Saraiva; 2004.

Takeuchi MY. O perigo amarelo em tempos de guerra (1939 194). São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo; 2002.

Turato ER. Métodos qualitativos e quantitativos na área da saúde: desafios, diferenças e seus objetos de pesquisa. Revista Saúde Publ. 39 (3): 507–14; 2005.

The Lancet. Volume 378. Issue 9796. page 1049, 17 September 2011. Published Online; 2011.

Tripp-Reimer, T. Reconceptualizing the construct of health: Integrating emic and etic perspectives. Research in Nursing and Health, 7,101–109; 1984.

Triviños ANS. Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas; 1992.

Werneck VM. População está mais mestiça e evangélica. Publicado no Jornal O Estado de São Paulo. Disponível em http://www.ccr.org.br/a_noticias_detalhes.asp?cod_noticias=753 Consultado em 18/01/2012.

Yoshimi S. "The cultural politics of the mass-mediated emperor system in Japan", in P. Gilroy, L. Grossberg e A. McRobbie (orgs.), *Without guarantees: in honour of Stuart Hall*. Londres: Verso; 2000.